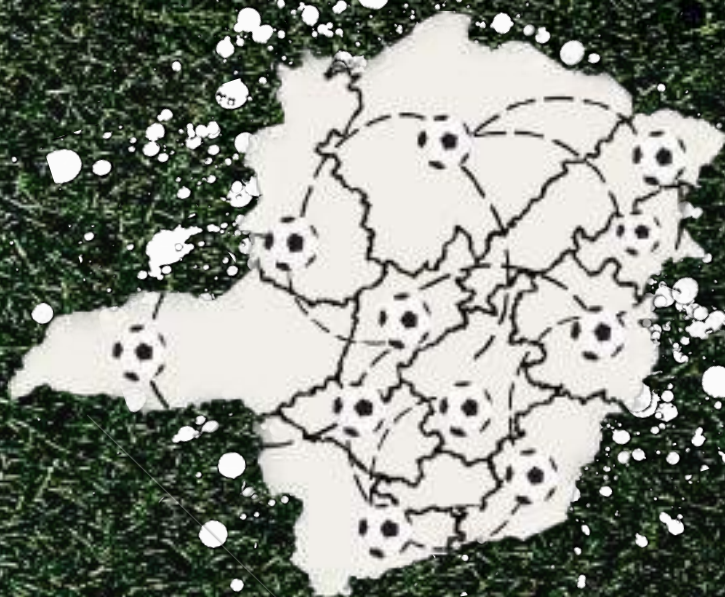


ITINERÁRIOS DA LIBERDADE



A BUSCA POR INDEPENDENCIA
PELOS CLUBES DE FUTEBOL
DE MINAS GERAIS

Daniel Mendes
João Lamêgo
Maria Carolina Martins



Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer às duas pessoas que, caso não estivessem presentes, não teria sido possível produzirmos esse livro. Por isso, dizemos um profundo obrigado para o nosso orientador, Phellipy Jácome, e ao coorientador, Ives Teixeira. Cada reunião que tivemos nos motivou cada vez mais para as nossas escritas.

Além disso, estudar e se formar na Universidade Federal de Minas Gerais tem um grande peso em nossas vidas. Somos gratos à universidade por ser esse espaço de acolhida e de transmissão de saber.

Aos nossos pais agradecemos pelo suporte dado em toda a nossa jornada acadêmica e por nos fazerem sempre acreditar que conseguimos chegar onde quiséssemos alcançar.

Aos entrevistados e entrevistadas somos eternamente agradecidos por terem compartilhado conosco suas histórias pessoais envolvendo o futebol. Esperamos que tenhamos correspondido à altura ao contá-las.

Por fim, dedicamos este livro aos entes queridos que nos deixaram em algum momento de nossa trajetória, como alguns de nossos avós e avôs. Foi por eles que nos esforçamos ainda mais.

Sumário

PRÓLOGO	4
CAPÍTULO 1 - "Que fase!": as mudanças econômicas no futebol mineiro	11
Dos primeiros campos às SAF's.....	12
A reconstrução de Cruzeiro e Ipatinga após profundas crises econômicas...	30
Funorte x North: dois polos opostos no Norte do estado.....	49
A parceria à moda antiga do América de Teófilo Otoni.....	60
CAPÍTULO 2 - Camisa 12: as diferentes relações do torcer com o futebol de Minas	81
Os diversos modos de torcer no estado.....	82
Qual é o protagonismo das torcidas organizadas em Minas Gerais?.....	98
As minas nos estádios.....	123
As pioneiras do esporte proibido: história do início do futebol feminino no Brasil.....	129
CAPÍTULO 3 - O futebol de braços dados com a política	147
Quando os itinerários se cruzam: o gramado político de Belo Horizonte...	148
Das memórias setembrinas.....	156
EPÍLOGO	170

Prólogo

Talvez a maior inspiração para escrevermos este livro tenha sido os times de futebol do interior de Minas Gerais. Os clubes invisíveis. Ou, ao menos, os clubes que nosso viciado olhar considerava acreditar serem invisíveis. É claro que América, Atlético e Cruzeiro possuem uma importância gigantesca no contexto do cotidiano mineiro. Sempre tiveram e terão. Porém, o ato de descobrir histórias envolvendo as equipes de toda Minas Gerais foi o empurrão que precisávamos para começar nosso trabalho envolvendo as relações intrínsecas entre futebol, economia, torcida e política.

Por exemplo, o Democrata de Sete Lagoas é um desses times que acreditam estar no patamar de 'clubes invisíveis'. Em 3 de abril de 2020, o dirigente do time, Renato Paiva, divulgou uma carta de pedido de socorro direcionada aos presidentes das principais confederações do futebol no Brasil e no mundo - a Federação Mineira de Futebol, a CBF e a FIFA. Na época, a equipe chegou ao auge das dificuldades financeiras, agravadas pela pandemia da Covid-19¹.

“Nosso fôlego acabou. O desequilíbrio financeiro gerado nas últimas décadas chegou ao seu limite. Estamos pedindo socorro em nome do nosso querido Democrata Futebol Clube de Sete Lagoas”.

O Democrata se referia ao fato de ser um clube formador de atletas e ter sido esquecido pelas federações e pelos “grandes” na hora de pagar as contas, já que teria que desembolsar as mesmas taxas - consideradas absurdas pela diretoria - que um time “de ponta”. Para Renato, a ‘lei do passe’ teria sido o principal motivo para a derrocada financeira da agremiação. Sancionada em 24 de março de 1998, a norma - também conhecida como Lei Pelé - previa que os jogadores passariam a possuir contratos com prazos fixos, multas estipuladas e cláusulas especiais, indenizatórias e compensatórias.

O Democrata explica na carta que a “quebradeira” ocorreu em grande parte, porque os “invisíveis”, que antes desenvolviam os jogadores e os vendiam, desde o fim da Lei Pelé formam os atletas para que clubes maiores e agentes os levem gratuitamente. Ou seja, o custo de formação continuou com os “invisíveis”, mas a receita foi usurpada, sem que fosse feito um fundo que permitisse que esses clubes fossem mantidos “vivos”.

Logo, coube aos clubes se organizarem para que a norma estabelecida não os impactasse tanto financeiramente: o futebol começou a se interessar pelo ramo empresarial. Em sequência, o dirigente porta-voz complementa que a falta de um ‘calendário digno’ também interfere no planejamento da equipe - não só dela como dos demais times do interior.

Questões excepcionais como a Covid-19 mostraram que um evento atípico pode colocar a perder toda a preparação de um time sem tanta estrutura. Exemplos não faltam. Em 2021, Esportiva Guaxupé, Ipatinga (B), Minas Boca, Nacional de Uberaba, Valeriodoce e XV de Novembro anunciaram a desistência de participar da Segunda Divisão do Campeonato Mineiro² - que é na verdade a terceira divisão.

Um ano antes, o Tupi pleiteou a desistência de participar do Módulo II - a real segunda divisão -, mas foi impedido pela própria Federação Mineira de Futebol (FMF). Caso optasse por seguir esse caminho, a equipe foi alertada de que um rebaixamento automático para a Segunda Divisão, uma multa que poderia chegar até R\$200 mil reais e a suspensão de todas as competições pelo período de dois anos aguardavam-na³. Logo, não desistiram.

Por isso, é inegável dizer que um cronograma com maior pensamento nos clubes de menor infraestrutura seria bem-vindo. Às vezes, pode nem ser por conta de uma questão de eventos pandêmicos globais que um time seja afetado. Uma expulsão injusta, gol mal anulado, uma brecha no regulamento, enfim, muitos fatores podem contribuir para que uma equipe não se classifique para a próxima fase de um torneio relativamente curto, como do Campeonato Mineiro, e abram um es-

paço gigantesco em sua agenda de compromissos ao restante do ano.

Ocorreu isso com o Villa Nova, no Campeonato Mineiro de 2022, ao menos na versão de seu departamento jurídico. O Leão do Bonfim havia terminado a competição em sexto lugar, colocação esta que garantiria o time na Série D do Campeonato Brasileiro de 2023. Porém, após o término do torneio, ocorreram as partidas do Troféu Inconfidência, campeonato criado pela FMF para que o vencedor viesse a disputar a Recopa, de partida única, contra o Campeão do Interior - time melhor colocado sem levar em conta a posição dos três principais de Belo Horizonte.

Portanto, nesse quadrangular que funciona o Troféu Inconfidência, o quinto posicionado joga contra o oitavo e o sexto encara o sétimo colocado. Em um esquema de dois jogos, o Villa seria eliminado na semifinal pelo Democrata de Governador Valadares, que eventualmente se sagraria campeão. Porém, o problema para o clube de Nova Lima foi que a FMF divulgou uma nova tabela ao fim do campeonato, adicionando as pontuações do quadrangular.

Logo, o Villa caiu duas posições e foi para a oitava colocação e perdeu o direito à vaga na Série D do ano seguinte. Por isso, o clube recorreu da decisão e foi ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), porém teve seus argumentos - de que a federação havia errado - negados⁶. Desde a criação do Troféu Inconfidência, em 29 de outubro de 2019, nunca o quadrangular havia feito diferença na ordem dos times: na primeira edição, em 2020, o Cruzeiro abriu mão do título a fim de entregá-lo para o Uberlândia, que teve um surto de 13 casos de covid-19 no elenco às vésperas da partida⁵.

Em 2021, o Pouso Alegre se sagrou o campeão batendo a URT na finalíssima, o que não faria diferença na classificação final, pois ambos anteriormente já estavam à frente dos outros times que participaram do último quadrangular. Apenas em 2022 começaria o problema, que trouxe uma infelicidade para o Villa. De acordo com o clube, em nota ao globoesporte.com, a não participação do clube na quarta divisão do brasileiro acarretaria na "difícil reparação" de prejuízos.

Novas formulações de disputa do torneio podem ser saídas para que menos “injustiças da bola” ocorressem aos times do interior. Inclusive, em 2023, um novo formato de disputa entrará em vigor no Módulo I do Campeonato Mineiro⁶, decidido em reunião da FMF no dia 24 de outubro de 2022: as doze equipes estarão divididas em três grupos com quatro times na fase inicial, e só disputarão partidas contra clubes das outras chaves. Além disso, outra alteração é no modo de rebaixamento dos times: o descenso será jogado em um triangular composto pelas três equipes de menor aproveitamento na primeira fase.

Outro torneio que está na cota para ser disputado é a Copa Sul-Minas⁷, com times do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais abraçando a ideia. Adriano Aro, presidente da FMF, inclusive informou ao *Uol Esportes*, em 17 de outubro deste ano, que o Campeonato Mineiro teria datas removidas para que a competição contra as equipes do sul do país ocorra. Caso de fato aconteça em 2023, o torneio voltará 20 anos após a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o ter cortado para dar mais datas ao Campeonato Nacional. Sempre há uma intensa disputa de poderes envolvida, que tende a estourar para o elo mais fraco.

Mudanças são necessárias para os pequenos clubes. Mas assim como o presidente do Jacaré de Sete Lagoas diz em sua carta, o apoio financeiro imediato é apenas uma espécie de antitérmico. Isto é, uma remediação. Por exemplo, durante a pandemia da Covid-19, a CBF anunciou medidas de suporte econômico para os clubes da Série C, da Série D e para as vinte e sete Federações estaduais envolvendo o futebol⁸. Porém, isso não veio de graça: em reportagem do dia 20 de abril de 2022 do jornalista Rodrigo Mattos, da Uol⁹, foi apontado que a dívida das equipes junto à CBF triplicou após a ajuda financeira - ultrapassou a marca de cem milhões de reais. Ao final de 2019, esse valor era avaliado em menos de trinta e seis milhões.

Por isso, para que a franqueza da carta escrita não tenha sido em vão, é preciso que sejam realizadas modificações que levem à transformações duradouras. Contar e divulgar histórias, tais como a do pedido

do Democrata, são essenciais para que estas não caiam no esquecimento. Em outro trecho da carta, há um mais comentário impactante:

“Como somos invisíveis, não sei se a carta chegará aos seus destinatários, apesar de contarmos com as redes sociais”.

Como futuros jornalistas, a capacidade de dar visibilidade a uma questão e não outra é um dos pontos mais árduos de realizarmos em nossa área. Tanto é que no processo de elaboração do livro por muitas vezes ficamos com o sentimento de “nossa, isso poderia entrar, mas não dá mais tempo” ou de “esse relato é incrível, mas destoa muito do nosso tema”. Mas mesmo assim, ao final, foi um privilégio ter escutado tantas histórias de Minas Gerais.

Outra dessas memórias contadas no livro envolveu o Sete de Setembro, antigo clube profissional de Belo Horizonte. Assim como o Democrata de Sete Lagoas, o time também carrega consigo o sentimento da invisibilidade. Desde 1997 sem disputar partidas oficiais, a equipe tenta voltar aos gramados, mas esbarra em limitações financeiras e jurídicas, como o imbróglio envolvendo a questão do estádio Independência junto ao América, que exploraremos mais adiante no livro. Entra em campo mais uma vez a questão da disputa desproporcional dos times considerados grandes contra aqueles sem tantos recursos - sejam estes econômicos, sociais ou políticos.

Por conta disso, elaboramos o seguinte conceito: os times invisíveis são, na verdade, aquelas associações que estão no estágio inicial para que possam conquistar a tão aclamada liberdade esportiva, a qual os clubes tanto anseiam. Esta liberdade é equivalente às condições que um clube possui de constantemente se manter disputando torneios em alto nível e brigando pelos troféus destes. Para alcançar esse patamar, nomeamos necessárias três etapas - os fatores de independência -, que são os aspectos econômico, social e político. Estes são os três capítulos que você, leitor, encontrará mais para a frente. A condição financeira é a primeira parte do livro, já que sem ela, há uma grande dificuldade de se fazer futebol profissional nos dias atuais. Exploramos os modelos

da Sociedade Anônima do Futebol e de outros tipos de parcerias que os times mineiros possuem para prosperar no esporte. Em sequência, analisamos o fator social mais econômico de todos: a maior fidelidade que um clube pode ter - sua torcida. Contos e relatos de torcedores dos mais diversos times de Minas Gerais estão presentes nessa etapa. E, por fim, no último capítulo, averiguamos o quão interligada do futebol mineiro está a política. Para isso, recorreremos aos três grandes clubes de Belo Horizonte - América, Atlético e Cruzeiro - e também ao Sete de Setembro. Por isso, após ouvir os relatos dos mais de 30 entrevistados presentes nesse livro e examinar os diversos itinerários, nos quais os times buscam por maior reconhecimento, suporte financeiro, material e humano, é possível avaliar os métodos que as equipes utilizam para saírem da alcinha de clubes invisíveis, como o Democrata de Sete Lagoas anseia, ou mesmo para não entrarem no esquecimento, que o Sete de Setembro luta para sair.

Em entrevista concedida a Rodrigo Capelo na obra "*O futebol como ele é*" - inclusive uma das inspirações para este livro ser produzido -, Alexandre Kalil, ex-presidente do Atlético Mineiro, cita perfeitamente o nosso sentimento após termos escutado relatos tão significativos.

"Minas Gerais tem esse problema. Eles se acham menores do que são e não têm noção da grandeza que têm".*

Desse modo, nosso livro tem como um de seus principais objetivos - se não o maior - mostrar e relembrar a grandeza de Minas Gerais. Não somente no futebol como também em seus detalhes e em suas mineiridades, que fazem o estado, com mais de 21 milhões de habitantes de acordo com estimativa realizada pelo IBGE em 2021, único.

**O contexto em que o então prefeito de Belo Horizonte "soltou" o verbo foi em relação ao pai, Elias Kalil, ter sido acusado de dar mordomias a atletas e comissão técnica do Galo em viagens internacionais, como pagar hospedagem em hotéis cinco estrelas. Inclusive, o falecido dirigente daria nome ao novo estádio do clube, porém Alexandre Kalil voltou atrás e pediu para que seu pai não fosse mais homenageado. O fator político entrou diretamente nos gramados.*

Por isto, esperamos que aproveitem os relatos contidos nos capítulos deste livro-reportagem, envolvendo os fatores que consideramos fundamentais para que um clube passe do estágio inicial de independência até o estado em que alcançará a liberdade esportiva.

Boa leitura!

Daniel Mendes

João Lamêgo

Maria Carolina Martins

CAPÍTULO 1

“QUE FASE!”: AS MUDANÇAS ECONÔMICAS NO FUTEBOL MINEIRO

Athletic, Boston City, Tombense
Cruzeiro, Ipatinga
Funorte, North
América de Teófilo Otoni

Dos primeiros campos às SAF's

Na recente e promissora Belo Horizonte - estabelecida como capital das Minas Gerais em 1897, condição que anteriormente pertencia a cidade de Ouro Preto, simbolicamente muito vinculada com a antiga Coroa Portuguesa – o Velho Continente ainda era inspiração não só para o planejamento urbano e os ideais republicanos mas também para um esporte ainda pouco conhecido pelos lados de cá do Atlântico.

O futebol, de raízes britânicas, rompeu as fronteiras da ilha e logo no início do século passado chegou forte ao Brasil. Na capital mineira, o primeiro palco do esporte pouco conhecido esporte foi um campo improvisado no gramado do Parque Municipal. Esse local, desenvolvido pelo arquiteto e paisagista francês Paul Villon, teve como objetivo de trazer o público de toda a cidade para um espaço de lazer. Porém, apenas na teoria. Na prática, a história foi um pouco diferente, como destaca o professor e pesquisador da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Euclides Couto, em sua tese *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas*: “a distribuição geográfica ordenada de acordo com a ocupação no trabalho, somada à especulação imobiliária na área próxima aos prédios públicos, principalmente nas ruas Espírito Santo, Guajajaras, Bahia e na Avenida Afonso Pena, tornou elitizada a área adjacente ao Parque Municipal”, em somado a isso, “pessoas que moravam um pouco mais afastadas da região central da cidade obtinham dificuldades de chegar até o Parque e aproveitar o espaço”.

Nesse contexto, o parque abrigou inicialmente o primeiro esporte organizado da cidade, o ciclismo, não sendo muito estranho, algo bastante elitizado, afinal, nem todos tinham condições de ter uma bicicleta. Mas, deixando de lado as bicicletas, o caminho natural para a introdução de uma nova prática esportiva em Belo Horizonte seria o Parque Municipal. Assim, um carioca que havia passado uma temporada na Suíça, destino natural para os filhos da elite brasileira naquela época, teve contato com o “football” e chegou em Minas para estudar



Créditos: Arquivo Público Mineiro

Victor Serpa (sentado, com a bola nos pés) e os jogadores do Sport Club.

Direito. Seu nome é Victor Serpa e consigo trouxe as regras do esporte para aplicá-las na cidade onde estava morando. No dia 3 de maio de 1904, a bola rolou pela primeira vez. Não foi exatamente um jogo, mas uma exibição do novo esporte em uma parte do gramado do Parque Municipal, próximo de onde hoje se encontra o Teatro Francisco Nunes.

Pouco mais de um mês depois, de acordo com a tese *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)* realizada pelo doutor em História pela Fundação Getúlio Vargas, Raphael Rajão, em 10 de julho daquele ano, Serpa fundou o Sport Club, primeiro clube da capital, há quase 120 anos. Dois anos depois, em 1906, o Sport Club buscou um espaço para a realização de seus treinamentos, uma área em que está hoje localizado o Centro Mineiro de Promoções Israel Pinheiro, o Minascentro. O Sport Club fez as cercas no espaço, gramou e nivelou o terreno e pediu sua concessão, mas a Prefeitura não aceitou o pedido. Somado a isso, Victor Serpa, um dos maiores incentivadores do esporte, acabou falecendo no início de 1906, após passar férias no Rio de Janeiro. Fator esse que provocou um pequeno momento de declínio no entusiasmo quanto ao futebol na cidade. Isso porque, segundo Raphael: “A morte de um personagem da importância do capitão do Sport Club parece ter afetado, ainda que associado a outros fatores, o desenvolvimento do futebol na capital mineira. Se a princípio, as atividades mantiveram-se no mesmo ritmo, após alguns meses, evidências de diminuição de entusiasmo em torno da prática começaram a surgir”.

No entanto, na transição da década de 1910, dois clubes atuais marcaram presença nessa retomada. Primeiro, em 1908, o Athletic Mineiro Football Club, atualmente conhecido como Clube Atlético Mineiro teve início nos campos improvisados do Parque Municipal. Depois disso, segundo o doutor em Estudos do Lazer pela UFMG, Georgino Souza Neto, em sua tese *Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada*, o time alvinegro também possuía um “campo”, situado na Rua dos Guajajaras, entre Rua Curitiba e Rua São Paulo, o local: “era completamente irregular e não media mais do que 30 metros. de largura por 70 de comprimento, e sequer havia marcas laterais. Em 1916, conseguiu uma concessão definitiva do terreno onde o Sport Club havia feito todos os melhoramentos e que mandava os seus jogos, localizado na antiga Avenida Paraopeba, hoje Avenida Augusto de Lima. A Prefeitura de Belo Horizonte, sob gestão de Cornélio Vaz de Melo, permitiu que a equipe ocupasse o terreno e que fossem construídas arquibancadas”.

Fundado em 1912, o América Futebol Clube se apropriou de um terreno, também da Prefeitura, em que nem gramado havia, contudo, a superfície era de macadame, um tipo de calçamento feito com pedra e areia. Em outra concessão de terreno por parte da Prefeitura, dessa vez na figura de Affonso Vaz de Melo, irmão do antecessor o América obteve decisão favorável e, em outubro de 1920, conseguiu a área logo em frente ao campo do Atlético, na então Avenida Paraopeba, para a construção do seu estádio. A inauguração oficial aconteceu em maio de 1923, com a presença do então governador de Minas Gerais e conselheiro do América, Raul Soares, que deu o simbólico ‘pontapé inicial’. De acordo com a enciclopédia do clube alviverde, de autoria de Carlos Paiva, o América venceu o xará do Rio de Janeiro por 5 a 1.

Ainda no início da década de 1920, outro personagem importante teve seu início, o Cruzeiro. Na época, conhecido como Sociedade Esportiva Palestra Itália, foi fundado em janeiro de 1921 e também cultivou a vontade de construir o seu próprio estádio. No primeiro aniversário da fundação, com o objetivo de pressionar o poder público para a concessão de um terreno, uma pedra fundamental foi lançada simbolicamente. Pouco tempo depois, em abril de 1922, a Prefeitura de

Belo Horizonte concedeu ao Palestra Itália o terreno entre as ruas Ouro Preto, Araguari, Guajajaras e a Paraopeba.

A inauguração oficial, em setembro de 1923, marcou uma data simbólica para a comunidade italiana - que de acordo com a professora de História da UFMG, Eliane de Freitas Dutra, corresponde a quase 10% da população da cidade - que estava em meio às comemorações dos 53 anos da tomada de Roma no processo de unificação italiana. Quanto a partida, de acordo com Almanaque do Cruzeiro, de autoria de Henrique Ribeiro, o Palestra empatou com o Flamengo, do Rio de Janeiro, por 3 a 3. Nesse terreno, o campo inaugurado na década de 1920, foi remodelado em 1945, quando foi denominado Estádio Juscelino Kubitschek, em homenagem ao então prefeito de Belo Horizonte, e que viria a ser Presidente da República, onze anos depois.

Com isso, os estádios movimentavam a Avenida Paraopeba, que viveu o seu ápice com os jogos e as pessoas que circulavam por ali na região central da efervescente Belo Horizonte. No entanto, para manter os aspectos do planejamento urbano e arquitetônico da cidade, durante a década de 20, o poder público via a canalização do Córrego do Leitão como a principal alternativa para a urbanizar grande parte da região central da cidade. Nesse sentido, as obras se iniciaram em 1924 e se estenderam até 1930 e tiveram impacto importante nos rumos de América e Atlético. Havia uma “necessidade imperiosa” - como define o então Christiano Machado no Relatório do Prefeito enviado ao Conselho Deliberativo da capital - de se construir um novo mercado e também do governo estadual de construir um prédio para a Secretaria de Saúde. Com isso, como contrapartida América e Atlético receberiam novos estádios totalmente prontos, saindo assim da Avenida Paraopeba.

Em 1928, o Atlético inaugurou o Estádio Antônio Carlos, mais uma homenagem ao então governador de Minas, localizado na Avenida Olegário Maciel (nome atual da avenida), com a Rua Bernardo Guimarães, Gonçalves Dias e Rua Rio Grande do Sul. O campo foi demolido e hoje o terreno é ocupado pelo Shopping Diamond Mall.



Créditos: Acervo Coelho

Estádio Antônio Carlos

Já o América, também em 1928, no atual bairro Santa Efigênia, teve inaugurado o Estádio do Alameda, próximo entre as atuais Alamedas Ezequiel Dias e Álvaro Celso, e também da Avenida Francisco Sales e Avenida dos Andradas. O estádio foi remodelado em 1945 e foi denominado como Estádio Otacílio Negrão de Lima, homenageando o então prefeito de Belo Horizonte. O campo foi demolido e hoje a área é ocupada por um supermercado.

Estádio Otacílio Negrão
de Lima



Créditos: Acervo Coelho

Como apresentado, fatores muito importantes a serem levados em conta nessa trajetória inicial do futebol em Belo Horizonte são os entrelaçamentos das relações entre os aspectos arquitetônicos, urbanos e políticos da cidade na intenção de modernizar e aproveitar todo o potencial que a nova capital poderia oferecer. Com isso, outras áreas, mais periféricas, localizadas fora da Avenida do Contorno foram recebendo clubes que adentravam cada vez mais para os bairros da cidade.

Isso porque, desde a criação do Sport Club até o fim dos anos 1930, os campos onde aconteciam os jogos não saíam da região central da cidade. De acordo com Georgino¹⁰, em sua tese, houve duas exceções: uma foi a tentativa frustrada de reativar o Hipódromo Prado Mineiro com atividades futebolísticas nos anos 1910. A outra é o caso do Sete de Setembro, que mandava seus jogos na chácara da família Negrão de Lima e depois atuou na região do bairro Santa Tereza, na região leste da capital. Diante disso, os principais personagens envolvidos nessas mudanças também tiveram seus rumos alterados. Com o objetivo de trazer esse ambiente mais moderno ao futebol, começou-se a discutir na então capital do país, Rio de Janeiro, sobre a condição dos jogadores.

Naquela época, o futebol não era visto e nem tido como um ambiente profissionalizado, com o comprometimento em recuperação e treinamentos específicos, como é muito comum nos dias atuais. Havia um contexto mais amador, não no sentido pejorativo, mas de quem amava praticar e consumir o esporte. Esse espírito do amadorismo foi fator importante para que o futebol se consolidasse. Porém, a discussão sobre a profissionalização começou a emergir. Isso porque esse cenário “profissional” já estava sendo debatido e implementado em clubes no Rio de Janeiro. Desse movimento, uma pressão por parte de alguns jornais que faziam cobertura esportiva à época começaram a sinalizar possíveis perdas de atletas que os clubes da capital mineira poderiam sofrer.

Segundo a doutora em Estudos de Lazer pela UFMG, Sarah Soutto Mayor¹¹, em sua tese “O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940”, além dessa mudan-

ça ter acontecido por forte influência da imprensa, ela foi implementada de maneira rápida em relação ao contexto do Rio de Janeiro: “Assim, o regime profissional se estabeleceu em Minas Gerais, quatro meses depois da capital federal, e pode-se considerar que sua rápida adesão foi produto de uma grande investida midiática, sobretudo capitaneada pelo jornal Estado de Minas e pelo Jornal dos Sports. Muitos foram os argumentos discursivos utilizados nos impressos para legitimar o novo regime em Belo Horizonte (especialmente os que se aproveitavam de estratégias comparativas com outras cidades e de dados quantitativos acerca das vantagens do profissionalismo). A institucionalização do esporte e sua nova ordem organizacional o distanciava de preceitos como o lazer e o divertimento. Embora seja possível considerar que o exercício da profissão pudesse comportar, em algum momento, características de diversão, os princípios e os objetivos que passaram a reger o novo esporte, pautados no compromisso profissional firmado pelo assalariamento, transformaram significativamente a lógica do jogo. As redes de sociabilidade também se alteraram, já que as equipes passaram a ser compostas por jogadores-trabalhadores oriundos de várias regiões do país e não mais por pessoas de um mesmo círculo social, o que ocorria, comumente, no período do amadorismo”.

Ou seja, o esporte que teve início com o pioneirismo amador do início do século XIX, ia tomando novos ares, alçando voos maiores. Porém, pode-se observar que esse aspecto da profissionalização no futebol ali dos anos 1930 era muito circunscrita ao ambiente dos “jogadores-trabalhadores”, como disse Mayor. Por mais que os jogadores sejam os protagonistas de uma partida de futebol, as decisões não são tomadas única e exclusivamente por eles. Não dá para excluir o fato de que outros componentes do ‘fazer futebolístico’, como cargos de gestão (presidentes, diretores), os membros de comissão técnica e árbitros e assistentes não receberam a devida atenção a esse aspecto. Na questão da arbitragem, por exemplo, não há essa profissionalização. Os árbitros e assistentes possuem trabalhos fora das quatro linhas e em paralelo comandam jogos de futebol pelo país.

Assim, Sarah ainda argumenta que esse processo de profissionalização na capital mineira não se deu de maneira incólume, mas com

diversas situações conflitantes. A pesquisadora afirma que: “o caso belo-horizontino demonstra que a década de 1940 ainda seria bastante impactada pela dubiedade das relações entre amadorismo e profissionalismo e por uma série de imbróglgios, em um cenário por vezes confuso e bastante desorganizado”. Esses imbróglgios dizem respeito a alguns aspectos como: a breve carreira que um jogador poderia obter, violências que envolviam atletas, árbitros e até mesmo torcedores e também problemas estruturais e financeiros do clube. Um ambiente bastante caótico para que o esporte conseguisse se consolidar. Na esteira dos problemas de estrutura e de finanças dos clubes, outro paralelo com os dias atuais pode ser estabelecido. Assim como naquela época, clubes hoje em dia convivem com problemas financeiros e, invariavelmente, precisam passar por um processo de reconstrução. Outro ponto é que, da mesma forma que o poder público foi muito solícito nas concessões dos terrenos para as construções de estádios de futebol na cidade, ainda é perceptível que os líderes de governo favorecem e maquiam esses problemas, com propostas de renegociação de dívidas e outras ajudas aos clubes.

É possível destacar uma das grandes novidades, que talvez seja a maior delas nos últimos anos, a chegada das SAF, sigla para Sociedade Anônima do Futebol. Isso se deve ao fato de que houve uma mudança na legislação em âmbito federal sobre como os clubes podem fazer suas gestões de agora em diante. Devido a lei nº 14.193¹² de 6 de agosto de 2021, pouco mais de um ano atrás, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República, os clubes de futebol têm a possibilidade de serem geridos por meio da SAF. E essa mudança impactou e promoveu transformações diversas em vários clubes do estado. Mas antes de continuarmos, é necessário fazermos uma explicação dos modelos de gestão estabelecidos nos clubes brasileiros e como a SAF chega para mudar, consideravelmente, esse cenário do futebol no Brasil.

DAS GESTÕES E SUAS QUESTÕES

Tradicionalmente, os clubes de futebol surgiram e foram moldados por meio da gestão pelo modelo associativo. Com algumas exceções, claro. Um exemplo é o Valeriodoce Esporte Clube, clube da cidade de Itabira, fundado no dia 22 de novembro de 1942 por funcionários da Companhia Vale do Rio Doce, que à época ainda era uma empresa estatal. Talvez seja possível afirmar que se tratava de uma espécie de clube-empresa, pois a Companhia investiu bastante no projeto. Contudo, com a privatização da Vale do Rio Doce, no fim dos anos 90, por parte do Governo Federal, o clube passou a sofrer bastante com problemas financeiros e chegou até a abandonar o futebol profissional. Porém, em abril de 2022¹³, o Valeriodoce se transformou em SAF, e está novamente ativo no futebol profissional, disputando atualmente a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro.

Apesar de muitos clubes enfrentarem, historicamente, problemas estruturais e financeiros, muitas vezes em decorrência de falhas no modelo associativo de gestão, seria um tanto quanto injusto responsabilizar gestões ruins feitas por dirigentes ruins, em um modelo que, bem ou mal, funcionou por vários anos no futebol brasileiro e foi uma das maneiras pelas quais o futebol foi se consolidando no país. As boas gestões por meio do modelo associativo devem ser evidenciadas e elogiadas por seus feitos. Há o exemplo do Democrata de Sete Lagoas, que vem obtendo relativo sucesso com o modelo, após período conturbado em 2020. O clube já existe há mais de cem anos e teve no seu passado recente um processo de completa reconstrução, em que a equipe alvirrubra passou por várias adversidades, que veremos mais à frente. Contudo, a boa gestão prevaleceu para que a renovação pudesse acontecer.

No entanto, como já foi ressaltado, não são todos os casos de equipes que conseguem se reerguer dentro do modelo associativo, pois os problemas financeiros e a falta de recursos para investimentos no futebol são tão escassos que muitas vezes parece não haver uma saída. Como alternativa, um time de futebol pode se transformar em um

clube-empresa ou em uma Sociedade Anônima do Futebol. E por mais parecidos que sejam os modelos, há algumas diferenças entre eles. Em matéria publicada pelo jornalista Gabriel Coccecone, para o blog 'Lei em Campo', do portal UOL¹⁴, no dia 22 de fevereiro de 2022, advogados especialistas no assunto responderam algumas perguntas a respeito desse tema muito em voga nos últimos tempos no futebol brasileiro.

Para João Paulo di Carlo, advogado especialista em direito desportivo, a SAF nada mais é do que: "É uma empresa cuja atividade principal consiste na prática do futebol em competições profissionais, diferentemente do modelo tradicional de clubes do Brasil, que, por sua maioria não tem fins lucrativos". Dois aspectos se destacam nessa conceituação feita por Di Carlo. A primeira é o caráter tradicional da administração dos clubes no Brasil, ou seja, o modelo associativo foi sendo, tradicionalmente aceito e moldado, porém, com poucas ressalvas e ajustes ao longo do tempo.

O segundo aspecto remete ao fato de que aos times são instituições que, em tese, não tem fins lucrativos, razão pela qual recebem isenções de pagamentos de impostos e, por vezes, ocorra a chance de refinar dadas dívidas junto à União, especialmente por encargos trabalhistas que onerem e comprometem os orçamentos das equipes. O advogado Rafael Marcondes, também especialista em direito desportivo, explica que apesar do conceito entre os dois ser o mesmo, há algumas pequenas diferenças técnicas: "Uma SAF será um clube-empresa, mas a recíproca não é verdadeira. Um clube-empresa pode ser constituído por outro modelo empresarial, como uma limitada (LTDA) por exemplo. De forma simples, podemos dizer que clube-empresa é gênero e do qual a SAF é espécie". Para sair dessa analogia biológica, serão apresentados dois exemplos de agremiações que são geridas no formato de clube-empresa. O Tombense Futebol Clube foi fundado na cidade de Tombos, na zona da mata mineira, em 7 de setembro de 1914. Em quase toda a sua existência foi um clube formador de talentos para times do Rio de Janeiro, como Vasco e Fluminense.

No entanto, após vários anos disputando as divisões inferiores do futebol estadual, o projeto no **Tombense** foi tomando novos rumos.

Em 1999, o presidente do clube, Lane Gaviolle assinou uma parceria com a empresa Brazil Soccer, comandada por Eduardo Uram. Com isso, o Tombense¹⁵ passou a ser gerido por essa parceria para profissionalizar e melhorar a gestão do futebol. Porém, os sócios componentes da empresa já atuavam nas categorias de base desde 1997. Com isso, o 'Gavião Carcará', como é conhecido o clube de Tombos, iniciou sua trajetória também na Segunda Divisão do Campeonato Mineiro e venceu a competição em 2002. No ano seguinte, fez campanha modesta no Módulo II. Em 2009, a equipe acabou sendo rebaixada à Segunda Divisão e, novamente, teve que escalar a montanha. Terminou em segundo lugar e obteve a vaga para o Módulo II em 2010. Em 2012, foi vice-campeão do Módulo II e conseguiu a tão sonhada e almejada vaga ao Módulo I, a elite do futebol em Minas Gerais. Com isso, em 2013, o Tombense fez uma campanha de estreia bastante positiva, se classificando entre os quatro melhores da competição, participando das semifinais e garantindo também uma vaga na Copa do Brasil de 2014. No mesmo ano, o Carcará disputou a Série D do Campeonato Brasileiro. A campanha foi tão boa que além do acesso à Série C, a equipe de Tombos se sagrou campeã da Série D, vencendo o Brasil de Pelotas, nos pênaltis por 4 a 2. E tudo isso como estreante nesta competição nacional. De fato, foi um trabalho tal qual o de um alpinista, vencendo os obstáculos um por um para subir a montanha. E não para por aí. Em 2020, o Tombense terminou como líder na fase de classificação do Campeonato Mineiro, porém com uma peculiaridade nessa edição: o torneio teve de ser paralisado por conta da pandemia de covid-19, deflagrada em março daquele fatídico ano.



Cinco meses depois, em agosto de 2020, a equipe de Tombos superou a Caldense nas semifinais e na final enfrentou o Atlético, à época comandado pelo argentino Jorge Sampaoli, período marcado por forte investimento dos 'mecenas' do Galo. A equipe do interior acabou ficando com o vice-campeonato. Em 2021, o Tombense conseguiu o acesso da Série C para a Série B do ano de 2022. Nesse patamar de disputa, a equipe, com ainda pouca tradição na competição, alcançou a perma-

nência na divisão de acesso à elite do futebol brasileiro enquanto clubes de tradição na Série B acabaram sendo rebaixados, como o caso de Náutico e CSA, por exemplo. Isso torna evidente a seriedade e comprometimento do trabalho realizado no clube, que para além do resultado esportivo que, claro, é fundamental nesse nível de disputa, o olhar para a formação de atletas é muito importante e isso está muito presente no trabalho realizado pelo Gavião Carcará.

Outro exemplo é o **Boston City FC**, clube fundado em abril de 2015 pelo empresário Renato Valentim, natural de Manhuaçu, na zona da mata mineira. O dono do time reside e administra seus negócios na região de Boston, nos Estados Unidos, onde possui uma agremiação esportiva que atualmente disputa a USFL Two, uma das ligas de desenvolvimento no futebol estadunidense. Em setembro de 2017, com pouco mais de dois anos de existência, Renato e sua equipe resolveram abrir sua primeira filial aqui no Brasil. Gerido como clube-empresa, o Boston City FC chegou a terras brasileiras, mais especificamente no município de origem do seu proprietário. Desde então, a equipe vem apostando na formação e revelação de atletas das categorias de base em que disputa, o sub-15, sub-17 e sub-20, além de disputar o Campeonato Mineiro da Segunda Divisão.

Conforme apurado junto ao assessor de comunicação do Boston, João Vitor Nunes, o clube permanece na administração do presidente Renato Valentim, porém, com a lei da SAF, em fevereiro de 2022, o Boston City FC Brasil se torna uma Sociedade Anônima do Futebol, levando em consideração das diferenças entre clube-empresa e SAF. Como ressalta o advogado João Paulo di Carlo, há uma distinção nos modelos de gestão: "O conceito é o mesmo. Ambas têm ideia de profissionalização do futebol, afastando-se do modelo associativo e se aproximando de um empresarial, com ideias bem claras de governança e de boa gestão. O clube-empresa já existia no país antes mesmo do advento da SAF, nos regimes previstos pelo nosso ordenamento. A principal diferença entre a SAF e os formatos de clube-empresa já existentes é a tributação, muito mais vantajosa para as SAF".

Por conta da recente formação e história do clube - com uma trajetória muito jovem e com muita coisa para acontecer pela frente - parece ser uma maneira um tanto quanto diferente de se fazer futebol. De acordo com João Nunes, a matriz da equipe permanece nos Estados Unidos e a primeira filial é a de Manhuaçu. Quanto a abrir novas filiais, a resposta passou por: “as possibilidades estão sempre abertas, mas não foi algo discutido até o momento, algo palpável até este momento”. Ou seja, não fecha nenhuma porta, mas esse caminho de expansão pode não ser o seguido pela equipe do interior mineiro.



Quanto ao aspecto dos investimentos que serão disponibilizados para o futebol, o clube conta com a construção de um Centro de Treinamentos com alojamentos para as categorias de base e também o início das obras de um estádio. “Os investimentos estão sendo feitos ao longo dos últimos anos. Temos um CT sendo construído, os jogos já estão

acontecendo no novo CT, que é o Centro de Desenvolvimento de Talentos, que é dentro do Complexo Boston City. Tem dois campos de grama sintética, que já estão prontos. E ainda vai subir um estádio logo ao lado (do Centro de Treinamentos). A partir do ano que vem (2023), começam as obras do estádio. Está terminando também, o alojamento dentro deste CT que é para onde vão as categorias de base, serão alojadas nessa localidade”, revela o assessor do clube Manhuaçuense.



Créditos: Boston C./ Reprodução

Renato Valentim - Presidente do Boston City

Ele ainda acrescenta que essa obra do Complexo Boston City será um diferencial para o clube e para o futebol do interior de Minas Gerais. A principal causa é o orçamento que, nesse caso, passa de dezenas

de milhões de reais. “Esse investimento está sendo realizado em uma estrutura que para o interior, para o futebol do interior, chama muito a atenção pelo valor gasto, orçado mais ou menos em R\$ 25, R\$ 30 milhões de reais em todo o complexo. Então, é algo que chama a atenção para uma cidade que já teve a sua tradição no futebol, mas tradição também em divisões inferiores do futebol mineiro, teve o Ipiranga aqui muito tempo antes, então chama muito a atenção esse investimento para o Boston para ser um clube referência no interior do estado.”

Além dessa importante estrutura um dos objetivos que já vem sendo implementados pelo Boston City FC Brasil são as categorias de base, no caso, o sub-15, sub-17 e sub-20. Com isso, João Vitor afirma que a ideia é buscar trajetórias mais vitoriosas, em termos tanto de resultado, quanto de desempenho, no que diz respeito ao futebol profissional. “O Boston busca ser uma referência na formação de jogadores para o futebol brasileiro, que é um terreno extremamente fértil. Aqui no Brasil, a gente forma excelentes jogadores para o mundo inteiro e o clube quer ser um grande formador, mas também alçar voos mais altos no futebol profissional. Então, a partir desse momento, o objetivo é subir da Segunda Divisão para o Módulo II, no módulo II a ideia é subir para o módulo I, do módulo I a ideia é conseguir a classificação para a Série D, e assim, sucessivamente. Nos campeonatos de base, o objetivo é conseguir uma classificação para um Brasileiro sub-20, uma Copa São Paulo, uma Copa do Brasil sub-17, então, a partir desse planejamento, conseguir chegar ao cenário nacional.”

Daniel Mendes

AGESTÃO QUE DEU CERTO NO CAMPO DAS VERTENTES

De Manhuaçu, vamos para a histórica cidade de São João del-Rei, na região do Campo das Vertentes, em Minas Gerais. O município possui uma grande importância histórica e cultural, por conta das obras e monumentos do estilo barroco que atrai turistas de todas as partes do Brasil e do mundo. Obras essas assinadas por um dos artistas mais importantes desse estilo, o mestre Antônio Francisco Lisboa, o 'Aleijadinho'. Por lá, temos o **Athletic Club**, fundado em 27 de junho de 1909, na casa de seu primeiro presidente, Omar Telles Barbosa. Um clube de uma grande história que, infelizmente, se encontrava em dificuldades com o futebol na cidade, de certo modo, abandonado. Diante da possibilidade de se transformar em uma Sociedade Anônima do Futebol, um personagem importante surge nessa história.

Fábio Mineiro, ou Nem, como é conhecido desde pequeno pelos moradores da cidade, hoje é o diretor de futebol do clube e que implantou o processo de transformação em SAF. Fábio começou sua carreira muito cedo, jogando em escolinhas de futebol em São João del Rei. Chegou à base do Athletic com apenas 10 anos de idade. Aos 13, foi à Divinópolis participar das categorias de base e retornou ao Athletic aos 16 anos, em 2005, onde disputou a Taça BH de Futebol Júnior e conseguiu se destacar. Fábio foi negociado com o futebol polonês e lá começou sua carreira profissional. Em 2008 voltou ao Brasil e jogou em alguns clubes na Paraíba. Em 2011, disputou a Libertadores pelo Jorge Wilstermann, da Bolívia, marcando um gol na fase de grupos. Depois do time boliviano, Fábio teve novas transferências para alguns times no Brasil e no exterior. Em 2015, na Grécia, enfrentou uma grave crise econômica que fez com que não recebesse seus salários por seis meses. Novamente no Brasil, Fábio decidiu se aposentar dos gramados com 28 anos.



Após isso, o ex-jogador recomeçou a vida com sua família em São João del Rei. Porém, o esporte falou mais alto novamente e ele começou como diretor de futebol do Figueirense de São João del Rei. O bom trabalho nesta equipe chamou atenção do Athletic, que o convidou para o projeto de reconstrução do clube em 2016. Ainda no futebol amador, o clube foi se reorganizando, por meio do trabalho de Fábio, com as escolinhas de futebol, ajustes nas categorias de base e, depois, a reformulação do elenco. Em 2018, surgiu a necessidade da profissionalização, para que o Athletic continuasse disputando os torneios das categorias de base. Contudo, foi preciso arrecadar um valor para realizar esse processo junto a Federação Mineira de Futebol. Com a ajuda de amigos, Fábio conseguiu cerca de R\$ 200 mil, valor da taxa de profissionalização à época, mudando por completo a história do Athletic.

E essa mudança foi muito impactante e muito rápida na trajetória do Athletic. Com o trabalho realizado por Fábio à frente do 'Esquadrão de Aço' é conhecido, o time alcançou a elite do futebol mineiro e disputou o Módulo I em 2021. Nesse campeonato, a equipe conseguiu se manter na primeira divisão e em 2022, foi uma das semifinalistas do Campeonato Mineiro, sendo eliminado pelo Cruzeiro, mas sagrando-se Campeão do Interior, com vaga garantida na Série D do Campeonato Brasileiro e na primeira fase da Copa do Brasil em 2023. Isso só foi possível graças a um trabalho muito dedicado de fazer com que o departamento de futebol do Athletic ficasse gradualmente mais organizado. Fábio Mineiro conta que um dos objetivos do clube é ter uma base cada vez mais forte dentro de Minas Gerais e se orgulha de que o clube conseguiu acabar com suas dívidas, sendo um exemplo de gestão para outras equipes não apenas no estado, mas no Brasil. "Com a organização das categorias de base e a captação de recursos, que consegui graças ao relacionamento que eu já possuía com algumas pessoas e empresas da região, apoio da Prefeitura e um esforço conjunto para que o Athletic retomasse o caminho das glórias, conseguimos trazer o torcedor de volta ao estádio, com um projeto de credibilidade que colocou o Athletic na primeira divisão em 2021".

E esse projeto ficou mais forte ainda no momento em que o time se transformou em uma Sociedade Anônima do Futebol. E o mais interessante é o seguinte: o clube se estruturou na captação de jogadores, desenvolvimento dos atletas nas categorias de base, se profissionalizou novamente e depois se transformou em SAF, ou seja, o Athletic se consolidou e se fortaleceu para atrair bons investidores na compra da Sociedade Anônima do Futebol, o que parece ter sido uma estratégia extremamente inteligente. Isso trouxe confiança para quem está aportando os recursos para o clube. E a ideia de Fábio era de implantar esse modelo para trazer o profissionalismo necessário e garantir a continuidade do bom trabalho que vem sendo realizado no Athletic. “Mudávamos de presidente de três em três anos. Eu temia que, em algum momento, o bom trabalho realizado fosse interrompido, por vaidade ou por política. Por pensar nisso, quando conheci Vinícius Diniz e Victor Felipe de Oliveira, sócios da V2 Participações, os chamei para conversar sobre a possibilidade da SAF. Deu certo e hoje somos mais fortes com esse modelo”.



Guerreiro - Mascote do Athletic

Por fim, diante desse ponto de vista das transformações econômicas no futebol, e de como esse fator impacta não apenas o ambiente do esporte, mas da sociedade como um todo, é sempre válido lembrar que o futebol, esporte dos mais populares no Brasil, sabidamente, não está alheio ao contexto em que está inserido e mudanças que ocorrem nesse cenário certamente impactarão os clubes e quem mais esteja presente no ambiente do futebol. Outro ponto que se faz necessário destacar é que o modelo de SAF é sim vantajoso e interessante para os clubes que, diante de situações calamitosas, veem um caminho de salvação que ainda é recente. Portanto, independente do modelo de gestão adotados pelos clubes, o mais importante é que haja uma mudança de mentalidade que construa um ambiente mais profissional, com propostas que tragam soluções sustentáveis para os clubes a médio e longo prazo, pois assim poderá ser possível transformar de forma mais duradoura o futebol no Brasil.

Daniel Mendes

A reconstrução de Cruzeiro e Ipatinga após profundas crises econômicas

A SAF é vista por muitos como uma 'luz no fim do túnel' para tentar driblar as dificuldades vividas por vários clubes de futebol. Talvez tenha sido, sim, um dos pontapés iniciais para a mudança de um dos principais times da capital mineira, mas o modelo, por si só, não foi a fórmula mágica que solucionou todos os problemas. O [Cruzeiro](#), em seus 101 anos de histórias e glórias, protagonizou uma das maiores crises econômicas no cenário esportivo nacional. E, para entender como isso começou, precisamos voltar ao início do ano de 2019. Na época, o bicampeão da Copa do Brasil e recém campeão mineiro estava sob o comando do presidente Wagner Pires de Sá que assumiu o clube em 2018.

De acordo com dados retirados de balanços e análises de transações feitos pela Kroll - multinacional especializada em investigações corporativas, gestão de risco compliance e cibersegurança - foi constatado um aumento de 53% nos gastos da equipe em comparação ao mandato do ex-presidente Gilvan de Pinho Tavares. A despesa fechada em 2016/2017, no valor de aproximadamente R\$ 770 milhões, foi bem menor em comparação ao biênio de 2018/2019, que ultrapassou R\$ 1,18 bilhões. Dentre essas despesas estavam aumentos de salários, gratificações, empréstimos e outros. Além disso, essa investigação constatou que o gasto médio anual da equipe celeste, com Wagner Pires, foi bem superior à receita líquida do time. Mas essa seria apenas a ponta do iceberg de uma crise sem precedentes vivida pelo Cruzeiro.



Créditos: globoesporte

Wagner Pires de Sá - Ex-presidente do Cruzeiro

Em uma matéria especial para o programa Fantástico, feita pela Rede Globo no dia 26 de maio de 2019, as investigações sobre o clube vieram a tona e os repórteres Gabriela Moreira e Rodrigo Capelo tiveram acesso a documentos internos que revelaram diversas transações irregulares e uso de empresas de fachada para ocultar crimes. Como citado na reportagem, o time assinou contratos de intermediação de atletas sem que a participação desses intermediários nas negociações fosse cadastrada na CBF; ofereceu parte dos direitos econômicos de alguns jogadores em garantia de pagamento de dívida, incluindo um atleta menor de idade, o que é proibido pelo Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol; também foram constatadas despesas pessoais que não condiziam com as atividades performadas pelo Cruzeiro. Além do presidente, uma outra figura estava à frente da administração da equipe e foi considerado o pivô da crise.

O vice-presidente de futebol, Itair Machado de Souza, tomou algumas decisões dentro do clube que geraram revolta. De acordo com os desdobramentos da matéria do Fantástico, desde que assumiu o cargo no Cruzeiro, lá em 2018, Itair chegou a receber dois aditivos no salário, sem contar que ainda teve direito aos bichos, premiações especiais pagas a atletas e comissão técnica da



Créditos: globoesporte

Itair Machado - Ex-vice presidente do Cruzeiro

equipe pelas vitórias e títulos conquistados. E quem autorizou isso? Ele mesmo! Com seus plenos poderes sobre todas as áreas do clube e assinatura embaixo do presidente. Para um time que só via suas dívidas crescendo, essa situação logo não se sustentaria mais.

A Polícia Civil de Minas Gerais instaurou inquérito e a investigação foi concluída no dia 10 de outubro de 2020. O marco dessa investigação foi a gestão iniciada em outubro de 2017, quando Wagner Pires assumiu a presidência. Em nota divulgada, a Polícia Civil informou que os dois ex-dirigentes do Cruzeiro e quatro empresários foram indiciados pelos crimes de apropriação indébita, falsidade ideológica, associação criminosa e lavagem de dinheiro. O inquérito foi repassado ao Ministério Público do estado, que resolveu prosseguir com a denúncia e pediu a condenação dos investigados, além deles terem de ressarcir a Raposa dos prejuízos materiais e morais coletivos. A Justiça de Minas acatou, instaurou processo criminal na 7ª Vara e todos eles passaram a estar na condição de réu do processo, que está em trânsito. Na época, as defesas dos acusados emitiram nota, alegando que não tiveram acesso integral aos autos ou não desejavam se manifestar naquele momento. Itair chegou a dizer que não havia cometido irregularidades, que provaria, na Justiça, sua inocência e ainda tratou a situação como 'armação política', protestando contra o Grupo Globo pelas matérias publicadas¹⁶.

Mas a realidade é que os danos já estavam feitos e geraram um 'rombo' de 10 milhões de reais aos cofres celestes. Toda essa gestão mal sucedida, elevou uma dívida de 387 milhões para mais de 800 milhões de reais, deixando um dos maiores clubes de expressão nacional com um futuro incerto. E, claro, a catástrofe que aconteceu internamente influenciou dentro de campo e gerou uma das consequências mais marcantes da história do Cruzeiro.



A QUEDA DO GIGANTE

Após a exposição dos crimes, dívidas e atraso dos salários de funcionários e jogadores, a situação do time no Campeonato Brasileiro ficava cada vez mais difícil. Enquanto a Raposa oscilava na parte de baixo da tabela, a pressão interna e externa, para que os atuais comandantes do clube deixassem os cargos, aumentavam. Era uma forma de tentar pacificar a situação e focar na reação do time dentro de campo.

A primeira saída importante foi a de Sérgio Nonato, que deixou o cargo de diretor-geral do clube no início de outubro. A saída de Itair, maior símbolo da 'era Wagner Pires', viria logo em seguida, no dia 10 daquele mês, para dar espaço ao retorno de um velho conhecido do torcedor cruzeirense: Zezé Perrella, que revezou a presidência do time com o irmão, Alvimar Perrella, ao longo de uma dinastia que durou 17 anos. Perrella chega com o status de salvador da pátria, com promessas de regularizar os salários e acalmar os ânimos dentro e fora de campo.

A primeira decisão dele foi a demissão do técnico Abel Braga, a três rodadas do fim do campeonato. Isso causou impacto no time que, só naquela temporada já tinha passado pelo comando de Mano Menezes, Ricardo Resende (técnico interino) e Rogério Ceni. Abel saiu para que Adilson Batista assumisse a situação delicada e tentasse, no último momento, revertê-la. Perrella inicialmente assumiu a culpa da situação da equipe, mas depois não hesitou em distribuir responsabilidades. Além da antiga gestão, um de seus alvos foi o atleta Thiago Neves, que virou mais um dos símbolos do fracasso da temporada. Com más atuações em campo e declarações polêmicas, o meia até teve um áudio vazado nas redes sociais - que gerou motivo de sobra para piadas do seu rival, Atlético MG - em que apelava para Perrella adiantar parte dos salários dos jogadores antes da partida da 35ª rodada do campeonato, contra o CSA, o que poderia ser um "incentivo" para a boa atuação em campo.

Mas a sequência de tropeços e derrotas foi inevitável. A equipe perdeu para CSA, de 1 a 0, e os dois jogos das rodadas seguintes, contra o Vasco, de 1 a 0, e Grêmio, por 2 a 0. Nem o mais pessimista dos cruzeirenses imaginaria seu time, o clube com mais títulos nacionais nes-

te milênio, naquela situação e lutando contra o rebaixamento. Mas a tragédia, que já tinha sido claramente anunciada, se concretizou para o Cruzeiro. O dia 8 de dezembro de 2019 ficou marcado na história do clube e na memória de cada torcedor, mas não como a nação azul estava acostumada. Naquele dia os que foram ao Mineirão, com a última esperança de um milagre, viram diante de seus olhos o Palmeiras marcar dois gols no segundo tempo e decretar de vez um acontecimento histórico para o time celeste: a queda para a Série B.

3 ANOS DO CALVÁRIO CELESTE

O rebaixamento do Cruzeiro foi consequência não só de uma má atuação em campo, mas, principalmente, de uma gestão que desestabilizou financeiramente o clube por inteiro. Quatro dias após a queda, Zezé Perrella decidiu abandonar o cargo, sem muitas explicações, e o baque tornou a permanência de Wagner Pires também insustentável. Com novas polêmicas e indefinições, o mandatário, que deixou sua assinatura na página mais triste da história do clube, também aceitou assinar sua carta de renúncia²⁷. Um a um foram caindo os responsáveis pelo fracasso celeste, e a incerteza sobre o futuro do time aumentava cada vez mais para os torcedores.

“O Cruzeiro foi destruído inteiro por dentro.” Paola Laredo, cruzeirense fanática desde os 4 anos de idade, sentiu a angústia de acompanhar todos os desdobramentos que estavam acontecendo com o time. “Eles não decretaram falência, mas o Cruzeiro estava falido, quebrado. E a gente foi vendo isso se desenhar ao longo do ano. Então foi um momento ali de desespero mesmo. Era desesperador. A gente assistia às reportagens, vivia as notícias e não via nada acontecendo, nenhuma providência sendo tomada para mudar aquela situação.” E o torcedor, de mãos atadas, não conseguia fazer nada que pudesse ajudar o time a sair dessa situação. “O nosso papel era muito limitado, então era muito desesperador você ver tudo acontecendo. A gente quer fazer alguma coisa, querer ajudar, querer evitar que enfim... O pior acontecesse. Então se eu tivesse que definir uma palavra seria angústia.”



Créditos: Mineirão

O calvário celeste na Série B, entretanto, não durou pouco tempo. Para 2020 a proposta era de mudanças e a tentativa de colocar o clube em um rumo diferente. Mas o time terminou o ano muito longe desse objetivo. A tentativa de reformular o Cruzeiro gerou negociações equivocadas - 23 contratados e somente 10 reforços terminaram o ano sendo utilizados¹⁸ - trocas inexplicáveis de treinadores, que resultaram no mesmo futebol insuficiente desde o início do ano e a manutenção de diretores mesmo com a desaprovação da torcida.



Créditos: Mineirão

Fora das quatro linhas, o clube até conseguiu se organizar em alguns aspectos administrativos e financeiros. Foi possível pagar cerca de R\$ 32 milhões em dívidas na FIFA¹⁹, além de realizar o parcelamento dos débitos com a União e os acordos trabalhistas pendentes. Mas, os atletas e funcionários continuavam com seus salários em atraso e com um futuro incerto. Sérgio Santos Rodrigues, , que assumiu a presidência do time na metade de 2020, em uma entrevista ao Globo Esporte (01/06/2020), declarou que a torcida celeste não poderia desanimar, pois o clube iria conseguir se restabelecer. “Vamos trabalhar firme, que a torcida venha conosco e que todos possamos dar as mãos para construirmos um novo Cruzeiro”. A realidade é que não houve um Novo Cruzeiro e, muito menos, a reestruturação prometida. As dificuldades vividas pela Raposa foram muito semelhantes às de 2019 e a permanência na série B, foi só consequência de mais um ano frustrado.

Em 2021, ano do centenário do clube, o Cruzeiro também não conseguiu o tão esperado acesso, mas recebeu uma notícia que serviu de alento para o torcedor. Primeiro a diretoria tomou a decisão de recorrer ao novo modelo de negócio que tinha acabado de chegar no país. No dia 29 de novembro de 2021, Sérgio Santos anunciou o registro da primeira Sociedade Anônima de Futebol no Brasil. Após a fundação da empresa, a diretoria do clube tomou como primeiro passo a transferência dos seus direitos esportivos à SAF e fez o mesmo com contratos de jogadores. Houve também a reunião do Conselho Deliberativo para a aprovação da venda de mais de 49% da empresa, abrindo caminho para um investidor comprar o clube e viabilizar a situação financeira difícil.

Em seguida um outro anúncio: o ex-jogador da Raposa, Ronaldo Fenômeno, compraria 90% das ações do Cruzeiro SAF e desejava injetar no clube R\$ 400 milhões ao longo dos anos seguintes, além lidar com a negociação das dívidas que giravam em torno de R\$ 1 bilhão de reais²⁰. A mesa diretora do conselho, entretanto, se mostrou receosa de tomar a decisão e viu a venda da SAF, bem como a venda das ações para o Fenômeno, lesiva ao time²¹. Uma parte da nota divulgada pelos dirigentes dizia que: “Podemos observar, com lamentação, que o Ronaldo não iria assumir qualquer valor da dívida, ficaria desde o início do

processo como detentor de 90% da participação acionária da SAF, com o compromisso de aportar na própria SAF a quantia de 50 milhões de reais no momento em que se desse a concretização do negócio e, 350 milhões de reais, por meio de receitas “incrementais” que seriam geradas para a SAF por meio da gestão do Ronaldo. (...) Concluímos que, para o Cruzeiro, caberia, a partir de então, 10% da SAF e o patrimônio imobiliário que restasse após a liquidação do passivo nos moldes determinados pelo Ronaldo. Com a concretização desta negociação, nos termos defendidos pela XP e pela presidência do Cruzeiro, corremos um risco real de, ao final, termos um Cruzeiro sem patrimônio e sem qualquer representatividade e força dentro da SAF, com possível diluição de sua participação acionária”.



Créditos: Ronaldo/Instagram

VOCÊ SABIA?

Ronaldo Fenômeno estreou como atleta profissional pelo Cruzeiro em 25 de maio de 1993, aos 16 anos, em um jogo do Campeonato Mineiro, com 2.484 presentes no estádio Ronaldão, em Poços de Caldas. Em 58 partidas pelo clube celeste, ele marcou 56 gols.



1921



Anos 30



1942



1950 a 1990

Em contrapartida, Sérgio Santos defendeu o negócio, afirmando que não seria lesivo ao clube. “O clube passa por um difícil momento financeiro e é preciso ter este fato em perspectiva ao analisarmos propostas”. O Cruzeiro passou a contar com duas das empresas mais respeitadas e qualificadas do mercado: a XP e a Alvarez & Marsal. “Sigo acreditando que o cenário atual, com Ronaldo, é o melhor caminho a ser trilhado pelo clube. Estamos falando de alguém que traz consigo profissionais, investimento e capacidade de atração de marcas ímpares além de ser, claro, Ronaldo. É fundamental que a torcida, consciente desta etapa de renascimento do nosso amado Cruzeiro, esteja presente e seja protagonista neste processo”, completa Sérgio²².

O time viveu mais um ano de muitas contratações, mudanças de treinadores e falta de dinheiro. No segundo turno da Série B do Brasileiro, o clube conviveu, ainda, com uma greve de funcionários e jogadores, que reivindicavam os salários em dia. A expectativa, e esperança, principal do torcedor celeste era que a chegada de Ronaldo pudesse reverter a situação da equipe no ano seguinte.



1996



2004 a 2020



2021

DIAS DE LUTA...

DIA "DA GLÓRIA"

Entre o final de 2021 e início de 2022, a nova gestão começou a entrar em ação. O que se viu nessa temporada foi um Cruzeiro diferente, dentro e fora de campo. Um time melhor, mais focado, com um plano de jogo bem mais definido e melhor pensado. Se antes a troca de técnicos era constante ao longo dos meses, em 2022 o uruguaio Paulo Pezzolano foi responsável por estar a frente da equipe desde o início da temporada, e traçar o caminho da Raposa, agora com mais pé no chão, até o fim do campeonato. Fora de campo, a nova gestão também diminuiu gastos. A folha salarial, por exemplo, que em 2020 chegou a R\$ 5 milhões, em 2022 esteve por volta de R\$ 3 milhões²⁴. Inclusive, para isso, o clube demitiu um de seus principais ídolos, o goleiro Fábio.

O acesso era questão de tempo. O time conseguiu terminar o primeiro turno do campeonato com a 4ª melhor campanha da história da Série B. A torcida, que nos dois primeiros anos de rebaixamento não pôde acompanhar de forma assídua os jogos no estádio por causa das restrições da pandemia, teve um papel de apoio fundamental em 2022, fazedo com que o Cruzeiro liderasse a média de público pagante da Série B, com 36.637 torcedores.

Somando mais vitórias que empates, a equipe permaneceu no topo do campeonato a partir da 7ª rodada. Já no segundo turno o desempenho continuou brilhante e o fim do sofrimento do torcedor celeste se confirmou no dia 30 de setembro de 2022, que ficou conhecido como o 'Dia da Glória', quando o Cruzeiro venceu o Vasco de goleada, por 3 a 0. A equipe chegou aos 68 pontos e, matematicamente, foi confirmada na elite nacional em 2023. A conquista, claro, veio coroada também com o título, sem nem a Raposa precisar entrar em campo. Após a derrota do Bahia e Grêmio, pela 32ª rodada, O Cruzeiro conquistou o título e se tornou o campeão mais antecipado da história²⁵.

O choro do torcedor celeste, que em 2019 foi marcado pela decepção e medo do futuro, deu lugar a um choro de alegria e esperança de uma renovação. A Paola, aquela torcedora que conseguiu resumir a situação do Cruzeiro como angustiante no início, sente que a volta à elite é um recomeço que o time, com o tamanho do Cruzeiro, merece. “É saber que agora a gente tem o futuro. A gente vê esperança de um futuro melhor de um clube com uma gestão séria, de sair desse buraco, de sair das dívidas, de conseguir cada vez mais voltar ao que a gente era antes. Um clube que disputava sempre na ponta, que disputava sempre o título, a gente vai estar muito mais forte do que a gente sempre foi”.



A batalha econômica do Cruzeiro não terminou. O clube tem aproximadamente 840 credores de diferentes categorias, e cerca de 40% são jogadores²⁶. Essa dívida restante é exclusivamente da associação, e não da SAF do Ronaldo. A equipe celeste optou pela Recuperação Judicial - um meio utilizado por empresas para evitar que sejam levadas à falência. O processo permite que companhias suspendam e renegociem parte das dívidas acumuladas em um período de crise, evitando o encerramento das atividades, demissões e falta de pagamentos - como mecanismo de renegociação dos débitos. A SAF entra em ação somente na hora de pagar os acordos, com o percentual do repasse definido a partir das tratativas com os credores.

Em entrevista ao Globo Esporte (06/08/2022), o CEO do time, Gabriel Lima, esclareceu que o cenário econômico precisa ser ainda muito rígido para os próximos anos, para tentar garantir a volta da estabilidade. "É um cenário que faz parte da nossa filosofia de trabalho. A gente acredita que o clube tem que viver com o que gera de receita e não de maneira artificial, de fazer acordos, de depender de mecenas. Temos que viver com as próprias pernas. Não vai ser diferente. Independente da divisão que estamos jogando, muda um pouco a figura das coisas, porque aumenta a receita, mas o controle sobre ela é igual." A ideia é que esse negócio estabeleça um cronograma seguro e equilibrado do clube, visando desenvolver uma disciplina financeira e evitar posteriores penhoras e bloqueios de suas receitas²⁷. Essa mudança na estrutura administrativa, bem como na mentalidade dos indivíduos à frente do clube, é algo que vai refletir em campo e, conseqüentemente, em conquistas a longo prazo.

Talvez seja cedo cravar que Cruzeiro SAF nas mãos de Ronaldo é algo que deu certo. Qualquer análise de um clube-empresa exige algum tempo para entender se os objetivos iniciais foram atingidos. Mas é inegável dizer que essa mudança na gestão modificou a imagem do clube que agora está de volta à elite, lugar que não deveria ter saído.

Maria Carolina Martins

OTIGRE DO VALE DO AÇO

Toda essa crise institucional e econômica, que faz parte da trajetória do Cruzeiro, também foi vivida por um importante time da região do Vale do Aço, a leste da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Para falar a verdade, o **Ipatinga Futebol Clube**

tem mais semelhanças com o time celeste do que se imagina. A começar pelo fato de que as duas figuras que estiveram presentes no declínio do time da capital mineira, em 2019, também escreveram um importante capítulo da história do Ipatinga. Itair Machado, em 1998, idealizou um projeto de criação e profissionalização de um time da região e foi em busca de parceiros para tirar o sonho do papel. Juntamente com Gercy Mathias, até então presidente do Novo Cruzeiro Futebol Clube - equipe amadora do bairro Novo Cruzeiro, em Ipatinga - e Cosme Mattos, um antigo atleta da cidade, o projeto nasceu, a FMF efetuou a concessão do registro de clube profissional e, no dia 21 de maio daquele ano, surgiu o Ipatinga F.C. No início dos anos 2000 os caminhos de Itair se cruzam pela primeira vez com Zezé Perrella, que na época estava na diretoria do Cruzeiro. Os dois dirigentes foram responsáveis pela primeira parceria das duas equipes - com início em 2002 e término em 2006 - que talvez tenha sido uma das mais bem-sucedidas entre um time da capital e um do interior na história do futebol mineiro, e o que foi determinante para a ascensão do clube do Vale do Aço²⁷.

Nesse primeiro acordo, o Ipatinga seria responsável por pagar 30% dos salários dos jogadores que a equipe celeste emprestaria para o time, enquanto o Cruzeiro arcaria com os 70% restantes. Caso acontecesse, por exemplo, a venda de alguns desses atletas, o time do interior receberia 20% do valor e o clube da capital ficaria com 80%, além de que o Cruzeiro teria a preferência na contratação dos jogadores do time do Vale do Aço. Esse acordo aconteceu de novo de 2018 a 2019 - período, inclusive, que Itair já estava na diretoria da Raposa - só que dessa vez não foi positivo para o Cruzeiro.

De acordo com uma matéria publicada no portal UOL, no dia 9 de junho de 2020, essa parceria - que não chegou a ser oficializada, mesmo com o trânsito recorrente entre os clubes - despendeu da equipe celeste mais de 1 milhão de reais com jogadores emprestados, que não permaneceram mais do que três meses no clube e não foram bem aproveitados. Além disso, o portal teve acesso a contratos de empréstimos que constavam um gasto total de R\$ 570 mil somente com remunerações do período em que defenderam o Ipatinga. E tudo isso, de certa forma, contribuiu para a crise que viria a passar no time celeste.



A ascensão do Ipatinga foi praticamente meteórica: já em 2005, apenas sete anos após sua fundação, a equipe conquistou o título do Campeonato Mineiro. Era a primeira vez, em 40 anos, que um clube fora da capital vencia aquele campeonato regional. No ano seguinte quase repetiu o feito, após alcançar o maior número de pontos na principal fase da disputa, mas perdeu o título para o Cruzeiro. O time voltou a surpreender em 2006, quando chegou às semifinais da Copa do Brasil, depois de eliminar times tradicionais do Rio de Janeiro e São Paulo. Naquele ano, o Ipatinga terminou em terceiro lugar no Campeonato Brasileiro da Série C, conseguindo subir para a B. Em 2007, conquistou o vice-campeonato e conseguiu o tão esperado acesso à série A da competição. Essa sequência de realizações, para um time relativamente novo, era surpreendente.



Créditos: ipatinga oficial

Equipe do Ipatinga Campeão (2005)

Na época, quem estava no comando do Tigre era Ney Franco, que já tinha trabalhado nas divisões de base de dois times da capital. Ele nos contou um pouco do motivo que proporcionou essa 'estrela' brilhante da equipe: "Eu acho que o motivo principal do sucesso do Ipatinga na

temporada de 2005 a 2006 foi a forma como foi planejado esse trabalho. Foi um convênio do Ipatinga com o Cruzeiro. A equipe do interior entrou com a estrutura e a sua condição de equipe e absorveu 16 atletas oriundos da base do Cruzeiro”. O projeto foi acertado quando Ney Franco era treinador do sub-20 do Cruzeiro, e ele foi chamado em uma reunião na Toca da Raposa para ser apresentado a proposta. “Eles falaram que gostariam de colocar todos os jogadores do Cruzeiro que estavam emprestados em outros clubes, tinha jogadores até no Nordeste. E eles queriam fazer do Ipatinga um local para todos esses jogadores, para acompanhar o trabalho deles mais de perto. Então eu fui convocado para esse trabalho”. Mas, da mesma forma que houve uma ascensão próspera, a decadência rápida do Ipatinga viria no ano seguinte. Em, 2008, ano que marcaria a primeira, e única, participação do Tigre na série A do Brasileirão, o time foi rebaixado no campeonato mineiro, em pleno Ipatingão.

Na série A do brasileiro, foi o time mais jovem, único estreante e único rebaixado no âmbito estadual, por isso realizou uma campanha bem fraca e ficou a maior parte do campeonato em último lugar. Sendo assim, foi rebaixado, pela segunda vez, e o sonho, de quem esperava ser o melhor ano do time, foi impedido. Dali em diante, o Ipatinga oscilou muito, e nos três anos seguintes não conseguiu emplacar, chegando até ser rebaixado para a série C do Campeonato Brasileiro. Nesse meio tempo o clube apresentou dificuldades financeiras e os atrasos no pagamento de salários passaram a ser constantes. Além disso, os torcedores já não tinham mais a vontade de acompanhar os jogos no estádio. Todos esses fatores reforçam uma decisão que Itair já vinha pensando há algum tempo e se concretizou no dia 19 de novembro de 2012. Em entrevista ao Globo Esporte, o presidente conta que tinha protocolado, na sede FMF, um pedido de transferência de cidade, sede e razão social (nome) do Ipatinga F.C para Betim. “O processo foi normal. Estou pensando nisso há dois anos, mais ou menos, que são os dois anos que a receita do Ipatinga caiu drasticamente na cidade. O Ipatinga tem hoje uma receita mensal de R\$ 1,8 milhão e com isso, as coisas ficam difíceis para fazer futebol. Então, em dois anos a gente vem amadurecendo e tentando evitar isso, só que cada mês que passa,

infelizmente, fica pior. Então a situação do clube é a de se transferir de cidade ou fechar as portas”.

Com um acordo feito com empresários da cidade, o Tigre passou a se chamar Betim Esporte Clube, mas a ideia de Itair era manter, pelo menos, 40% do elenco. Mais tarde, em uma entrevista para o site Superesportes²⁷, Itair foi questionado se arrependeu de ter tomado essa decisão drástica de mudança e ele explicou: “O Ipatinga já não tinha apoio no Vale do Aço. Estávamos sem patrocínio e não tínhamos condições de permanecer lá. Tive o apoio de dois deputados estaduais. Eles me prometeram uma verba para reformar o estádio de Betim. Assim, jogaríamos em Betim e usaríamos, para treinar, a estrutura do clube do BMG”. Na época o presidente contava também com o apoio do então prefeito Carlaile Pedrosa (Partido Social da Democracia Brasileira). “Fiz uma reunião com ele em Brasília, e ele me prometeu apoio. Quando mudei o time, ele recuou. Não entendi, ele não se justificou. Eu fiz pressão, assim como os deputados, mas ele resolveu não apoiar. Na cidade, comentou-se que o Sada não queria o Betim, não queriam concorrência para o time de vôlei. Por isso também resolvi desistir”.

Sendo assim, a mudança de cidade não durou muito. Já em novembro de 2013 a equipe oficializou²⁹ a volta do Betim para o Vale do Aço e, um ano depois, conseguiu readotar o nome antigo. Antes disso, o Betim chegou a disputar o Módulo II do Campeonato Mineiro daquele ano, e se encontrava na série B do brasileirão. Na época, o clube perdeu seis pontos³⁰ - por ordem do Comitê Disciplinar da FIFA - no campeonato nacional por causa de uma dívida. Para tentar evitar a perda desses pontos, o Betim entrou com uma ação judicial comum, solicitando que a CBF não o fizesse. Só que isso descumpria uma decisão internacional, que regulamenta que o time só pode entrar na justiça comum depois de esgotadas todas as instâncias da Justiça Desportiva. Por isso, a decisão da Primeira Comissão Disciplinar do STJD foi rebaixar a equipe para a Série D, além de aplicar uma multa de R\$ 30 mil.

A sequência de derrotas seguiu, e após duas campanhas ruins no Módulo II (em 2015 e 2016), o Ipatinga foi rebaixado para a Segunda Divisão estadual pela primeira vez na história. Sua única participação tinha

sido em 1998, que foi o ano da fundação. No ano seguinte, em 2017, a equipe até conseguiu conquistar o título, mas em 2018, no Módulo II, voltou a fazer uma campanha irregular e por muito pouco não foi rebaixado novamente. A essa altura as dívidas só cresciam. Segundo levantamentos preliminares³¹ o valor devido chegou a R\$ 40 milhões, sendo a maioria fruto de ações trabalhistas de ex-jogadores e ex-integrantes das comissões técnicas. Sem receita para pagar as dívidas, com pouco dinheiro em caixa e, principalmente, para manter e reestruturar a equipe, Nicanor Pires, presidente que assumiu o time no início de 2019, falou em tomar medidas extremas: sem apoio, o time não iria disputar o Módulo II em 2022 e encerraria suas atividades, declarando falência.

A decisão gerou grande comoção nacional, afinal o Tigre foi um dos times mineiros que se destacou muito no cenário esportivo. A equipe chegou a receber uma proposta do empresário colombiano, Raúl Cardona, que inclusive agenciava alguns jogadores conhecidos no futebol brasileiro. A princípio a ideia do empresário era pagar toda a folha salarial da equipe mineira. Entretanto, em entrevista ao Superesportes, no dia 21 de abril de 2022, o presidente esclareceu que o empresário não cumpriu com a palavra. “Este ano eu já tinha decidido não disputar [o Estadual], antes mesmo de ter o arbitral, porque se você desiste antes, o clube é rebaixado, mas não tem multa nem punição. Porém, o Raúl apareceu, e nós nos reunimos várias vezes para tentarmos desenvolver uma parceria, que no papel foi muito boa para o Ipatinga. Só que ele começou a não cumprir com o combinado. Inclusive, foi uma proposta até dele, de que ele pagasse toda a folha salarial e que o clube ficasse responsável pelas outras despesas, como alimentação, viagem...”. Em nota oficial publicada, o time relatou que tentou buscar ajuda de outros parceiros na cidade, e chegou a ter o apoio de duas empresas (Conect e Geoline) que foram importantes, mas não suficientes para garantir a permanência das atividades e quitação das dívidas. O elenco, sem garantias de pagamento dos salários, não queria assinar o contrato para participar da competição estadual e até o técnico da época, Gustavo Brancão, com incertezas sobre as promessas feitas por Cardona, pediu desligamento do time.

Com o desaparecimento do empresário, começava a sumir também a esperança do torcedor quadricolor de ver o seu time jogar e, assim, Ipatinga poderia perder seu patrimônio esportivo. Seria o fim de um clube com história, mas sem recursos para continuar. Como numa última tentativa de impedir que o time fechasse as portas de vez, surge um milagre, ou melhor, o grupo árabe-brasileiro, Kraken Esportes e Entretenimento Participações, disposto a comprar a equipe e transformá-la SAF.

Um alívio para o torcedor do Tigre e também para Nicanor. "Certamente seria o fim. Eu ficaria marcado como o presidente que acabou com o Ipatinga. Mas agora eu posso ficar marcado como presidente que resgatou o clube"³². Aos poucos o desespero do torcedor virou esperança. Durante a semana da sua estreia no Módulo II, o clube tentava se organizar como podia e, aos poucos, foi conseguindo inscrever os jogadores para disputar a divisão. De volta ao Ipatingão, o Ipatinga venceu o Tupi por 2 a 0 e ali começaria sua saga em um campeonato que ficaria marcado na história. Com uma campanha de altos e baixos, que melhorou na fase final, o Tigre chegou à última rodada dependendo apenas de si para conquistar o tão sonhado acesso. Há mais de dez anos a equipe não fazia o torcedor sorrir e, no dia 30 de julho de 2022, os ipatinguenses tiveram motivo de sobra para isso.

O Tigre venceu o Boa Esporte, de Varginha, por 2 a 1, e conseguiu, finalmente, voltar à elite do principal campeonato de Minas Gerais. Marina Bhering, jornalista que acompanhou um pouco da trajetória da equipe ao longo desses anos, descreve que o acesso conquistado significa a volta da força do Tigre. "Tinha 11 anos que o Ipatinga não conseguia subir, fazer esse acesso. Então foi uma coisa que contagiou a cidade inteira mesmo, deu para sentir essa atmosfera na cidade". Ela conta que essa volta da equipe a elite significa a volta da força e confiança, tanto do time como também dos torcedores. "Os torcedores, claro, nunca deixaram de acreditar, mas estava faltando aquele grito de acesso... A sensação que a gente tinha era que era um grito entalado na garganta de uma cidade inteira, sabe... Para ter esse acesso foi realmente uma vitória pra cidade, foi uma conquista para cidade, sabe?", completa.

Em nota divulgada no dia 8 de setembro de 2022, o Ipatinga esclareceu que o time está no processo de reestruturação administrativa e financeira para a criação da SAF. O processo se tornou burocrático, pois o time não tinha atualização dos balanços há mais de dez anos, e seria preciso fazer todo esse levantamento, além de todos os processos trabalhistas, débitos financeiros e procedimentos judiciais da equipe. “Estamos trabalhando, para acabar com todos os entraves e com foco em 2023, normalizarmos as coisas o mais rápido possível, mantendo o compromisso assumido com o clube”. Com certeza o ano de 2022 vai ficar marcado na história do ipatinguense, que viu a ascensão meteórica de um time jovem e o declínio estrondoso, na mesma proporção. A volta do Ipatinga F.C a elite mineira representa muito da perseverança de um dos principais times do interior que quase chegou ao seu fim, mas conseguiu driblar a crise econômica e administrativa e começar a reescrever sua trajetória. É o recomeço de um clube que, assim como o Cruzeiro, fez e faz história, e que ainda tem muito o que trilhar e comemorar no futuro.



Créditos: wikipédia

VOCÊ SABIA?

O Ipatingão, como é comumente conhecido, em junho de 2011, teve seu nome alterado para **Estádio Municipal João Lamego Netto** em homenagem a João Lamego Netto, que foi prefeito de Ipatinga de 1977 a 1982 e ajudou nas obras de melhorias na infraestrutura da cidade, além da construção do Ipatingão.

Maria Carolina Martins

Funorte x North: dois polos opostos no Norte do estado

Diferentemente do clube do Vale do Aço, na região do Norte de Minas, o [North Esporte Clube](#), antigo Montes Claros, e a Funorte, da mesma cidade, ainda almejam a tão sonhada volta para a primeira divisão do futebol do estado. Mas ambos esbarram em um grande problema em comum: a falta de suporte, tanto econômico quanto material.

Por conta desses fatores, os times da cidade tiveram que se reinventar. Enquanto a Funorte atualmente só possui equipes na base, com o futebol profissional estando desativado desde 2015, o North está vivo devido a criação de uma SAF, 2022, com planos ousados: a principal proposta do clube é de que, em três anos, o time retorne para a primeira divisão do estadual, que não conta com uma equipe do Norte do estado desde 2011, quando a Funorte participou pela última vez e terminou rebaixada ao Módulo II. Ou seja, para continuarem ativos em seus propósitos esportivos, que passaram por revitalizações, as duas equipes montes-clarenses tiveram que se virar do jeito que conseguiram.

Para um dos atuais gestores do North, o empresário Andrey Souza, Montes Claros possui um enorme potencial em prol do futebol que não é explorado. O que corrobora com esse pensamento é uma pesquisa realizada pela Pluri Consultoria denominada "Raio-X do Futebol Brasileiro"¹, que indicou que a cidade, em 2019, era



Créditos: Ascom North

Andrey Souza e Victor Felipe Oliveira são as mentes por trás do projeto esportivo do North Esporte Clube.

a terceira maior do Brasil sem contar com um clube de futebol profissional, àquela época com 409 mil habitantes. Outro importante fator apontado pelo levantamento da Pluri foi o de que Montes Claros era o

18º município com maior PIB no país sem ter uma equipe para chamar de sua, isto é, desde que o Montes Claros Esporte Clube havia encerrado suas atividades profissionais, ainda em 2019. Nesta ocasião, o clube anunciou com uma nota franca e, de certo modo melancólica, a desistência em disputar a Segunda Divisão do Mineiro alegando a falta de recursos e de apoio da prefeitura:

“Nós do Montes Claros Esporte Clube comunicamos oficialmente que em função da falta dos recursos necessários e da não resposta por parte da Prefeitura de Montes Claros quanto a nossa solicitação de apoio a equipe [...] optamos por não participar do Campeonato Mineiro da Segunda Divisão em 2019 [...] o que nos resta, é torcer para dias melhores para nosso esporte, principalmente o futebol, paixão nacional que somente em Montes Claros tem em seu histórico episódios de tamanha desilusão ³³”.

Então, conciliando com o nosso pensamento quando começamos a apurar e pensar neste capítulo, Andrey também achava ao mínimo curioso, ou melhor dizendo estranho, um município com mais de 400 mil habitantes e com um PIB de nove bilhões de reais sofrer com tantas desilusões esportivas e ter deixado o futebol de lado.

“Tem gente, tem matéria-prima para se trabalhar potencialmente atletas no futuro e tem condições financeiras de aportar e apoiar um projeto de futebol. Uma cidade do porte de Montes Claros, uma referência em uma região de mais de dois milhões de pessoas, não ter nenhum time profissional de uma modalidade tão tradicional no nosso país era uma grande lacuna. Então unimos a força esportiva, técnica e empresarial para representar não só o futebol da cidade como o da região”.

Com essa mentalidade, o North Esporte Clube procura resgatar aquele antigo Montes Claros Esporte Clube que está em seu cerne. Para isso, houve um aporte realizado pelo empresário Victor Felipe Oliveira, CEO do grupo 3F, holding de investimentos que contém projetos envolvendo educação, energia e mineração. De olho no futuro, a quantia investida foi de R\$5 milhões³⁴. Tendo disputado a terceira em 2022, de

volta após três anos em que esteve se reestruturando, o clube fez uma contratação que se mostrou certa: Jorge Henrique, o ponta-esquerda campeão mundial pelo Corinthians em 2012³⁵. “Um atleta de nome, com história e vitorioso, mas que ainda produzisse algo em campo” foi como o gestor Andrey definiu a busca por um líder para o elenco, que culminou na escolha do polivalente jogador, que teve o North como o primeiro clube mineiro da carreira.



Créditos: globoesporte

Em sua primeira passagem pelo futebol mineiro, dez anos após o título mundial pelo Corinthians, Jorge Henrique saíria com mais um título na mala.

Aliás, a contratação de Jorge Henrique foi consequência do regulamento da competição, que permite apenas cinco atletas acima dos 23 anos. Ou seja, os jogadores que chegam têm que auxiliar no controle da ansiedade da garotada durante o campeonato. Por isso, os futebolistas dessa faixa etária precisam ser selecionados a dedo e a liderança e os quatro gols em onze jogos no torneio não mentem: pode-se dizer que o contrato com o atleta de quarenta anos foi um acerto.

Inclusive, outro jogador daquele elenco campeão mundial pelo Corinthians em 2012, com passagem por Montes Claros, é o volante Guilherme Andrade. Montes-clarense, o atleta foi treinado por Júnio, atual coordenador da base e treinador do sub-17 da Funorte. Hoje em dia, o jogador se encontra no Boston City, mas não naquele de Manhuaçu, no leste do estado! No time dos Estados Unidos mesmo. Assim como Guilherme Andrade, Júnio lembrou com alegria outros atletas que teve a oportunidade de formar, jogar junto e ser amigo. Até mesmo antes de ingressar na Funorte:

“Teve também o Lucas Ramon, lateral-direito titular do Guarani de Campinas, e o principal destaque da nossa cidade, que jogou comigo, é o Nikão, que tá jogando no São Paulo, e é ídolo do Athletico Paranaense. Nasceu aqui na cidade. Passaram pela minha mão antes de eu chegar ao Funorte”.

Desses jogadores, o coordenador conta que o caso de Nikão foi diferenciado. Antes, porém, é preciso de uma contextualização. Em Montes Claros, fica uma das mais eficientes fábricas de insulina instaladas pela Novo Nordisk, a maior empresa produtora desse insumo no mundo. Dinamarquesa, a companhia tem a sede localizada em Copenhague e instalações industriais em outros seis países, mas é no Brasil, especificamente em Moc, que é produzida 15% da insulina consumida em todo o planeta³⁶. Construída no mesmo ano de inauguração da Funorte, em 2007, a fábrica é a maior produtora do hormônio anabólico especializado no tratamento da diabetes da América Latina. Um orgulho para Montes Claros. A empresa foi, inclusive, eleita pelo segundo ano consecutivo em 2021 como a detentora do melhor ambiente de trabalho em Minas Gerais³⁷. Isto de acordo com a consultoria Great Place to Work, especialista no assunto.

A Novo Nordisk tinha um projeto de categoria de base no município, o Novo Clube, ainda que não houvesse um time profissional para aproveitar esses jovens talentos. Atualmente, a estrutura ainda permanece, mas apenas para associados da companhia, em um projeto que mais se assemelha aos moldes atuais de escolinhas de base. Isto é, há um foco maior no desenvolvimento social e na formação de cidadãos do que propriamente em aspectos táticos, técnicos e físicos que buscam o rendimento total.

Júnio, que trabalhou nesse desdobramento quando era voltado à revelação de atletas promissores, disse nunca ter visto uma estruturação semelhante à que a empresa estrangeira prestava: “Levaram até mesmo uma delegação de atletas nossos até à Dinamarca”.

E Nikão foi um dos jogadores que saiu desse projeto. Na época, o jovem meia-atacante estava jogando em um tradicional torneio amador que ocorre na cidade, e os dois jogos da final do campeonato foram filmados. Dito isso, um empresário do Mirassol que se fazia presente observando a competição bateu o olho no ainda Maycon Vinícius Ferreira da Cruz, e se interessou por ele. Já estava certo que um lateral-esquerdo que jogava pela base do Novo Clube iria para o Mirassol, mas o olheiro bateu o pé pelo meia e o levou. O tempo diria que ele estava

certo.

Pelo futebol profissional em Minas Gerais, Nikão passaria pelo Galo e pelo América, mas viraria ídolo no xará paranaense do Atlético. Foram 49 gols, mais de 300 partidas disputadas, dois canecos da Sul-Americana levantados e um troféu da Copa do Brasil erguido³⁸. E tudo isso começou em Montes Claros, graças ao projeto da Novo Nordisk.

Ainda na mesma cidade, quem também entende do assunto de auxiliar os jovens no progresso do mundo do futebol é Alexandre Soares, o Dandão, ex-jogador tanto do Montes Claros quanto da Funorte. Atualmente curtindo a aposentadoria, o folclórico atacante com passagens também pelo futebol do Chipre e da Grécia tem uma escolinha de base no município em que disputou tantas partidas e marcou gols inesquecíveis.

A propósito, o jogo que Dandão mais tem boas recordações aconteceu na cidade: foi aquela vitória magra por 1 a 0 contra o Cruzeiro, no Campeonato Mineiro de 1997, época em que o Montes Claros alcançou o melhor resultado da história do clube e da região. No momento do gol, parecia que Dandão já sabia exatamente o que fazer. Em uma jogada de corpo, tirou o marcador ainda antes do meio campo do estádio José Maria Melo, e saiu em disparada. Pegou a defesa cruzeirense desprevenida, driblou um zagueiro que se encontrava pelo caminho, invadiu a área e chutou rasteiramente de perna canhota, bola indefensável para o goleiro Harlei. Nas palavras do ex-atacante:

“Aquela campanha de 97 foi fantástica, algo que nunca mais foi seguido por uma equipe em Montes Claros, e que é o que ficou na história do futebol da cidade. Foram várias partidas que ficaram marcadas, mas acredito que pela grandeza do jogo, a partida contra o Cruzeiro foi diferente, especial. Acabei coroadando a nossa vitória com um gol. Foi o jogo mais especial que fiz pelo time”.

Naquela edição do campeonato, o Montes Claros ficou em sexto lugar na fase inicial, com trinta e três pontos ganhos nas vinte e duas partidas disputadas. Foi então disputar as quartas de final justamente

contra o Cruzeiro, o que acabou sendo demais para o time do norte do estado. Assim, terminou sua participação no torneio levando um placar agregado em 4 a 1 para o time celeste. No mesmo ano, o clube também disputaria a Série C do Campeonato Brasileiro, parando na 3ª fase da competição, sendo eliminado nos pênaltis pela Francana, de São Paulo. Os melhores atletas do time seriam então negociados, como o artilheiro Dandão, e então, no ano seguinte, 1998, a agremiação não repetiria a boa campanha do torneio anterior e seria rebaixada do Módulo I do Campeonato Mineiro para não mais voltar.

Mas Montes Claros realmente não sairia da cabeça do goleador. Assim que teve a chance de voltar ao Brasil, Dandão escolheu a capital do Norte de Minas para o regresso, só que agora para atuar pela Funorte.

O atacante foi agenciado para voltar ao Brasil por um empresário e colecionador de itens de futebol, conhecido como Walderez Ramalho, que também havia comprado o passe de Dandão para que esse fosse jogar na Grécia, no Kalamata FC, logo após a incrível campanha do Montes Claros em 1997. O empresário contou sobre a transferência, que ocorreu no final de 2010:



Créditos: globoesporte

Dandão concedendo entrevista após partida pela Funorte, em 2011. É o atacante mais folclórico de Montes Claros.

“Quando o Dandão veio pra Montes Claros foi fácil, porque já estava querendo voltar pro Brasil em definitivo, daí a gente conversou. Ele já tinha uma confiança em mim, por me conhecer a vários anos, e no final acabou sendo uma negociação fácil junto ao Funorte”.

Por isso, quando apareceu o convite da Funorte no final de 2010, o artilheiro não teve dúvidas para onde ir³⁹. Porém, nesta passagem, que foi a última oportunidade em que um clube do norte esteve na primeira divisão do campeonato mineiro, sentimentos distintos passaram pela cabeça de Dandão.

Por um lado, conseguiu vivenciar jogos marcantes novamente e nos contou um pouco de sua história no time: “Quando eu retornei e cheguei ao Funorte, pra mim o jogo marcante foi contra o Atlético, que eu pude reviver aquilo que eu vivi em 97, ver o Cassimiro lotado, pessoas em cima do muro, em cima das casas. Aquela estreia foi especial”.

Porém, assim como nesse jogo contra o Atlético, a Funorte teria outras sete derrotas na competição, terminando com apenas cinco pontos. Frustrou o ânimo do jogador, mas nada que não o impedisse de continuar sua trajetória por Montes Claros, já que no ano seguinte participaria de seu último campeonato profissional, retornando a atuar pelo próprio Montes Claros pelo Módulo II⁴⁰.

Hoje em dia, o ex-jogador tem uma escolinha de futebol no município, o Centro de Treinamento Dandão Soccer Park, que afirma ter sido feita levando muito em consideração a gratidão que tem por Montes Claros e também pelo próprio futebol. O principal objetivo, segundo ele, é o de dar oportunidade a crianças que tenham talento e que sonham em ser jogador de futebol em algum clube do Brasil, mas também usar o esporte como recreação, para que os jovens interajam entre si e na sociedade. “Hoje posso dizer que considero Montes Claros minha cidade natal”.

Outra personalidade que construiu uma relação forte com a Princesinha do Norte é o ex-goleiro Milagres, com passagens por Flamengo, Atlético e América Mineiro.

Em 2000, Milagres foi o grande destaque do América campeão da Copa Sul-Minas. Já como treinador, em 2022, conseguiu levar o North para o Módulo II.



Créditos: acervo coelho

O atual treinador da equipe do North tem plena fé que o futebol no norte de Minas Gerais vai ressurgir e voltar a trazer alegria para o povo da região. Porém, é preciso resolver o problema que os artistas que jogam com a bola no pé enfrentam na área: a falta de um palco digno para atuarem. E isso também passa pela questão do suporte.

“Na região do Norte de Minas, você não tem um campo de futebol com um gramado tão qualificado, de alto nível. A diferença daqui para os outros clubes se dá em nível de apoio, de estrutura, de a prefeitura apoiar ou não”.

Enquanto o Funorte e o North utilizam ora o campo do Ateneu, time amador da cidade, ora o clube da Copasa para treinarem, também se fazem necessários acordos para a utilização do José Maria Melo, o principal estádio da cidade. Também conhecido como Campo do Cassimiro, o clube que o administra, o local pode passar de 4.500 pessoas quando lotado.



É uma relação de parceria entre as equipes, quase um mutualismo futebolístico: enquanto o Cassimiro fornece o estádio para o North disputar as partidas, o atual clube do técnico Milagres realiza as atualizações dos laudos de vistoria, presta melhorias no gramado e faz os serviços de pintura e reforma dos vestiários. Para a Funorte, por outro lado, sem essa relação de trocas, já fica mais caro pagar o aluguel junto ao dono do estádio. O preço por partida não é tão caro, nas palavras de Júnio, mas é um valor que fica “salgado” ao final do mês.

Por isso, por mais que o North tenha aporte financeiro para estabelecer essas relações de parceria, diferentemente da Funorte, a construção de um centro de treinamentos é a prioridade do clube. É até mesmo mais essencial do que a ascensão para a primeira divisão do estadual em 2024. Também tendo atuado na criação da SAF do Athletic, que levou o clube ao inédito título de campeão do Mineiro do interior em 2022, Andrey conta que a principal diferença entre os dois modelos é o projeto envolvendo o CT para a equipe de Montes Claros.

“Estamos começando de uma forma diferente, a gente está começando a fazer um centro de treinamentos, que vai ser um dos melhores de Minas Gerais. Claro que tem a Cidade do Galo, o Lanna, a Toca da Raposa, mas vamos perder pra poucos espaços”.

Sem contar com o apoio da prefeitura na empreitada do futebol, a saída para os planos ambiciosos do North também foi pela Sociedade Anônima. Além de frear o suporte para os clubes da cidade, a prefeitura também não terminou a construção do que era para ser o Estádio Municipal de Montes Claros⁴¹. E olha que isto não é culpa de prefeito ciclando ou beltrano: já se passaram mais de 50 anos desde o anúncio de que o Mocão passaria a existir.

Ao total, foram gastos quase quatro milhões de reais na obra, cujas únicas visitas a campo foram puramente de cunho político. Em 2012, dez anos antes deste livro ser escrito e quarenta e um anos depois do começo das obras no estádio, o então prefeito da cidade, Ruy Muniz (PRB), anunciou durante a campanha eleitoral que a arena finalmente sairia do papel⁴². Coincidentemente, Muniz foi o fundador das Faculda-

des Unidas do Norte de Minas - a Funorte - e fornecia suporte financeiro para o clube de futebol, mas a questão do estádio foi em vão. O local que hoje em dia deveria receber jogos de dez a doze mil pessoas, com alambrado, arquibancada, drenagem e iluminação de qualidade, está, mais do que nunca, largado de lado. Alguns dos melhores comentários na página de avaliações do google sintetizam a opinião dos moradores de Montes Claros sobre a situação do estádio:

★★★★★ 4 anos atrás

Pena que está abandonado! Ótimo pra quem quer fazer trilha kkk

★★★★☆ 10 meses atrás

É um projeto abandonado a muito pela prefeitura.

★★★★★ um ano atrás

Gosto de ir passear com meus cachorros!

★★★★★ um ano atrás

Este lugar é a onde encontro com Jesus

Nada sobre futebol, que era para ser o principal assunto a ser debatido em torno do estádio, desde o momento em que o então presidente da extinta Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, visitou a cidade, em 1971, para dar início às obras, que como sabemos nunca foram finalizadas. No aniversário de 30 anos da inconclusão da construção, foi feita uma tentativa pelo Governo Federal junto ao Ministério do Esporte de mudar o panorama da situação: foram liberados R\$1,5 milhões para a construção de uma vila olímpica a fim de substituir o antigo projeto de estruturação do estádio⁴³. Porém, esta foi apenas mais uma quantidade de dinheiro não justificada injetada na arena, já que com essa grana seria possível apenas executar os serviços de terraplanagem e drenagem do campo, além de comprar a ferragem

que seria utilizada no empreendimento. Isto é, ao menos no olhar do então prefeito da cidade, Jairo Ataíde (DEM), que em 2016 seria condenado por improbidade administrativa e teria seus direitos políticos cassados em três anos.

Muita controvérsia para pouca bola rolando.

Júnio, o coordenador do Funorte, ainda complementou sobre a situação dos gramados, por fim: “Na minha visão e tempo de trabalho que eu tenho aqui, a região Norte de Minas precisa de uma estrutura física, não adianta ter o clube sem local para jogo e sempre depender de outros. Amanhã não sabe se tem local para treinar, tem que alterar isso.”

João Lamêgo

Uma parceria à moda antiga do América de Teófilo Otoni

Há pouco mais de 500 quilômetros de Montes Claros, na maior cidade localizada no Vale do Mucuri, a história é outra. Tanto no apoio da prefeitura ao clube da cidade, quanto ao local em que o time atua no município.



Quando o assunto é futebol, o **América** é a estrela da cidade de Teófilo Otoni, também conhecida como a capital das pedras preciosas, onde nasceu e morou o falecido avô de um dos autores deste livro.

Com um prefeito fanático pelo clube, o Dragão tem um forte vínculo com a política da região. Em 2022, o presidente da agremiação, Tarcirlei de Brito (Partido dos Trabalhadores), concorreu para deputado estadual, enquanto o vice-presidente, João Gabriel Prates, auxiliava na assessoria do candidato e exercia o papel de presidente do América ao mesmo tempo. O prefeito citado, Daniel Sucupira (Partido dos Trabalhadores), já havia sido o regente máximo do clube e estava em pleno exercício de seu segundo mandato, como político, na cidade, mas quase virou candidato ao governo do estado. Inclusive, Sucupira tem o título de embaixador do América.

Nas palavras do vice-presidente, o clube precisa se reinventar. Devido à bagunça que antigas gestões tinham deixado na administração da equipe, um troféu que fez parte do tricampeonato regional do América de 1956 a 1958 foi encontrado no meio do mato e só não foi jogado fora por conta de um ex-jogador do time, Marreco, que descobriu o que estava pra acontecer e não permitiu. Atualmente funcionário do clube, o ex-volante é o acervo vivo do América. Divide os trabalhos de manutenção com os de colecionador de itens, histórias e fotos do Mecão. A propósito, faz-se necessário ter um cuidado para não confundir o nosso Marreco com o vereador em exercício Paulo Marreco (PSD), na mesma

cidade. Por outro lado, o ex-atleta do América, Carlos Hermogêneo de Oliveira, por enquanto não tem nenhum vínculo com a política. Conta inclusive que quando era mais novo seu apelido original era Jairzinho, pelo fato de jogar no Botafoguinho da cidade, mas um dia um companheiro de time o viu com um marreco na mão e não deu outra: virou Marreco.

Outro veterano com passagem como treinador pelo América é o já citado Milagres. Em 2021, o ex-goleiro teve a oportunidade de comandar o clube, e percebeu a diferença do apoio fornecido ao time pela prefeitura de Teófilo Otoni em relação à Montes Claros.

“Ano passado estive no América de Teófilo Otoni, onde aí sim havia um apoio total da prefeitura através do prefeito Daniel Sucupira, resgatando uma situação do América nessa luta de buscar o acesso ao Módulo II, pela tradição que o clube tem no futebol mineiro. Em Montes Claros não tem apoio, a prefeitura prioriza outras situações da cidade, não é tão ligada ao esporte”.

Uma das principais diferenças é referente aos estádios do município. Enquanto nós destrinchamos boa parte do imbróglio que envolve as dificuldades dos clubes do Norte de Minas em disputar suas partidas, em Teófilo Otoni o estádio Nassri Mattar pertence ao América. Só isso já desonera grande parte dos custos, ainda mais com uma boa relação com a prefeitura da cidade: em 6 de dezembro de 2018, a Câmara Municipal de Teófilo Otoni decretou o tombamento histórico e cultural do estádio⁴⁴. Com isso, o clube passou a ter a concessão de não pagar o Imposto Predial e Territorial Urbano, o famoso IPTU, referente ao imóvel. Ou seja, menos dívidas para a administração da equipe, que em 2019



Créditos: Acervo pessoal

O salvador de troféus do clube pode ser conhecido de diversos jeitos: Carlos Hermogêneo, Marreco ou mesmo Jairzinho.

ainda leiloaria a sede social do clube por conta dos endividamentos⁴⁵. O valor de R\$1,2 milhão quitou os processos trabalhistas que estavam na casa de R\$1 milhão e salvou o América de ter que também vender o Nassri Mattar.

Com capacidade máxima de cinco mil pessoas, a arena atingiu um de seus maiores públicos da história na primeira partida da semifinal do Campeonato Mineiro de 2011, quando o Cruzeiro foi até Teófilo Otoni enfrentar o Dragão. Assim como o Athletic em 2022^{*46}, o América não venderia o mando de campo para faturar mais. Todavia, a equipe do Vale do Mucuri poderia ter tido melhor sorte naquela partida. No primeiro turno, no mesmo estádio, o time celeste havia ganho o confronto por um dois a um chorado, no qual o clube ficou com um jogador a menos desde os catorze minutos do segundo tempo - o camisa dez Wellington Bruno -, que fez falta no restante da partida⁴⁷.

Naquela ocasião, Jônatas Obina faria o gol de empate do lado vermelho, após o Cruzeiro abrir o marcador com Wallyson, que estava imparável naquele começo de ano. O time de Teófilo Otoni só levaria o gol decisivo nos acréscimos da partida. Contra ainda por cima! O zagueiro Rodrigo Sena foi cortar o cruzamento rasteiro do lateral-esquerdo Everton e acabou empurrando a bola para os fundos da própria rede. Um resultado triste para os americanos pelas circunstâncias, mas que serviu para mostrar a valentia da equipe perante um adversário que havia acabado de ganhar de dois adversários na Libertadores por 5 e 4 a 0 de Estudiantes-ARG e Guaraní-PAR.

** Embora o clube de São João del Rei não tenha vendido o mando de campo, a FMF alegou problemas na iluminação do estádio e dificuldades na instalação do VAR, e não permitiu que o jogo fosse realizado no Joaquim Portugal. Logo, os dois jogos da semifinal seriam disputados no Mineirão, o que pesaria contra a equipe das Vertentes.*

A fase da raposa estava realmente iluminada naquela época, mas o América não estava fazendo por menos. Tendo ficado na terceira colocação da fase inicial do mineiro, um jogador que puxava o time para cima e também estava no radar de outros clubes era Jônatas Obina.

O atacante, que viria a ter uma dupla nacionalidade e jogar pela seleção de Guiné Equatorial no futuro, comeu a bola naquele campeonato, juntamente com o parceiro de ataque Rogélio Balotelli, também

conhecido por Rogélio Ávila. Mas para facilitar, vamos chamá-lo com base no nome do atacante italiano, que nessa época de 2011 havia recentemente chegado da Inter de Milão para o Manchester City por uma quantia de R\$68,5 milhões de reais⁴⁸. Esse valor representava quase 490 folhas salariais mensais do América daquele ano!⁴⁹

Jônatas e Rogélio, ou melhor dizendo, Obina e Balotelli marcariam 18 dos 25 gols que o América faria ao todo naquele campeonato^{50, 51}. Simplesmente 72% de responsabilidade direta nos gols da equipe. Nem mesmo os revezes de 7 a 1 para o Atlético na Arena do Jacaré, 8 a 1 para o Cruzeiro no Nassri Mattar ou o 5 a 1 contra o time celeste novamente na Arena do Jacaré seriam capazes de apagar esse ano mágico dos dois atacantes, ambos andarilhos do futebol. Inclusive, Obina havia tido uma outra passagem pelo América em 2009, na qual foi o artilheiro do Módulo II do Campeonato Mineiro⁵². O atacante descreveu um pouco sobre essas passagens pelo América, e ainda ressaltou o carinho que possui pelo ex-treinador, Gilmar Estevam.

“Descrever meu ano de 2011 é fácil, porém eu tenho que pegar um pouco ali de 2009, quando cheguei num momento um pouco conturbado, que foi pra suprir a carência do Rogério Ávila, que fez uma excelen-



Créditos: UOL/Reprodução

O craque do América de Teófilo Otoni naquele campeonato, Jônatas Obina, logo se transferiria para o Atlético após o fim da competição.

te campanha com o América em 2008. Deus acabou me abrindo portas, me abençoando tanto ali que acabei sendo o artilheiro da competição e conseguimos o acesso pro Módulo I também. Em 2011 voltei e junto com o elenco fizemos uma grande campanha. Agradeço em especial ao técnico Gilmar Estevam, que me ajudou muito mesmo, e só tenho a agradecer a todos do América de Teófilo Otoni, tanto de 2009 quanto de 2011.”

O antigo técnico de Obina encenou um caso raro no futebol brasileiro: permaneceu mais de quatro anos seguidos no mesmo clube. Esteve desde 2008 até 2011 no comando do América. Depois, passou pelo Valério por um ano, e voltou para o clube de Teófilo Otoni, ficando de 2011 até 2013. Após esse tempo, rodou pelo futebol mineiro e teve mais duas passagens pelo clube, uma em 2016, que ajudou o clube a subir para o Módulo I e outra em 2017, na qual não conseguiu evitar o descenso para o Módulo II de volta. Enquanto isto, atualmente em 2022... Dirigiu o clube na terceira divisão! O América realmente parece contagiar seus jogadores e treinadores com uma esfera que eles se sintam na necessidade de voltar ao time.

Em relação ao Dragão do Corcovado ter conseguido o acesso à primeira divisão em 2010, o que ocorreu foi o seguinte: o Rio Branco, da cidade de Andradas, desistiu de disputar a elite do Mineiro por falta de recursos. Logo, a vaga sobrou para o time de Teófilo Otoni, que havia ficado em terceiro lugar no Módulo II.

A equipe do Sul de Minas não voltaria a competir na primeira divisão do mineiro desde então, mas até hoje deixa lembranças, principalmente pela vitória por um a zero sobre o Cruzeiro no Mineirão em 2008, marcada por uma lambança do arqueiro da equipe celeste que substituiu Fábio, o goleiro Andrey⁵³. O jogador, que havia chegado ao clube vindo do futebol romeno em dezembro de 2007, foi deslizar no gramado do Gigante da Pampulha para pegar uma bola tranquila na grande área. Porém, escorregou tanto pelo campo que perdeu o equilíbrio e deixou a bola escapar.

Daí ficaria fácil para o artilheiro Bruno Mineiro roubar a bola e apenas tocar para o fundo das redes. O goleiro ficaria marcado por esse lance e não jogaria mais pelo Cruzeiro naquele ano. Permaneceria no clube somente até seu contrato acabar, em 2009. Enquanto isto, o atacante do Rio Branco ganharia notoriedade nesse campeonato mineiro. Com esse gol, ele se tornaria o vice-artilheiro com seis tentos anotados em oito jogos, e se transferiria para jogar na Suécia logo após o fim do torneio⁵⁴. Voltaria para o Brasil, passando novamente por Minas. Jogaria pelo América de Belo Horizonte, por Serranense e encerraria a carreira no Coimbra, time o qual o ex-atleta tem a marca de maior artilheiro da história, com vinte gols. Quando se despediu do clube de Contagem, com uma camisa com o número 20 e seu nome atrás na mão, agradeceu, frisou e explicou a importância dessa quantidade de gols:

“Em vinte e três anos na bola, joguei em vários clubes, fui artilheiro e nunca recebi uma homenagem dessas. Tudo que você faz na vida vai ter um prêmio e isso aqui pra mim não tem coisa melhor não: reconhecimento. Mas aí você fala: “Ah, vinte gols”, não é só pelos gols, cara. É pelo o que nós conquistamos com isso aqui. Dentro de campo, extra-campo, amizades, parcerias... Enfim: são coisas que não tem preço”⁵⁵.

Voltando ao América de Teófilo Otoni, no ano de 2010 o clube conseguiu o tão sonhado acesso para a primeira divisão do estadual. Quem acompanhou esse ano do clube, além de todo o processo desde a subida do time para o Módulo II, em 2008, foi o jornalista João Teixeira. O também radialista contou sobre uma parceria muito importante feita pelo América à época: a empresa Ramos Transportes, grande responsável pela ascensão do clube até à primeira divisão. A transportadora injetava dinheiro e administrava as finanças do departamento de futebol e do estádio Nassri Mattar. Darciano Barroso, supervisor do clube em 2011, contou ao Uol naquela época que a empresa conseguiu “colocar e manter as contas do clube em dia”.

Em troca, a Ramos Transportes arrecadava com o patrocínio estampado na camisa do América, o dinheiro da venda de ingressos no estádio e com a cota de televisão paga pela TV Globo pelos direitos de transmissão do campeonato.

Porém, eventualmente a parceria chegaria a um fim. E foi apenas quatro meses depois da divulgação da matéria da Uol exaltando a relação entre o América e a Ramos, no mesmo ano de 2011. A reportagem foi divulgada pelo site paulista no dia primeiro de abril, época em que o clube estava na quarta posição do campeonato, com dezoito pontos ganhos em nove partidas e três pontos à frente do quinto colocado, o Villa Nova. Estavam voando. Porém, tudo mudaria repentinamente. Em 14 de julho, o Diário de Teófilo Otoni informaria que a parceria havia sido desfeita pelo empresário dono da empresa parceira do clube, Marcelo Ramos, após reunião com dirigentes do América no dia 26 de junho⁵⁶. Por isso, em 2012, a equipe optou pelos patrocínios do Banco BMG e da Farmácia Indiana, sem contar com o apoio financeiro da companhia de transporte no futebol profissional. A Ramos Transportes estava prestes a colapsar. Passando por dificuldades financeiras que futuramente acabariam a quebrando, em 2012 as dívidas da empresa chegariam a mais de R\$115 milhões de reais com credores^{*57}. Além de milhares de produtos com a entrega em atraso, a empresa fecharia todas as filiais no Norte e no Sul do país, acarretando em mais de 1.600 trabalhadores demitidos. Agilmente, João Teixeira já tira qualquer tipo de culpa que pudesse cair sobre o Mecão: “As más línguas falam que a falência foi devido ao dinheiro investido no América, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Depois da parceria desfeita com a diretoria, a empresa da Ramos ainda continuaria rodando pelo país afora”.

**A solução seria entrar em concordata, isto é, quando as empresas que não têm mais condições de arcar com suas obrigações financeiras passam a firmar acordos das dívidas com aqueles aos quais estavam devendo.*

Aliado a isto, o treinador Gilmar Estevam e sua comissão técnica estavam de partida para o Valeriodoce, após quatro anos ininterruptos comandando a equipe do Vale do Mucuri. Um baque que seria sentido no campeonato de 2012, no qual a equipe se safou de ser rebaixada na última rodada, em um confronto direto de vida ou morte contra o Democrata de Governador Valadares*.

Logo, com uma vitória por 2 a 0 e com quatro expulsões ao total, o América conseguiu ficar por mais uma temporada na primeira divisão, mas não teria tanta sorte em 2013. Sem contar com o patrocínio da Ramos Transportes e os artilheiros dos anos anteriores, o América ficaria com o pior ataque da competição com apenas oito gols marcados e amargaria o rebaixamento para o Módulo II.

Longos quatro anos depois, o clube estaria de volta para a primeira divisão, mas agora com um outro patrocinador em jogo. Em uma frase curta, o radialista João - também assessor do prefeito Daniel Sucupira -, consegue sintetizar o quão importante foi a participação do poder público na campanha de ascensão da volta do Dragão à elite do Mineiro: "A retomada do América teve tudo haver com a prefeitura de Teófilo Otoni".

Por lá, na maior cidade do Vale do Mucuri, existe um programa da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer chamado "Esporte é Vida", que tem como um de seus principais objetivos zelar pela conservação do patrimônio público destinado à prática esportiva e, mais importante, buscar sua expansão⁵⁸.

E essa é a grande sacada da prefeitura da cidade. Muito mais do que apenas contribuir com um suporte financeiro, a administração da cidade orienta na logística do clube, algo que para os times do interior, como podemos perceber com o North e o Funorte, é de suma importância. Como conta o jornalista:

**Em 2017, o clube das listras pretas e brancas do Vale do Aço se vingaria do América e rebaixaria o time da primeira divisão do estadual, também em um jogo de matar ou morrer, com uma vitória magra por 1 a 0.*

“O município é quem paga as viagens do América. A empresa que ganhou a licitação de transporte, uma outra empresa sem ser de transporte público, cede o ônibus para o clube viajar. É mais uma questão de logística, não financeira”.

João também diz que foi até mesmo promessa de campanha do prefeito Sucupira resgatar o futebol profissional da cidade. Isto em 2020, ano em que ele tentou e conseguiu a reeleição para a prefeitura da cidade, em um momento em que o América estava parado desde 2019: o clube esteve sediado em Ibirité, na Grande BH. Inclusive, é interessante citar que por é feita uma parceria entre investidores da cidade e a equipe do Vale do Mucuri para que os times jovens do América joguem na cidade.

Passando tanto pelo Dragão de Teófilo Otoni quanto pelo recente time do North, o ex-jogador e atual treinador do North, Milagres percorreu a experiência de trabalhar em um clube que recebe o apoio financeiro da prefeitura e outro que é gerido por gestão de SAF. Em termos de futebol, ao menos na Segunda Divisão do Mineiro, a parceria que se saiu vitoriosa em 2022 foi a Sociedade Anônima do Futebol: o América esbarrou no Valeriodoce e foi eliminado nas quartas de final da competição, enquanto o North se sagrou o campeão do torneio e garantiu sua vaga para o Módulo II de 2023. Junto dele, o Itabirito também subiu, já que a equipe B do Coimbra não poderia disputar a mesma divisão que o time principal do clube.

João Lamêgo



Créditos: Ascom/ North

Em seu primeiro ano como clube profissional, o North já mostrou que não está para brincadeira.

Que trem é esse de mascote, sô?

Mascotes são aqueles personagens que buscam associar atributos como raça, coragem e determinação aos clubes que pertencem.

Fatores como a localização geográfica, a fauna e a flora e até mesmo o clima de um determinado local podem fazer com que o sentido atribuído aos fiéis escudeiros dos times possa variar em diferentes regiões de Minas Gerais.

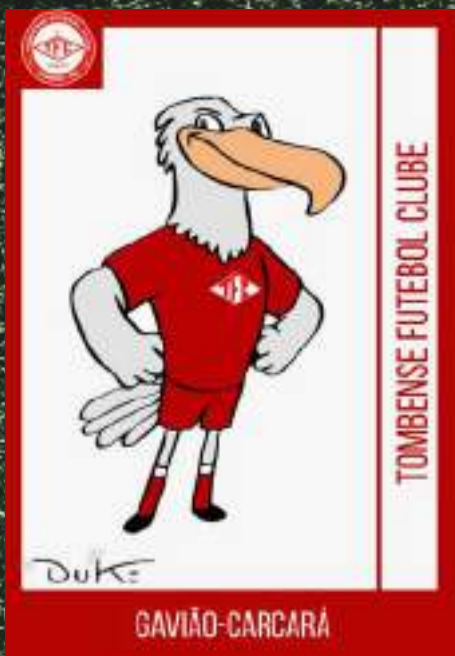
Por isso, nessa parte, vamos conferir alguns desses!



Desde 1943, o América também é conhecido por Coelho. O mascote nasceu das mãos do cartunista Fernando Pierucetti, o Mangabeira. Uma curiosidade é que antes de ser marcado por esse animal, o Alverde tinha um pato como apelido. A alcunha era uma alusão ao personagem do Walt Disney, Pato Donald, que "se envolvia em polêmicas por questionar tudo". Mangabeira desenvolveu o mascote verde em um projeto encomendado pelo jornal 'Folha de Minas'. O cartunista sempre justificou a esperteza como motivo para escolher o símbolo americano. "O coelho é um bicho que dorme de olho aberto, assim como o time do América dentro de campo e alguns dirigentes que o clube tinha e que mudaram a história da equipe", disse à época.

O Leão foi escolhido pelo chargista Mangabeira para caracterizar a garra do Villa, a fibra dos jogadores, a energia da torcida ao longo aí desses cento e quatorze anos de existência, de teimosia e de resistência também. Além disso, como o estádio em que a equipe manda seus jogos está localizado no Bonfim, em Belo Horizonte, o mascote ficou conhecido como o 'Leão do Bonfim'.





De acordo com fontes extraoficiais do clube, o apelido do time, bem como o mascote, se deve ao desnível do campo em que atuava a equipe de Tombos, de aproximadamente, quatro metros de um gol a outro. Por saber dessa informação, o Tombense, geralmente, jogava atacando para o "lado de cima". Na etapa complementar, o time atacava para o "lado de baixo", aproveitando o desnível. Então, um torcedor teve a ideia de dizer que o Tombense atacava com tanta velocidade como um Gavião Carcará que ataca sua presa. Com isso a equipe ficou sendo comparada ao animal, sendo chamada de "Gavião Carcará", ou simplesmente "Carcará".

O mascote do Tupi, 'Galo Carijó', faz referência a força, coragem e valentia que, por muitas vezes, são atribuídos ao Galo. Somado a isso, um dos fundadores do clube, o Senhor Antônio Maria Júnior era conhecido como Carijó. E para diferenciar do Atlético, também conhecido como 'Galo', acabou ficando essa alcunha mais específica de 'Galo Carijó'. Essa denominação de 'Carijó' era bastante comum na imprensa brasileira ao denominar equipes que tinham em suas cores o preto e branco, os alvinegros. Os Carijós, por sua vez, são um dos vários povos indígenas do Brasil que são mestiços, mamelucos, descendentes de pessoas indígenas e dos chamados 'homens brancos'.



No final de 1930, Mangabeira também criaria o desenho do Galo como símbolo principal do Atlético-MG. A justificativa dada por ele era que o "O Atlético sempre foi um time de raça. Mais parece um galo de briga, que nunca se entrega e luta até morrer". Quinze anos depois, o Galo foi redesenhado, e a partir de 1950 o mascote iniciou a sua popularização entre os torcedores do alvinegro mineiro, estando presente no grito de guerra do clube. Em 2005, o mascote sofreu uma nova alteração no seu desenho, e se tornou o "Galo Doido", fiel escudeiro do Atlético-MG em todos os jogos.



A Raposa como mascote oficial do Cruzeiro foi criada por Mangabeira, em 1945. Características como a astúcia e a rapidez do animal foram atribuídas na época ao então presidente do clube celeste, Mario Grosso, conhecido pela sua esperteza nas negociações de jogadores. Para simbolizar o ícone cinco estrelas, foi criado, em 2003, o Raposão. Desde então, acompanhado do Raposinho.

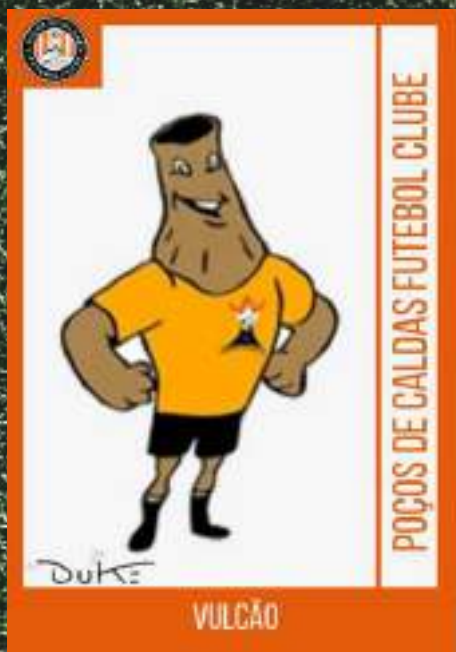


O mascote do Democrata F.C. é um jacaré. O animal, também escolhido por Mangabeira, é um símbolo do time pela sua agilidade e também numa alusão às lagoas da cidade.

Conforme pesquisa do historiador Hugo Pontes, para o livro AAC: História e Glórias, a alcunha "Periquito" passou a ser utilizada para se referir à Caldense na década de 1930, por analogia ao Palestra Itália de São Paulo, em função da cor da camisa verde. Ao longo dos anos o personagem foi adotado como mascote da Veterana e retratado diversas vezes por cartunistas da cidade. No final de 2007, o clube resolveu lançar uma campanha para escolher o nome do simpático mascote. Com 15.662 votos, Periquitão foi eleito o nome do mascote.



A cidade de Poços de Caldas esta situada na cratera de um vulcão extinto. Por esse motivo, o Poços de Caldas F.C escolheu o vulcão como mascote.



O mascote do Democrata de Governador Valadares, a Pantera, foi uma criação do jornalista Marcondes Tedesco, em 1969. Em entrevista ao jornalista Tim Filho, em 1995, Tedesco contou que durante o processo de criação, vários animais foram lembrados para simbolizar a raça democrataense, mas a pantera foi escolhida por ser um felino e de cor negra, cor predominante no uniforme do Democrata, preta e branca. 'Os felinos são vencedores, não se acovardam e reinam soberanos na selva' (Tedesco).



Dentre as diversas famas da cidade de Uberaba, ser conhecida pela capital do Zebu é uma delas. Lá, é onde fica instalada a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, responsável por cuidar, organizar eventos famosos, como o Expo Zebu, e disseminar a genética dessa espécie de boi país afora. Devido a essa fama, foi escolhido esse tipo de boi para ser mascote do colorado.

O primeiro mascote do Mamoré foi um periquito, mas o time passou a levar o nome de 'Sapo' graças a seu rival, URT. O antigo estádio em que a equipe jogou era um brejo e, como também o uniforme é verde, foi suficiente para os torcedores criarem o apelido. Sendo assim, o próprio clube decidiu fazer um plebiscito para fazer a mudança do mascote.



O mascote principal do Uberlândia é o periquito. A mascote vem sendo utilizada, há algumas décadas, como um dos símbolos do UEC, devido à cor verde predominante do animal e a grande população dessas aves na cidade de Uberlândia. O periquito remete à esperança, a vontade de voar alto, ou seja, ser campeão.



A coruja foi escolhida para representar a equipe do Boa Esporte pelos seus dirigentes nos anos 60. A escolha se deu por causa dos ninhos de coruja que existiam no estádio do clube, quando o Boa ainda se chamava Ituiutaba, onde era sua sede. Atualmente, a equipe esta sediada em Varginha.



O mascote da equipe do Ipatinga é um tigre, que foi escolhido por votação popular em 1998. A indicação foi dada em um evento na sede da Associação de Moradores do bairro Novo Guarani. O animal, de garras afiadas e dentes longos, representa a força e determinação da equipe do Vale do Aço.

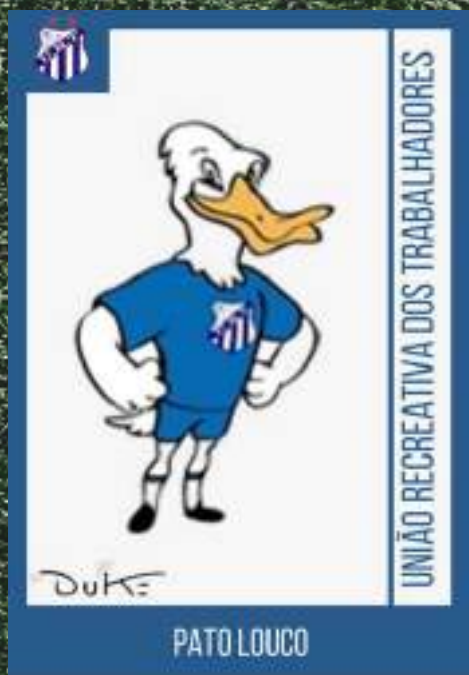
A inspiração para o mascote foi devido a um gol muito importante da história do Araxá Esporte Clube. Em 1966, estavam disputando a vaga ao Módulo I do Campeonato Mineiro, Araxá e Usipa, de Ipatinga. A partida estava empatada em 1 a 1, quando surgiu um pênalti para a equipe do Alto Paranaíba. A cobrança foi convertida por Nilton Germano da Silva, o Ganso. Com a vitória, o Araxá obteve seu primeiro acesso à elite do futebol Mineiro. E isso foi o suficiente para que o chargista Fernando Pierucetti, o Mangabeira, criar o mascote da equipe, que ficou conhecida como o Ganso.



Em 1981, o Social Futebol Clube, de Coronel Fabriciano, se inscreveu para a participação da Segunda Divisão profissional do Campeonato Mineiro. Com isso, o presidente e os demais membros da diretoria na época decidiram promover um concurso para escolher o mascote. Então, dentre os diversos desenhos, foi escolhido o Saci, de autoria do cartunista José Guilherme, que foi incentivado pelo jornalista Marcondes Tedesco, um dos criadores do jornal Diário do Aço, que incentivou o cartunista a se inspirar no folclore brasileiro para desenhar o que viria a ser o mascote do Social.



A escolha da águia teria sido feita pela diretoria, em meados dos anos 1980, quando o Patrocínense ainda era amador. O animal foi selecionado por seus atributos de força e visão para representar o clube da cidade de Patrocínio. Inclusive, o Patrocínense tinha um Centro de Treinamentos e o Clube Social denominado "Vila Olímpica Ninho da Águia", mas por conta de problemas financeiros, não conseguiu ser mantido pelo clube grená.



Conhecido como Pato Louco, o mascote da União Recreativa dos Trabalhadores, a URT, foi escolhido por conta de a figura do Pato estar presente no escudo da equipe e, também, claro, por conta do nome da cidade onde foi fundada a URT, em Patos de Minas, que se desenvolveu a partir do povoado de Santo Antônio dos Patos.

CAPÍTULO 2

CAMISA 12: AS DIFERENTES RELAÇÕES DO TORCER COM O FUTEBOL DE MINAS

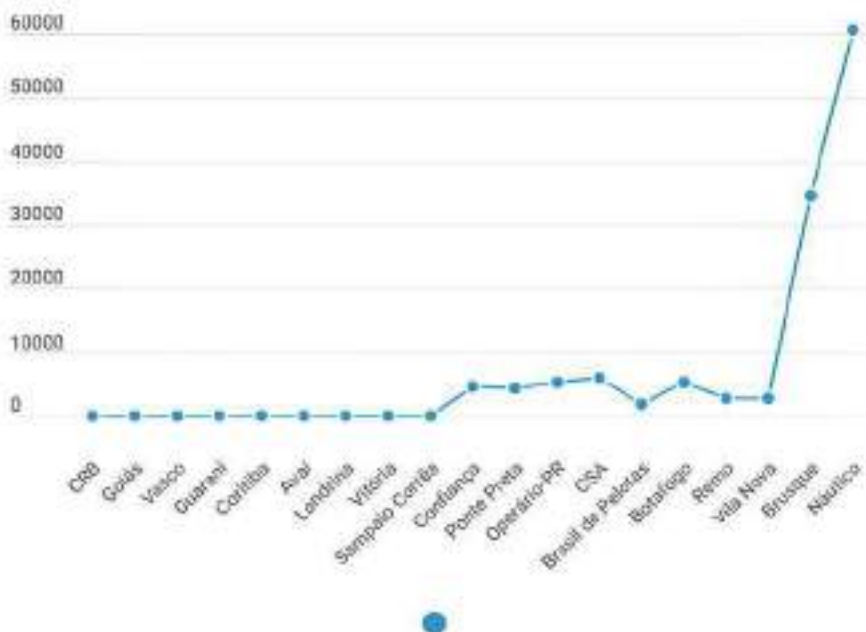
Villa Nova, Democrata GV, Ipatinga,
Democrata SL, Atlético MG, Araguari

Ao ter em vista as diversas e complexas transformações nas quais alguns clubes mineiros passaram e vem passando, talvez seja interessante, e desafiador, entender se essas mudanças podem impactar em um dos principais elementos que compõem esse esporte de paixão nacional: o torcedor. Para um clube aprimorar sua gestão esportiva é importante ter como um dos principais objetivos o equilíbrio financeiro e, conseqüentemente, o aumento da receita. Esse último pode ser obtido de diferentes formas, como por meio de patrocínios, venda de jogadores, licenciamento televisivo e, principalmente, a lealdade do seu torcedor. A fidelidade de um cliente é o desejo de qualquer empresa, e esse conceito econômico também pode ser adaptado para o universo esportivo. A presença do torcedor nos estádios - bem como na assinatura de planos de sócio torcedor, compra de artigos do time e ganhos com pay per view - é uma forma que um clube tem de garantir renda, mas também de consolidar sua imagem no cenário esportivo nacional. A ele se atribui um papel muito importante na engrenagem que move o esporte e essa relação é uma via de mão dupla, pois o torcedor espera que esse investimento de tempo e dinheiro seja revertido em um bom desempenho do seu time.

Só que diferente de uma simples negociação econômica, quando se trata de futebol, temos um elemento complementar a isso. Os torcedores estabelecem uma ligação tão forte com seu clube que isso passa a ser parte de sua vida. Eles estão ali para apoiar e ficam extasiados em poder acompanhar cada conquista. Mas nem só de vitórias uma equipe vive e isso, com certeza, gera um sentimento negativo. Sendo assim, seria possível dizer que essa conexão se abala de acordo com a fase em que o clube se encontra? Os altos e baixos na tabela dos campeonatos, as crises financeiras, trocas de gestão e implementação de novos modelos de negócio podem influenciar, ou até mesmo modificar, a intensidade da paixão que um torcedor nutre pelo seu clube de coração?

Na saga vivida pelo Cruzeiro nos últimos 3 anos, a estreia do clube na Série B aconteceu junto com o agravamento da pandemia no país, e isso impossibilitou o torcedor de comparecer ao estádio durante toda a temporada. Em 2021, com o time ainda na segundona, o público pôde voltar às arquibancadas, ainda que de forma um pouco restrita, a partir da partida contra o Confiança, de Aracaju, e os jogos que o clube esteve como mandante não passaram de 6 mil torcedores, por jogo, no Mineirão.

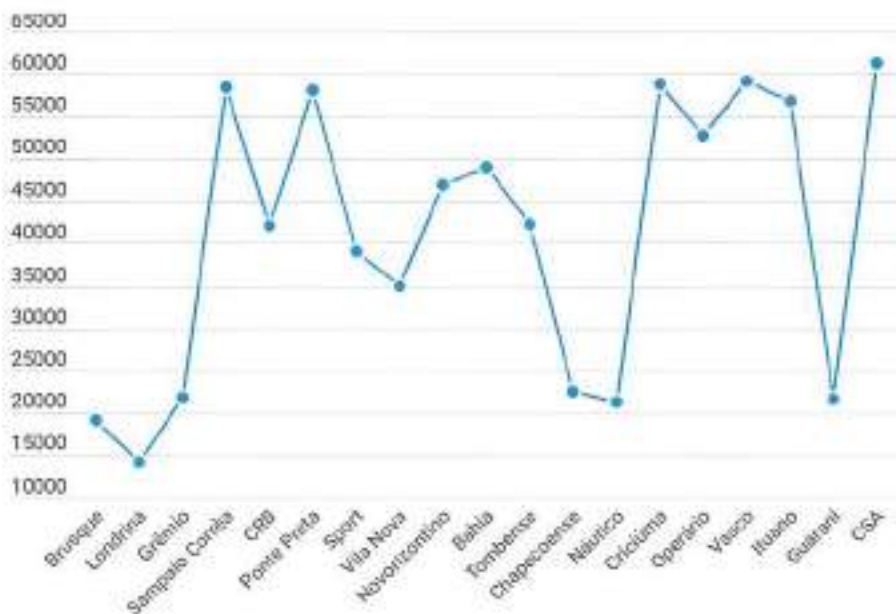
Público do Cruzeiro na temporada 2021 do Campeonato Brasileiro



Fonte: Cruzeirópédia

Para uma equipe que nunca havia vivido tamanha crise econômica, que ainda gerou a permanência na segunda divisão no ano seguinte, seria inevitável que o torcedor não ficasse desmotivado a acompanhar o time. Já em 2022, com uma nova gestão e a promessa de reconstrução e ascensão da Raposa, o torcedor celeste se viu mais confiante e disposto a ir aos jogos, mudando a realidade dos dados do ano anterior.

Público do Cruzeiro na temporada 2022 do Campeonato Brasileiro



Fonte: Cruzeirópédia

O processo de mudança, ou pelo menos do início dela, na estrutura interna do time refletiu em campo e impactou, também, no número de pessoas que adquiriam o programa 'Sócio 5 Estrelas' - programa de fidelidade do Cruzeiro - que no ano de 2022 foi uma das principais fontes de receita do clube⁶⁰.

Isso mostra que todo o contexto que faz parte da trajetória de uma equipe, seja social, econômico ou político, pode influenciar no comportamento dos seus torcedores. Claro que essa não é uma regra, mas a torcida apresenta uma tendência a não acompanhar tão assiduamente os jogos e comparecer aos estádios quando seu time não está indo bem. Mas é preciso entender que a relação torcedor e time não é algo tão simples, que possa ser explicada somente em dados. É um vínculo que envolve dinheiro, mas, sobretudo, a paixão. Esse indivíduo pode até se desanimar com o clube, porém, dificilmente, vai deixar de torcer por ele. A carga afetiva que está presente nessa conexão depende de outros fatores, que em muitos casos vem, por exemplo, da infância ou de relações construídas ao longo da vida do torcedor, que o fazem criar uma identidade com determinado clube. E, como numa união, a ele é "prometido" estar junto nas alegrias das vitórias e também na tristeza das derrotas.

Vamos entender neste capítulo um pouco de como foram construídas as diferentes relações entre o as pessoas e seus times, explorando esse sentimento de amor e adoração que, muitas vezes, é passado de geração em geração. Considerada por muitos como o 'maior patrimônio' que um clube pode ter, a nossa ideia é justamente conhecer alguns desses personagens que compõem as diversas camadas dentro do futebol. Iniciando as investigações por um perfil do torcedor "comum" e quais são as suas peculiaridades em relação a um perfil de um indivíduo que integra uma torcida organizada.

Maria Carolina Martins

Os diversos modos de torcer no estado

A paixão por um clube de futebol pode começar de diversas maneiras. Ir ao estádio com o pai, a mãe ou algum outro familiar na infância, ser influenciado por amigos da escola, ter um jogador específico como ídolo ou até mesmo um jogo de videogame podem influenciar nessa escolha. Essa decisão pode se tratar de uma sensação de pertencimento a um grupo de pessoas que possuem o mesmo interesse. Ao ver do psicólogo Abraham Maslow, falecido em 1970, há uma pirâmide em que podemos entender melhor esse sentimento. O americano estabeleceu diferentes critérios para definir as necessidades das pessoas. Estas podem ser básicas - fisiológicas e de segurança -, ou psicológicas - de pertencimento, estima e autorrealização. Na esfera de pertença, o menor degrau das necessidades psicológicas, a sensação de amor se desenvolverá, isto é, diretamente atrelada aos relacionamentos familiares e às amizades construídas. Por isso, quando torcemos pelo mesmo time que nossos pais, por exemplo, esse sentimento que é cultivado se torna muito mais potente do que no caso de outro clube ter sido escolhido para ser o contemplado. Nas conquistas e nas derrotas será criado cada vez mais fortemente um elo de união, abrangendo agora as necessidades de autoestima que o indivíduo possui com sua equipe e com as pessoas que torcem junto com ele. Após isso, será possível preencher a necessidade de realização destes.

No caso de um dos autores deste livro, foi a partir de um jogo da franquia FIFA, o FIFA 09, que a relação de carinho com um grande clube do interior de Minas Gerais, o Ipatinga, aumentou ainda mais.

Acontece que ver o Tigre na Série A do Campeonato Brasileiro foi motivo de muito orgulho para o povo mineiro. Tanto que essa participação do time do Vale do Aço, em 2008, foi a última atuação de um clube do estado na primeira divisão sem ser de América, Atlético ou Cruzeiro até os dias atuais.



Em 2008, o time-base do Ipatinga, pressuposto pelo Fifa, tinha como destaque o atacante Ferreira, com passagem pelo Cruzeiro em 2006. Neste mesmo ano, o clube conseguiria o feito de empatar com o então bicampeão São Paulo dentro do Morumbi por 1 a 1.

Alguns jogadores conhecidos do público mineiro daquele elenco eram folclórico atacante boliviano com nome de traficante procura-do internacionalmente, Pablo Escobar, além do famoso centroavante Kempes, que viria a falecer oito anos depois, na trágica queda do voo da Chapecoense, em novembro de 2016.

Dois anos antes o Ipatinga jogar sua primeira e até então única Série A do Brasileirão, Ney Franco, o ex-técnico do clube e também do Cruzeiro, vivenciou uma situação um tanto quanto cômica envolvendo o Tigre: em maio de 2006, o treinador tinha acabado de ser contratado pelo Flamengo e a “parceria” entre o time do Vale do Aço e o clube do Rio de Janeiro chamou a atenção da imprensa carioca. Acontece que além do técnico, o Flamengo já havia contratado quatro jogadores do

elenco do Ipatinga campeão do Campeonato Mineiro de 2005: Luizinho, lateral-direito, Léo Medeiros, volante, Walter Minhoca, meia, e Diego Silva, atacante.



Créditos: globoesporte/ Reprodução

O chamado trio pão de queijo: Léo Medeiros, Diego Silva e Walter Minhoca. Dos três, o primeiro teria o maior destaque no time carioca: seriam ao todo 57 jogos pelo clube, entre 2006 e 2010.

E não pararia por aí, já que em 2006 chegariam mais atletas provenientes do Tigre: os zagueiros Thiago Gosling⁶¹ e Irineu⁶² e os volantes Léo Salino, Jaílton e Paulinho. Quase um time inteiro.

Por isso, o noticiário da Cidade Maravilhosa, notório por seu escárnio, disse que Ney Franco havia instaurado uma “República do Pão de Queijo” dentro do vestiário rubro-negro⁶³. Bastante utilizada ao se referir a um mineiro no comando de uma associação, como por exemplo nas épocas da política em que Juscelino Kubitschek e Itamar Franco estavam na presidência do país, a alcunha não fez diferença para o treinador, segundo o próprio:

“Quando eu fui contratado, o Flamengo já havia contratado e tirado da semifinal (de 2006 contra o Ipatinga pela Copa do Brasil) o Léo Medeiros, o Luizinho, o Walter Minhoca e o Diego. Então não teve nenhuma relação ou influência minha na contratação desses atletas pelo Flamengo, nada. Sobre as questões de imprensa, falar da República do Pão de Queijo, isso nunca me atingiu, até porque o trabalho que eu fiz no Flamengo junto com a minha comissão técnica foi um trabalho muito bom, onde eu fiquei um ano e quatro meses à frente do time, numa época em que o Flamengo trocava de treinador de três em três meses confirmamos o título da Copa do Brasil de 2006 contra o Vasco na final. Então, pra mim, a República do Pão de Queijo não teve influência nenhuma”.

Ney Franco - o mineiro de Vargem Alegre, no Vale do Rio Doce, que também treinou a categoria de base de Cruzeiro e Atlético - ainda nos falou algo certo:

“O diferencial do futebol mineiro é esse, estar em um estado onde o torcedor é apaixonado e com clubes que tenham estrutura para desenvolver trabalhos de base e com condições de entrar nas competições nacionais e internacionais com capacidade de vencê-las.”



Créditos: globoesporte/ Reprodução

Os feitos que Ney Franco alcançou com o clube marcaram a história do Tigre.

João Lamêgo

A TORCIDA INCONDICIONAL

Quem entende de ser um torcedor apaixonado é o João Otávio, o fã incondicional do **Villa Nova** que virou meme em 2019 após dar entrevista revoltado ao programa Banqueta Esporte, da TV Banqueta de Nova Lima, por seu time ter perdido por 5 a 1 dentro de casa para o Tupynambás⁶⁴. De virada ainda por cima.

“Foi vergonhoso demais da conta”.

Na época da entrevista, o João até mesmo comparou o futebol apresentado pelo Villa com o de dois times amadores da cidade. As equipes em questão eram o Esporte Clube Morro Velho, time o qual inclusive ajuda na administração, e também o Palmeirinhas Futebol Clube, de menor renome. Até qual ponto o Villa Nova teve a mesma performance que eles naquele tempo é difícil responder, mas a derrota doeu. E o mais memorável nesse episódio é a paixão embutida na revolta de João com o time do coração. Sobrou para todo mundo.

Em outubro daquele mesmo ano de 2019, tanto o atacante Cassiano quanto o meia Hiwry Branquinho estiveram atuando juntos pelo Betim Futebol, além de contarem com a presença do treinador Fred Pacheco, o coordenador técnico da equipe. O time seria o vice-campeão da terceira divisão do campeonato, perdendo a final para o Pouso



Créditos: globoesporte

João Otávio, na entrevista que posteriormente daria repercussão nacional.

Alegre, que em 2022 disputaria a Copa do Brasil e seria eliminado pelo Coritiba, apenas nos pênaltis. Hoje em dia, Cassiano e Fred continuam no Betim, que bateu na trave e ficou em terceiro lugar no Módulo II. Por um ponto, o time ficou atrás do Democrata de Sete Lagoas e do Ipaatinga, permanecendo por mais um ano nessa divisão. Enquanto isso,

Hiwry está tentando a sorte no Ceilândia, de Brasília, foi o camisa 10 do time que jogou a Série D do Campeonato Brasileiro e atualmente possui mais de um gol na carreira⁶⁵.



Mas teve quem foi elogiado em meio ao caos da goleada sofrida.

“Aí tem o lury, o lury nosso aqui que foi craque ano passado. Nem no banco tá! Pinguim? Nem no banco tá! É coisa que deixa a gente triste, chateado, que não dá não. Tem que mudar é agora”.

Ambos com vinte anos à época, “lury Nosso” e Vitor Pinguim teriam de fato poucas oportunidades pelo Villa. Os dois jovens atletas seriam até anunciados posteriormente por empréstimo ao Nacional de Muriaé, para a disputa do Módulo II do Campeonato Mineiro daquele ano, mas nunca chegariam a jogar. O time, por sua vez, ficaria em quarto lugar, sem condições de disputar a tão almejada vaga para a primeira divisão com concorrentes tão fortes como o Coimbra e o Uberlândia. Hoje em dia, lury, o lateral-esquerdo, atuou pela União Luziense no Módulo II e, assim que o torneio acabou, foi para o Inter São Gotardo, na Segunda Divisão. A última passagem que se tem registro de Pinguim foi pela equipe do Contagem em um empréstimo ao Villa Nova, ainda em 2020.



Créditos: globo esporte

João Otávio sente o Villa Nova na pele em cada lance.

Ainda na saga da entrevista que projetou João Otávio no mundo da fama dos noticiários esportivos, até mesmo Ademilson, lendário atacante dos gramados mineiros, que não tinha nada que ver com a história, foi citado. Os dois gols que ele marcou naquela partida foram sentidos pelo conselheiro do Villa.

“Tomar dois gols de Ademilson, quarenta e quatro anos. Eu tô é chateado demais com esse trem”.

Ídolo do Tupi, “Adêmito” encerraria a carreira ainda um ano depois da entrevista de João Otávio Silva, atuando pelo Tupynambás, em 2020, aos quarenta e cinco anos de idade. Posteriormente, viraria auxiliar técnico no Athletic, aperfeiçoando-se para que hoje em dia trabalhasse como o técnico do sub-20 do Sport Club Ypiranga, em Mimoso do Sul, no Espírito Santo, sua terra natal. Em 2021, recebeu o prêmio de melhor treinador da competição, inclusive⁶⁶. Ele ficou sabendo que foi citado e mandou um recado para o torcedor do Villa:

“Desculpa aí velho, quarenta e quatro anos. Acho que se eu tivesse dez anos a menos acho que eu faria mais”.

Para o maior artilheiro da história do Tupi, a idade era apenas um número. Tanto para jogar ou para começar a torcer por um clube. Por exemplo, o João Otávio começou a torcer pelo Villa Nova lá pra época de 2006, quando tinha apenas seis anos de idade, o time estava em ótima fase - havia acabado de ganhar a Taça Minas Gerais - e era levado ao estádio Castor Cifuentes pelo tio, um conselheiro do clube à época.

João Lamêgo

Já a história da atleticana Stéphanie Lisboa passou longe de seguir esse mesmo roteiro. Não com o Atlético, mas com o Ipatinga.

CONCILIANDO DUAS PAIXÕES

Quase como um acaso do destino, a jornalista passou a vibrar pelo clube do Vale do Aço já com seus vinte e sete anos. Mas antes temos que voltar um pouco no tempo para entender melhor como a situação foi parar aí.

Antes de sequer imaginar ou cogitar se tornar uma torcedora do Tigre, Stéphanie levava uma vida tranquila em Belo Horizonte: trabalhava na RecordTV Minas e ia assistir aos jogos do Atlético, sejam estes no Independência ou no Mineirão. Mas eis que, o noivo, Raphael, consegue um novo trabalho, justamente na região onde o Ipatinga joga. Daí, um novo vínculo foi criado. “Sou uma torcedora do Atlético. Mas com a nossa vinda pra cá, o Rapha me chamou para ir no Ipatingão. A experiência em si é muito bacana. Fui no primeiro jogo do Ipatinga pelo Módulo B, e o time até ganhou. E aí, querendo ou não, faz diferença ver as pessoas mobilizadas, cantando “Vamos subir Tigre”. Depois nós voltamos”.

Stéphanie também contou que antes nenhum dos dois tinha nenhum tipo de ligação com o Ipatinga. Com ela sendo atleticana e o noivo cruzeirense, um ponto em comum para torcerem juntos foi o novo clube, deixando a dinâmica entre Cruzeiro e Atlético um pouco de lado – ao menos quando o Ipatinga estivesse jogando.



Créditos: arquivo pessoal

Stéphanie e Rapha na estreia oficial do Ipatinga em 2022, na vitória por 2 a 0 contra o Tupi, no João Lamego Netto.

Mas é fato que para quem já presenciou um jogo de futebol em uma metrópole e no interior do estado as sensações são diferentes. Tanto é que a jornalista se referiu à torcida organizada do Ipatinga como bandinha. Isto, claro, em um tom afetuosos.

Ela também relatou que percebia certo receio no pessoal da cidade em mostrar um grande ânimo de torcer pelo clube por conta das experiências anteriores vivenciadas com o time, como a quase falência, os rebaixamentos, a troca de cidade... Mas em 2022 eles com certeza tiveram motivos de sobra para comemorar com o acesso do Ipatinga para a divisão de elite do campeonato.

Foram mais de dez mil pessoas na última partida disputada pelo clube no Ipatingão em 2022 - a vitória por 2 a 1 contra o Tupynambás - com ingressos vendidos ao preço promocional de cinco reais. Um retrato bem diferente de anos anteriores, nos quais mesmo a equipe participando de campeonatos de melhor qualidade técnica ainda assim a torcida não comprava a ideia do time. Quando disputou a Série A, em 2008, o Ipatinga levou apenas 912 torcedores para assistir à derrota contra o Figueirense por 1 a 0, pela 11ª rodada do campeonato, enquanto em 2012, quando já figurava a Série B, o clube teve a proeza de levar 37 espectadores para ver a vitória contra o Joinville, pelo mesmo placar magro de 1 a 0. É bom notar que em ambos os momentos o clube do Vale do Aço ocupava a lanterna das competições, em uma realidade bem distante da campanha da equipe no Módulo II do Campeonato Mineiro em 2022. Mais do que nunca, as pessoas da cidade se envolveram com o Tigre.

Com uma distância de aproximadamente 100 quilômetros entre as duas cidades, isto é, cerca de uma hora e meia de Governador Valadares até Ipatinga, pode-se dizer que é comum conciliar dois amores distintos por clubes de futebol entre os moradores da região.

Afinal de contas, a torcida tinha que incentivar o Ipatinga: o clube não podia deixar toda a glória do ano ficar somente para o rival de Valadares; o **Democrata** foi campeão do Troféu Inconfidência de 2022 e com vaga garantida na Copa do Brasil de 2023.

O Matheus Hermógenes é mais um exemplo dos diversos jeitos de ser um fã de futebol. Torcedor de Democrata e Cruzeiro desde que se conhece por gente, o graduado em Relações Internacionais, de 28 anos, conta que a primeira lembrança que tem do clube alvinegro apareceu posteriormente à do time estrelado. Foi em 2004, em uma época em que tinha apenas 10 anos de idade, e o time de Valadares estava passando por um momento tortuoso no Módulo II. O clube fora rebaixado no Campeonato Mineiro de 2001 e não dava indícios de que subiria tão cedo novamente. Matheus havia começado a frequentar os jogos do clube no José Mammoud Abbas, o Mamudão, e logo no ano seguinte de suas idas ao estádio o Democrata se sagraria campeão do Módulo II, após se recuperar de uma intensa crise financeira. “Em 2005, o Ipatinga foi campeão do Módulo I e o Democrata do Módulo II, então acho que foi o melhor ano da história do futebol do Leste de Minas”.

VOCÊ SABIA?

A capacidade do Mamudão passa de oito mil pessoas. Inclusive, o Democrata tem o esquema de vender a ‘cadeira cativa’ para os torcedores mais assíduos estarem garantidos em todos os jogos da equipe no ano.



créditos: wikipédia

Retornando a Matheus, este também conta que quando o Cruzeiro vai à cidade para jogar contra o Democrata, torce pelos dois. De acordo com o próprio, não consegue não ser bairrista com o alvinegro. Acredita que vibrar pelo time seja um jeito de erguer o nome do município, que inclusive é mais novo que o Democrata: enquanto a Pantera possui noventa anos de existência, Valadares tem seis anos a menos de história. “Antes de a gente chamar Governador Valadares, o Democrata já existia. Ainda quando era Figueira do Rio Doce, o time já existia”.



O clube foi fundado em 1932, ano em que a região ainda era reconhecida como distrito de Figueira. Inicialmente o município se chamava Santo Antônio da Figueira, mas por conta da Lei Estadual nº 843, criada pelo presidente estadual Raul Soares de Moura (PRM) em sete de setembro de 1923, a área passou a ser chamada apenas por Figueira⁶⁷. Nessa lei, houve uma extensa lista de alterações nos nomes de diversas cidades mineiras, com algumas permanecendo até aos dias atuais. Como exemplo, Vargem da Pantana virou Ibirité, na Região Metropolitana, Conquista se transformou em Itaguara, no centro do estado, e Rio Preto passou a se chamar Unai, no Noroeste de Minas. Mas o principal objetivo do então governador à época era o de retirar os nomes de santos dos distritos⁶⁸.

Quando Matheus estava se formando no curso de Relações Internacionais, em Pelotas, no Sul do país, conta que o que mais sentiu falta foi assistir às partidas do Democrata e do Cruzeiro. Hoje em dia, de volta a Minas Gerais, consegue definir bem as suas duas paixões.

“Nos jogos do Democrata eu me sinto mais em casa. As partidas do Cruzeiro eu gosto mais do espetáculo, de ver a torcida e tal. Também tem melhor qualidade técnica. Nas partidas do Democrata eu gosto mais da zoeira, a torcida é mais engraçada. No Módulo II, por exemplo, a torcida canta “Vamos Demo ganhar a Libertadores”, sendo que nunca disputamos a Libertadores. Eu lembro que quando o Democrata foi campeão do Módulo II em 2005, teve uma reunião da direção da Globo aqui com a diretoria do clube porque a torcida tinha uns cantos sujos, com muitos palavrões. E a emissora pediu pra diretoria se reunir com a torcida pra amenizar os cânticos. Então, pra mim, o Democrata é mais essa questão da diversão do que pela qualidade do jogo, mas a paixão pelos dois é a mesma”.

Amores distintos que trazem à tona diferentes emoções e mineiridades, mas que conseguem compartilhar espaço no coração do torcedor.



Créditos: Organizadas do Brasil/Reprodução

“Eu vou cantar essa paixão que
vem de berço, minha pantera que
carrego com amor,

o preto e branco é a cor do sen-
timento o Democrata eu vou te amar
até o final...

Ó meu Demô, ser alvinegro é
bom demais! Ó meu Demô, ser alvi-
negro é bom demais!”

Trecho de um dos cânticos entoados pelos torcedores do Democrata.

João Lamêgo

Qual o protagonismo das Torcidas Organizadas em Minas Gerais?

O ato de torcer não representa só uma possibilidade de lazer e entretenimento, mas sim é parte significante do esporte. Para aprender e compreender o futebol é necessário levar em conta muito mais do que só o que acontece entre as quatro linhas, os atores em campo ou as táticas muito bem exploradas e desenhadas para uma partida. Isso é, de fato, futebol. Mas sem a presença de uma torcida - aquela que vai gritar, chorar e rir junto com o seu time - não estamos falando do futebol em sua completude. Neste caso, o espectador também é parte do espetáculo. Há um ditado muito bem conhecido de que 'futebol não se discute'. Na realidade podemos pensar que a paixão de um torcedor por seu time é algo indiscutível. É essa paixão que faz parte da essência de um clube de futebol e que possibilita o torcedor a criar um senso de pertencimento e até mesmo identidade nas mais diversas formas coletivizadas do torcer.

Ao longo dos anos o comportamento e o perfil do torcedor nas arquibancadas dos estádios mudou consideravelmente. Para além do 'torcedor comum', como exploramos, temos também uma vertente bem conhecida e polêmica: a Torcida Organizada. Seus primeiros formatos surgiram nas décadas de 40 e 50⁶⁹ - em São Paulo, que começava a se desenvolver economicamente e avançava no processo de urbanização - e na época, eram denominadas Torcidas Uniformizadas. Em um tempo em que os torcedores iam aos estádios com roupas de gala e esporte fino, esses uniformizados chegam rompendo esse paradigma e trajando camisas iguais, em alusão ao uniforme utilizado pelos jogadores de seus times. Inicialmente quem compunha esse grupo de torcedores eram membros da elite, que se reuniam em festas e se organizavam para comparecer aos estádios, sempre muito atrelados aos clubes. Mas, lá pelo fim da década de 1960 e início de 1970, essa realidade mudou: tanto o perfil dos torcedores passou a ser mais diversificado dentro desse núcleo, como também as torcidas organizadas se

descolaram, gradativamente, de clubes, passando a ter seus diretores, regras e estatutos próprios.

À medida que o número de torcedores adeptos aumentava, a expansão dessas agremiações se consolidava, tornando inevitável a presença das organizadas nos centros esportivos brasileiros. É importante destacar que, naquela época, esses movimentos de torcedores já apresentavam uma força notável em vários estados do país, mas em Minas Gerais ainda estavam no início do seu desenvolvimento. As organizadas já existiam aqui, mas, em sua maioria, com caráter de bairro ou de grupo de amigos⁷⁰. Tomemos como exemplo duas das maiores organizadas do Atlético MG e Cruzeiro. A Máfia Azul nasceu, de fato, em 1977 mas só ganhou fama - e foi definitivamente registrada e reconhecida como entidade - em 1987, quando sua diretoria passou por uma reformulação e profissionalização. Já a Galoucura, foi fundada em 1984, mas sua explosão só viria no ano de 1990. Mas por que isso aconteceu? Bom, na época que essas organizadas estavam crescendo no estado, o país ainda vivia sob os ecos deixados pelo período da Ditadura Militar, depois de seu fim em 1985. O processo de redemocratização afetou diversos grupos urbanos, dentre eles as torcidas organizadas, que deixaram de ser fechadas em si mesmas e 'proibidas', passando a possibilitar uma abertura maior e popularização. O futebol brasileiro durante esse período de ditadura foi um espaço de convivência, submissão e, principalmente, resistência. E foi essa resistência que permitiu o desenvolvimento e ascensão de agremiações ao longo dos anos seguintes.

Com o surgimento desses novos grupos de torcidas organizadas pelo país, fazia-se necessária a criação de uma norma ou regime que pudesse tanto atender aos direitos e deveres dessas agremiações. O Estatuto do Torcedor foi criado em 2003 e tem o objetivo de regulamentar os direitos do consumidor específico, ou seja, aquele que acompanha as diversas modalidades esportivas. Em 2010 a legislação foi alterada, e passou a nominar as torcidas organizadas⁷¹. O Artigo 2, da Lei 10.671⁷², define "torcida organizada como a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. Ou seja,

independentemente de haver CNPJ, um grupo de pessoas existente de fato, ainda que em grupos de redes sociais, caracteriza a existência de torcida organizada”.

Além disso, a lei determina que a diretoria das organizadas deve manter o cadastro dos seus membros ou associados atualizados, além de que ela é responsável, solidariamente e ainda que não tenha culpa, pelos eventuais atos realizados pelos seus membros. Já os critérios para a filiação nas torcidas é bastante diversificado. Algumas exigem só o preenchimento do cadastro para a produção das carteirinhas, mas outras já vão mais a fundo, e podem solicitar atestados de bons antecedentes, analisar o comportamento do torcedor por um certo período. Há organizadas que se identificam como grupos de amigos, sendo que a filiação só pode se dar por meio de uma indicação de algum associado já participante.

As torcidas organizadas, de fato, disputam a visibilidade social e, principalmente, nas arquibancadas dos estádios. Na ânsia de se mostrarem como grupos coesos, de identidade e personalidade próprias, costumam medir forças nas manifestações - tamanho de bandeiras, criatividades de mosaicos, qualidade das baterias e festas das torcidas - foram gerando, ao longo dos anos, pequenas rivalidades que acabaram criando todo um imaginário de violência e confronto. Não é de hoje que vemos nos veículos de comunicação diversos episódios de brigas envolvendo alguns membros de organizadas pelo país. As denúncias podem ir de vandalismos nos estádios e arredores ou até mesmo confronto direto de torcedores de equipes rivais. Mas, como vimos, sempre que um indivíduo, membro da torcida, está relacionado a alguma ocorrência de violência, a ela deve ser atribuída a punição. De acordo com a Lei 13.912 (2019)*, também presente no Estatuto do Torcedor, “a torcida organizada que promover tumulto, praticar ou incitar a violência ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até cinco anos [...]”.

Mas o movimento 'Torcida Organizada' não deve se sustentar apenas de violência. Por muitas vezes se discutiu o fim da organizada no Brasil. Mas que consequências isso poderia trazer? A violência no futebol não é exclusiva nem se resume a integrantes das organizadas, mas sim pessoas que, na realidade, não sabem apreciar o esporte na sua essência. O fim delas, de certo, não acabaria de forma permanente com os confrontos fora de campo, mas talvez a aplicação correta das leis e punições pode, ao longo do tempo, mudar essa realidade. Na tentativa de reverter um pouco dessa visão de violência sobre as torcidas organizadas, vamos entender como se deu a criação e desenvolvimento de algumas delas em Minas Gerais e o que motiva, principalmente, os torcedores a ainda fazerem parte desses grupos ao longo dos anos.

Uma das torcidas organizadas mais antigas no estado, e a primeira do Clube Atlético Mineiro, é a Dragões F.A.O (Força Atlética de Ocupação). Fundada em 1969, a torcida foi destinada a acompanhar a agenda esportiva do time alvinegro e também estaria presente em diversas causas envolvidas com a população do estado, como campanhas de doação de sangue e ações sociais⁷³. Outra de grande expressão, e que permanece em atividade, é a Torcida Jovem Cruzeiro, que viria a ser fundada no ano seguinte, em 1970, surgindo do espírito democrático e fanático de alguns jovens da época, apaixonados pelo time celeste. Dezoito anos depois surgiria a Torcida Desorganizada Avacalhada, o primeiro e maior movimento de torcida realizado dentro do América Futebol Clube. Com o lema 'Geneticamente Americana', a torcida optou por usar o termo 'desorganizado', por acreditar que dentro do movimento cada torcedor seria responsável pelos seus atos, sem precisarem de um chefe ou líder.

Desde então, outras organizadas foram surgindo e preenchendo os espaços dos estádios mineiros. É fato que a capital conta com a presença de diversas dessas agremiações bem conhecidas e que foram crescendo no futebol nacional. Mas você já se perguntou como elas se dão no interior? São diferentes das que temos na capital? Como surgiram ou como se mantêm? São essas e outras perguntas que despertaram a curiosidade e motivação para entender um pouco mais sobre as torcidas organizadas no interior.

O JACARÉ DE SETE LAGOAS

Para isso vamos fazer uma visita à região central do estado, mais especificamente à cidade de Sete Lagoas. Por lá, podemos encontrar um dos clubes mais antigos de Minas. Fundado em 14 de junho de 1914, o **Demo-**

crata F.C - ou Democrata de Sete Lagoas, como é mais conhecido - é um dos importantes times que, assim como diversos outros do interior, também teve seus altos e baixos. A equipe, lá pelos anos 1970, passou por grandes dificuldades financeiras e administrativas, que a obrigaram a abandonar o futebol profissional até 1980. Seu retorno, em 1981, foi marcado pela conquista do primeiro, e até então único título, do Módulo II do Campeonato Mineiro, de forma invicta. Em 1996, a falta de recursos para manter o time acarretou em uma nova paralisação, que durou seis anos. Retornou às competições em 2003, e conseguiu se manter vivo de 2005 a 2008, quando caiu para o Módulo II e no ano seguinte para a Segunda Divisão.

Renato Paiva, presidente do Democrata, nos conta que essa oscilação por um tempo estremeceu a relação do setelagoano com a equipe. "As pessoas passaram a não confiar mais na instituição. Por causa de problemas de gestão, problemas financeiros e administrativos. O clube passou por problemas também dentro de campo, com certeza fruto dos problemas fora. Ele acabou caindo para o Módulo II em 2008, depois, em 2009, caiu para a segunda e nesse período todo ficou oscilando entre as divisões...". Até 2019, o clube acumulava uma dívida de R\$ 6 milhões⁷⁴, e ele chegou a perder sua sede - o Recanto do Jacaré, que, em julho de 2019, foi arrematado pelo valor de R\$ 850 mil - tornando a Arena do Jacaré o único bem e principal fonte de renda do Democrata. Renato assumiu a presidência do clube em 2020, quando a situação ainda era bastante crítica.



“O principal desafio foi colocar a casa em ordem. O Democrata tinha muitas dívidas, especialmente trabalhistas. Ainda tem algum endividamento, mas não tanto quanto eu assumi há 2 anos. Tinha bloqueio de conta, oficial de justiça o tempo todo, enfim... A ideia foi organizar as contas”. Foi possível negociar os débitos trabalhistas e pagá-las no decorrer dos últimos três anos. “Hoje o Democrata não deve nada trabalhista. Ainda temos alguns tributos para parcelar, especialmente fundo de garantia e IPTU. Mas foi bem difícil estancar essa sangria que já havia há alguns anos”. Segundo ele, o clube passou por algumas gestões temerárias, que gastavam mais do que arrecadavam. Isso é realidade de diversos clubes mineiros, mas para um do interior, que não recebe tantos recursos como os da capital, se manter fica muito mais difícil. “Nós passamos a gastar apenas o que arrecadamos, reduzir muito o custo do clube, enxugamos o clube, passamos a gerar receitas recorrentes. Receitas diferentes, que o clube não tinha antes como venda de camisa, por exemplo. Então esse foi o nosso principal desafio”.

Todo esse contexto contribuiu para a diminuição da participação da torcida no estádio, que poderia presenciar novamente a paralisação das atividades do time. Mas, em 2022, o Democrata conseguiu um ótimo desempenho e, após 14 anos, conseguiu retornar à elite do Campeonato Mineiro. A partida contra o Varginha Esporte Clube (VEC) reuniu 12 mil torcedores na Arena do Jacaré, público recorde no campeonato, que viram a equipe marcar 5 gols contra 1 e garantir o título da competição. De acordo com o presidente, essa volta já estava sendo esperada há muito tempo pelo torcedor setelagoano. “Na semana do jogo da decisão, a cidade só falava a respeito disso. A repercussão no estado, e até fora, foi enorme, então, isso acho que foi o maior acontecimento até aqui. Acho isso significa a volta do orgulho do democratense. As pessoas ficaram muito felizes, muito entusiasmadas. Eu recebi diversas consultas, há poucos dias, sobre itens do clube, alguns torcedores querem comprar. Então acho que isso resume bem o que aconteceu, acho que isso vai representar a volta desse sentimento de pertencimento mesmo, desse orgulho”.

SANGUE ALVIRRUBRO

A primeira torcida organizada, oficial, do Jacaré é a Demogolo e foi fundada em 2009. Outra agremiação também recente da equipe, mas que já ganhou expressão na cidade de Sete Lagoas, é a Sangue Alvirrubro, que nasceu em 2016 e desde então se consolidou como uma das mais atuantes nos jogos. Carlos Alessandro, presidente da torcida, conta que até costuma acompanhar os jogos dos times da capital e se simpatiza muito com o Atlético MG, mas o Democrata, com certeza, é seu time de primeira escolha. “Eu nunca tive esse incentivo dos meus pais, de familiares de me levar a um estádio de futebol para torcer por algum clube. Em 2006 passei a morar mais próximo da Arena do Jacaré. Via as pessoas indo ver os jogos do Democrata e passei a me interessar pelo time. Foi aí que foi surgindo minha identificação com o Democrata. O início da paixão surgiu aí”. Carlos guarda na memória, com carinho, uma partida de 2019 em que o time passava por um momento difícil e corria o risco de ser rebaixado. “Nesse jogo o Democrata precisaria ganhar. Graças a Deus saímos de lá vitoriosos e foi uma cena muito honrosa para nós como torcedores, porque éramos poucos torcedores ali na Arena. A diretoria, após o jogo, abriu os portões do gramado e convidou todos nós que estávamos lá para entrar e fazer um agradecimento a Deus juntamente com os atletas. Após esse jogo, nós como torcida, procuramos fazer mais pela equipe, afinal é um clube do interior, sem muitos recursos. A gente se aproximou mais do clube para tentar ajudar”.



Créditos: sanquealvirrubro/instagram

Carlos não acredita que a organizada apoia mais o time em relação ao 'torcedor comum', mas sim é responsável por organizar e viabilizar as festas nas arquibancadas para que esses torcedores também participem.



Créditos: sanguealvirubro/instagram

“Na chegada do time ao estádio, nós já estamos ali fazendo a recepção, organizamos os materiais das bandeiras, preparamos os mosaicos, os cânticos... Todo aquele espetáculo bonito que a gente vê pela televisão. Então eu acho sim que a organizada tem esse diferencial”. E ele também vê que esses espetáculos podem gerar a rivalidade entre torcidas, até mesmo de um mesmo time. “Há pessoas que tiram proveito dessa festa para levar para outro lado. Gera confusão, briga, rixas entre torcidas. E eu acho que isso deveria acabar”. Carlos acredita que é possível que diferentes torcidas consigam conviver em harmonia e apoiar seus respectivos times sem que haja violência. “Podemos sair todos juntos, independentemente de qual resultado da partida. Eu acho que o futebol ganharia muito com isso”.

Maria Carolina Martins

LAMA VERDE



Andando mais um pouco no mapa do estado, temos a cidade de Poços de Caldas, que tem como um de seus patrimônios a equipe da [Caldense](#). Em 1949, alguns grupos de torcedores costumavam levar instrumentos musicais para o Cristiano Osório, antigo estádio que pertencia ao clube, e como se tornou algo frequente, esse grupo decidiu se reunir e criar a Torcida Organizada Caldense, a primeira da história do clube. Nos anos 70, surgiu também a 'Periquitos', em alusão ao mascote do clube e já nos anos 90 a 'Torcida Uniformizada da Caldense' e a 'Explosão Verde'. Nos anos seguintes outras agremiações também foram criadas, mas por falta de incentivo e engajamento, logo se desfizeram.



Créditos: lamaverde/instagram

Em 1996, nasceu a 'Lama Verde'. Por meio da união de alguns estudantes da época o projeto da torcida nasceu e se consolidou ao longo do tempo, sendo que agora essa é a única organizada da equipe que permanece ativa.



Créditos: lamaverde/instagram

"Salve, salve a Veterana
Clube forte e tão bacana.

E que é querido demais
Vitória, glória ao "Verdão"

Que vibra no coração
Da nossa Minas Gerais"

Trecho de um do hino da Veterana, que também é entoado pela torcida

Quem vivenciou e sentiu muito esse acolhimento da torcida da Caldense, e por isso passou a ser um torcedor da equipe também, é Paulo Roberto, ex-meia do clube. Paulo nasceu em Pirapora e se mudou para Poços em 1978, após ter passado pelo Cruzeiro e América de Rio Preto. "Joguei no Cruzeiro na categoria de base, de 1972 a 1977. Depois fui para São José do Rio Preto jogar no América. Fiz dois campeonatos paulistas, em 77 e 78. E aí cheguei aqui em Poços no dia 7 de setembro de 1978 para vestir a camisa da Caldense". À época, o atleta cursava administração de empresas em Belo Horizonte e recebeu um contato de um amigo - Juquita José Lúcio, técnico da Caldense que estava de mudança para o Sampaio Corrêa, no Maranhão.



Créditos: Caldense Oficial

FICHA TÉCNICA

Naturalidade: Pirapora

Posição: defensor

Paraisense	1984
Caldense	1978-1983
Primavera	1982
América-SP	1977-1978
Cruzeiro	1975-1977
Araxá	1976

"O Juquita me perguntou se eu não tinha interesse em ir pra cidade de Poços de Caldas. Então foi isso que me trouxe para cá e eu não quis afastar, porque eu só tinha minha mãe, sou órfão de pai, o perdi com 7 anos...". O ex-jogador conta que essa oportunidade foi muito boa para ele conseguir ajudar sua mãe na criação dos seus sete irmãos. "Gostei da cidade desde o início e sinto que Poços me abraçou também".



créditos: Caldense Oficial

QUEM FOI JUQUITA?

Juquita José Lúcio (1921-1989), treinou a Caldense na primeira participação na divisão principal do Campeonato Mineiro, em 1972. Depois levou a Veterana à conquista do primeiro título de campeã do interior, em 1974. Foi um dos maiores “pais de santo” do futebol brasileiro, um técnico supersticioso ao extremo, frequentemente recorrendo a artifícios extra-campo, como sal grosso e despachos, para, segundo ele, “amarrar o time adversário”.

O SUCESSO DA VETERANA EM POÇOS DE CALDAS

Para Paulo, o período em que esteve no Cruzeiro foi muito importante em sua carreira, e o clube foi uma verdadeira escola de base. Quando se mudou para a Caldense a diferença que sentiu foi gritante. “A estrutura que um time da capital pode proporcionar para os jogadores é bem superior em comparação com uma equipe do interior, mesmo naquela época em que ainda não se tinha muitos recursos”.

Outro aspecto que o ex-jogador percebe é a respeito dos longos deslocamentos que o time tinha que fazer para algumas partidas: “Muitas vezes tínhamos que ir até as outras cidades para jogar e a distância era bem cansativa. Não temos um aeroporto aqui em Poços, então era feito tudo de ônibus. Acredito que essa também era uma dificuldade que outros times do interior enfrentavam, já para os da capital era mais fácil”.

Quando Paulo Roberto chegou à Caldense, o futebol na cidade já era um esporte consolidado há uns bons anos. Quem levou esse esporte a Poços de Caldas foi Paulino de Souza, em 1904, com a fundação Foot-Ball Club Caldense⁷⁵. Depois disso outras agremiações surgiram - a Internacional F.C e a Gambrinus F.C - mas, por falta de recursos, não foram muito longe. Então os remanescentes des-

As equipes resolveram se unir para formar a Associação Atlética Caldense.

João de Moura Gavião, primeiro presidente do time, se reuniu com alguns outros jovens esportistas para, no dia 16 de novembro de 1925, eleger a primeira diretoria do clube. Logo de início, seus fundadores e diretores resolveram escolher o terreno do 'Chalé Procópio' - na época um grande brejo - para serem realizados os jogos, e esse espaço, mais tarde, viria a dar lugar ao primeiro grande estádio da cidade e pertencente a Caldense, o Cristiano Ozório.



Créditos: wikipédia

O terreno onde se situava o Chalé Procópio pertencia à família do Coronel Cristiano Osório, que tinha um carinho muito grande pela Caldense. Por esse motivo, o local foi doado para a Caldense, que em troca batizou o campo com o nome de Cristiano Osório. Começava ali umas das mais gloriosas épocas da equipe alviverde.

O futebol da veterana - nome o qual a equipe ficou conhecida por ser uma das primeiras equipes fundadas na cidade e única que permaneceu e se solidificou - conseguiu ascensão no cenário esportivo, e entre os moradores da cidade. Durante muito tempo a equipe disputou a segunda divisão do Campeonato Mineiro, mas em 1972 conseguiu estreiar na elite do estadual. Em 1979 esteve entre os melhores times de futebol nacional, quando participou pela primeira, e única vez, da Série A do Campeonato Brasileiro⁷⁶.

O time ficou conhecido também por revelar o grande Walter Casagrande Júnior, ex-jogador e atual comentarista de futebol. . Em 1980 Casagrande chamou a atenção de dirigentes da Caldense, mas na época o atleta jogava no Corinthians.

No ano seguinte, por não estar nos planos do técnico Oswaldo Brandão, ele foi emprestado para a equipe de Poços e se tornou a principal estrela do clube mineiro. Em uma entrevista para o UOL, em 2019, Casagrande conta que sua passagem na Caldense foi fundamental para o início e desenvolvimento da sua carreira: “Essa passagem foi ótima para o meu crescimento. Foi a primeira vez que morei fora da casa dos meus pais,



Créditos: Caldense Oficial

Casagrande como atleta da Caldense (1980)

eu tinha 17 anos e praticamente tive uma família em Poços. Uma partida, em específico, ficou marcada para mim, contra o Atlético MG. Nós ganhamos deles no Mineirão, e era a base da seleção com o Flamengo, um time muito forte. Foi 2 a 1 e fiz os dois gols. No dia seguinte, era uma segunda-feira e 7 de setembro, então eu desci da república onde morava para ir até a praça e os lojistas estavam na porta e saíram correndo atrás de mim, dando presentes. Foi uma coisa que nunca mais me esqueci”.

A maior conquista do time veio no ano de 2002, quando venceram o campeonato estadual. Naquele ano as três equipes da capital não participaram da competição, pois estavam disputando a Copa Sul-Minas, mas isso não tira o mérito da Caldense, que além disso conseguiu sagrar-se vice-campeã do supercampeonato. Ao longo dos anos a Veterana oscilou muito nas divisões do campeonato, e seu desempenho em campo foi caindo gradativamente. Não conseguiu retornar a elite da competição nacional e as campanhas que realizou, desde então, no Campeonato Mineiro não foram suficientes para lhe garantir títulos ou uma boa colocação na tabela. Mas então, o que faltava? Se o time não teve desestabilidades financeiras consideráveis em sua trajetória - aspecto muito comum que atrapalha a ascensão de diversos times minei-

ros - e possuí, aparentemente, uma boa organização dentro e fora de campo, qual o empecilho para seu retorno aos anos de glória?

Na visão de Paulo Roberto, uma das principais medidas que a diretoria do clube precisa tomar para esse ressurgimento da equipe é o retorno da categoria de base. Para ele, a diretoria olha muito para o lado financeiro e acaba não querendo investir. "Eles precisam reformular isso. A Caldense não tem uma categoria de base desde 1995. Por todos esses anos a equipe vive de atletas passageiros, que não criam raízes aqui em Poços. Quando uma equipe tem essa alta rotatividade, é muito difícil criar um time consistente e entrosado, e isso com certeza vai refletir no desempenho deles em campo. Antigamente a gente via jogadores que vinham para cá e faziam moradia e hoje não tem, hoje são todos turistas". Ele acrescenta que isso também pode impactar na maneira como o torcedor se identifica com esses jogadores. "A torcida do interior é carente, ela precisa dos jogadores do seu lado. Eu cheguei aqui em 78 e não saí mais, e tiveram outros também que permaneceram. A partir da década de 90 para cá acho que ninguém mais fez moradia em Poços, e isso é muito importante. Se for perguntar pro pessoal aqui, a maioria sabe a escalação do time de 80, mas se perguntarmos sobre o time do ano passado, por exemplo, acredito que muitos não vão conseguir lembrar, porque não é criada essa identidade mais, essa conexão".

E foi essa conexão que o ex-jogador criou com o clube, e consequentemente com a cidade, que o fizeram permanecer nela por todos esses anos. Os conhecidos e amigos que ele fez em Poços de Caldas passaram a fazer parte de sua trajetória de vida, e a eles, juntamente com a Caldense, Paulo é muito grato. "A cidade abraça muito a gente, e eu me senti abraçado. A gente é muito reconhecido, muito valorizado e isso aí não tem preço... Talvez a necessidade me faria mudar de cidade, mas não tenho vontade alguma. Eu fiz minha raiz aqui, comecei a namorar, me casei e construí uma família maravilhosa com minha esposa e meus três filhos. Quero poder continuar minha jornada em Poços de Caldas".

O ÍDOLO DO DRAGÃO

DE POUSO ALEGRE

Assim como Paulo Roberto, outro atleta que, além de desempenhar um papel de funcionário, recebeu e ainda recebe o carinho da torcida e passou a carregar no coração a paixão pelo clube é Paulo da Pinta, atual presidente do **Pouso Alegre Futebol Clube**. O ex-atleta é nascido na mesma cidade do time, mas iniciou sua carreira no Guarani F.C, de Campinas, em 1981. Em 83 voltou à cidade natal para atuar no time e ajudou a elevar o nome da equipe no cenário esportivo mineiro. Para entendermos como foi esse processo, vamos fazer um rápido resgate de como se deu o início do time rubro-negro.

O clube foi fundado no dia 15 de novembro de 1913, e seu primeiro nome foi Pouso Alegre Football Club. Naquela época, devido à falta de recursos, foi bem difícil mantê-lo em atividade por muito tempo. Com isso, no final daquela década, o Pouso Alegre acabou caindo em esquecimento. A cidade só voltou a falar de futebol em 1928, quando o time voltou a ter relevância. Alfredo Baganha, primeiro presidente da equipe, e José Nunes Rebello se reuniram para oficializar a compra de um terreno, que mais tarde viria a ser o estádio do Pouso Alegre. Foi nessa época também que muitos times paulistas começaram a jogar no Campo do Pouso Alegre. A cidade se encontra no sul do estado e está bem mais próxima de São Paulo do que da capital mineira, por exemplo. Essa proximidade possibilitou que equipes paulistas como a Ponte Preta e Guarani pudessem jogar na cidade, em meio a alguns torneios intermunicipais que foram sendo criados.



Em 1947, foi fundada também a Liga Esportiva Municipal de Amadores (LEMA), que organiza-va competições entre diversos times amadores. Com isso, alguns outros times da cidade foram se fortalecendo frente ao Pouso Alegre e isso fez com que a equipe entrasse em recesso. A Liga

passou a administrar o Estádio do Pouso Alegre, que ficou conhecido como o Estádio da LEMA⁷⁷. Pouco mais de uma década fora dos gramados, em 1967, o time rubro-negro voltou, já para disputar a sua primeira competição profissional, o Módulo II do Campeonato Mineiro. A campanha não foi muito boa e acabou gerando uma certa desilusão nos pouso-alegrenses. O time até chegou a disputar a competição no ano seguinte, mas já não contava mais com o mesmo interesse, inclusive financeiro, para continuar ativo. Esse novo 'fechamento' do Pouso Alegre veio seguido de uma outra questão: A LEMA também viria a sucumbir e encerrar suas atividades no final da década de 60. Seria esse o fim do futebol na cidade?



Créditos: wikipédia

FICHA TÉCNICA

Naturalidade: Pouso Alegre

Posição: meia (volante)

Santa Cruz-RS 1998-1999

Criciúma 1992-1997

Inter de Limeira 1991

Pouso Alegre 1984-1990

Cruzeiro 1990

Portuguesa 1984

Bom, a persistência de alguns clubes amadores, felizmente, não permitiu que esse esporte chegasse ao fim no município. Em meio aos torneios regionais na cidade vizinha - que contavam com a participação de alguns jogadores consagrados no futebol paulista - começava a nascer uma nova geração de atletas em Pouso Alegre. Sendo assim, com a volta da Liga Municipal, em 1980, os boatos do retorno do time rubro-negro começaram a se espalhar pela cidade e, em 1983 ainda como time amador, o Pouso Alegre foi campeão da Copa Sul-Mineira, tendo um elenco composto apenas com atletas da cidade.

Quem teve a chance de participar desse retorno, e se tornar o artilheiro da equipe na época, foi Paulo da Pinta. "Com a retomada do Pouso Alegre, por meio do doutor Jair Siqueira, que assumiu a presidência na época e formou essa equipe com atletas e

garotos de Pouso Alegre, foi possível conquistarmos esse título. Neste campeonato eu fui o artilheiro da equipe e, para mim, foi uma enorme satisfação". A partir daí, viu-se a possibilidade do time retornar a disputa de um campeonato profissional. E foi o que de fato aconteceu. No ano seguinte, em 1988, a equipe conseguiu o tão sonhado acesso à primeira divisão do estadual. Mas essa conquista veio de forma dramática.

A última partida da competição ficou conhecida como 'A Batalha de Três Corações', pois foi contra o Atlético de Três Corações⁷⁸ e o jogo não acabou no apito final do juiz. O resultado que favorecia o Pouso Alegre só saiu meses depois, até já no ano seguinte, após uma intervenção judicial. Pela demora do resultado, o time teve sua estreia, em 1989, já com o campeonato em andamento. Isso fez com que a equipe tivesse que fazer muitos jogos em um curto espaço de tempo, mas, mesmo com essas adversidades, o Pouso Alegre conseguiu se manter na elite do futebol mineiro.

Paulo sente muito orgulho de ter participado, dentro de campo, desse período de renascimento do time. "Eu sempre digo, com maior orgulho e prazer, que eu sou o atleta que mais vestiu a camisa do Pouso Alegre F.C. Então tenho essa carreira bem construída e sólida dentro do clube". Além do atacante, outros nomes de peso, na época, ajudaram na boa fase do clube, como Paulo César, Edvaldo, Nonato e Fernando Baiano.

Mas a falta de estrutura fez com que ficasse muito difícil manter um elenco tão supervalorizado e o time, infelizmente, foi se desfazendo mais uma vez. Nos campeonatos que vieram em seguida, o Pouso Alegre foi, gradativamente, perdendo sua identidade e rendimento em campo, até que em 1992 despediu-se da elite do campeonato. Até 1998 disputou o Módulo II, e neste mesmo ano pediu licença da FMF, ficando inativo até 2009.

Nesse meio tempo, Paulo fez passagens por diversos clubes: Cruzeiro, Internacional de Limeira, Criciúma, Santa Cruz e Grêmio de Pelotas. Após encerrar a carreira como jogador, assumiu a gerência do Tubarão

F.C, em 2000. Em 2005 voltou a residir na cidade de Pouso Alegre, onde se tornou secretário de Esportes, Lazer e Cultura do município. “Toda a minha trajetória de atleta no Pousão me fez conhecer o clube. Além disso, adquiri muito conhecimento pelas outras equipes que passei, inclusive quando assumi a gerência de algumas. Então quando eu voltei para cá, eu tive o desejo e a grande oportunidade de poder ajudar o Pouso Alegre a retornar ao futebol profissional. Para mim, foram de grande valia todos esses momentos dentro do futebol, não só como atleta, mas também como dirigente”.

E foi no ímpeto de ver o clube que passou a ser o de coração crescer novamente que Paulo assumiu a presidência em 2017, com um projeto ambicioso da volta da equipe aos seus tempos de conquistas. Essa nova presidência gerou grande confiança e expectativas dos torcedores que, em 2018, já viram seu time de volta em campo, disputando a segunda divisão do campeonato.



Créditos: dragoesdomandeu

“Um dos principais motivos deste retorno da equipe é o nosso torcedor. Sem a torcida a gente não teria nem essa vontade e nem esse empenho todo a frente do clube”. Ele conta ainda que era de costume dos atletas e da comissão chamar os torcedores do Pousão de “décimo segundo jogador”, porque eles sempre estavam presentes nos jogos e abraçaram o projeto. A equipe possui cinco torcidas organizadas, a ‘Alcoolizada Pouso Chopp’, ‘Gigantes do Mandu’, ‘POVÃO’, ‘Torcida Organizada do Pousão’ e ‘Torcida Uniformizada Dragões do Mandu’.

O ano de 2019 foi muito marcante para o Dragão, como ficou conhecida a equipe a partir de 1990, após sua bela campanha no Campeonato Mineiro, simbolizando a força e bravura dos jogadores. Em 2022 mais um feito histórico: o Pousão conquistou o segundo lugar da série D e garantiu, na primeira vez participando da competi-



ção, o acesso a terceira divisão nacional. Para o presidente a conquista é muito importante, mas a equipe precisa mais do que nunca de incentivo financeiro. O Pouso Alegre vem conseguindo se manter com dinheiro da venda do terreno do Estádio da LEMA para a Prefeitura. “Minha esposa me disse uma vez que o futebol se faz de duas maneiras: com muito dinheiro ou com muito amor. Foi com amor, paixão que temos pelo futebol e pela cidade que a conquista veio. As conquistas dentro de campo foram muito maiores do que as de fora. O extracampo nosso precisa melhorar, precisamos de apoio, precisamos de incentivo. Não do torcedor, pois isso vai ser eterno, mas financeiramente nós chegamos ao limite de investimento para chegar e conseguir os resultados que conseguimos esse ano”. Nesse mesmo ano, a equipe ficou em terceiro lugar em média de público no Campeonato Mineiro, com 4.234 torcedores, ficando atrás de Atlético e Cruzeiro. Isso mostra o quanto a torcida acreditou e apoiou o time nessa fase de ascensão.

O atleta que ajudou o Pouso Alegre em campo e anos depois assumiu sua direção para, mais uma vez, elevar o clube nacionalmente, carrega esse orgulho e reconhecimento por, além de tudo, amar a equipe incondicionalmente. “Mesmo jogando fora nesses anos todos como atleta profissional sempre tive muito orgulho de frisar minha terra natal. Eu tenho o maior prazer de ser mineiro e principalmente ser pouso-alegrense. Ter nascido nessa terra tão bonita, que vem crescendo, não só economicamente, mas também em todos os níveis. Tenho a sorte

também de ter podido contribuir, seja em campo ou na gestão, com um clube que sempre me abraçou e que eu tanto abraço também”.



“Esse manto é de peso é de muita
tradição

a torcida da dragões ta aqui no
Manduzão

Pouso Alegre joga é casa cheia
o Manduzão incendeia.

é o gigante pousão atropelando
mais um! mais um! mais um!”

Trecho do cântico da torcida Uniformizada
Dragões do Mandu. Créditos: André Vince/Youtube

A ORGANIZADA DO EXPRESSO DO VALE

Algumas organizadas são relativamente recentes, mas há outras que acompanham o time, literalmente, desde o seu início. Conhecemos um pouco da história do torcedor Matheus Hermógenes de Governador Valadares, que, além de torcedor do time celeste, nutre na mesma medida uma paixão pelo Democrata. Mas a equipe tem uma organizada? Sim! É curioso pensar que no mesmo ano em que o time foi fundado, sua primeira torcida organizada também nascia: A Pantera cor de Raça foi a primeira e maior agremiação que faz parte da história do time de Valadares.

Emerson Ricardo - conhecido como Jamaica - é o atual presidente da organizada e nos conta que sempre torceu e acompanhou o Democrata. "Eu tenho 49 anos. Estou lá desde 1988, até antes mesmo da Pantera cor de Raça ser fundada. Tenho enorme paixão pelo Democrata e essa paixão me motivou a, felizmente, me tornar presidente da organizada em 2008. E é um cargo que ocupo até hoje". Jamaica conta que desde pequeno, quando frequentava o Mamudão se surpreendia como a força da torcida fazia diferença nas partidas e sempre quis fazer parte disso. "A nossa organizada foi formada por alguns amigos que sempre iam aos jogos da Pantera. Eu era criança ainda, via aquilo e ficava apaixonado. Ver uma torcida apoiando o time, mesmo ele jogando mal, e a gente conseguir, na garganta, passar uma energia positiva para os jogadores e eles reverterem o quadro... Era uma experiência única".



Créditos: arquivo pessoal

Jamaica - Presidente da Pantera Cor de Raça

É comum muitas pessoas ainda visualizarem os integrantes da torcida organizada como torcedores mais engajados e, por consequência,

mais apaixonados pelo clube. De fato, o empenho que um torcedor da organizada realiza com a equipe depende de um tempo e comprometimento relativamente maior. A atuação deles não está focada somente nos dias de jogos, mas sim em organizações de eventos relacionados aos clubes, ações sociais, criação de músicas e hinos que serão entoados pela torcida e até mesmo acompanhar a equipe em partidas fora da cidade ou estado. Não é possível medir o amor que um torcedor tem pelo seu time, mas é necessário reconhecer que são esses integrantes que, por muitas vezes, são maestros das festas e mantêm vivas as tradições e espetáculos que são realizados nas arquibancadas dos estádios. “Nós, da Pantera Cor de Raça, às vezes temos muita dificuldade de englobar o que a gente chama de ‘torcedor comum’ à festa no estádio. Nos jogos do Democrata, por exemplo, muitas pessoas vão com camisas coloridas ou até mesmo de outras equipes. Já fizemos várias ações e mobilizações para incentivar os torcedores a vestirem a camisa do clube, ou alguma preta ou branca, para pelo menos criar uma padronização”. (Jamaica)

O presidente costuma se engajar muito para que a torcida faça sempre uma festa bonita para o Democrata no estádio. Todo esse esforço, e sobretudo paixão pela Pantera, é tamanha que passou de pai para filha. Letícia Araújo, tem 23 anos e diz que desde que se entende por gente acompanha a equipe e todo esse amor que ela sente pelo futebol é graças ao pai. “Eu costumo falar que minha conexão com o Democrata vem do berço mesmo. Minhas principais memórias de infância são no Mamudão, meu pai bem famoso na arquibancada, me levava e eu sempre amei estar lá”. Ela conta que ele foi seu maior influenciador na paixão pelo clube e a torcida, e é a sua inspiração fundamental.

Letícia já viajou para outras cidades para acompanhar os jogos do Democrata. Para ela, essa é uma das experiências mais marcantes como torcedora. “A caravana é sempre algo muito surreal, porque cada viagem que fazemos é um misto de sensações diferentes. Nós podemos ir para a mesma cidade várias vezes, mas toda vez é como se fosse a primeira, é algo que eu não consigo descrever”. É a torcida quem cria toda a logística do desempenho nas arquibancadas. “Nós tentamos planejar tudo antes, para fazermos uma festa linda no outro Estádio,

na cidade do adversário. Um dia antes, costumo nem dormir de tanta ansiedade”. A torcedora conta que as pessoas vão conversando, cantando e rindo dentro do ônibus durante todo o trajeto, já no aquecimento para a hora do jogo. Letícia, ainda, se recorda de um viagem em específico que ela gosta de lembrar com carinho. “Foi um jogo no dia 19 de março de 2019. Justamente no dia do meu aniversário. A gente viajou para Sete Lagoas e ganhamos de 2 a 0 do Democrata de lá, nosso xará. Foi uma partida bem legal, porque além da festa que a gente já faz normalmente no ônibus e na arquibancada, a gente também entrou no campo, no final do jogo, para cumprimentar os jogadores”.

Esse senso de pertencimento de uma torcida organizada, que sempre fez parte da vida da Letícia, é um ponto interessante a se observar, uma vez que a presença da mulher nos estádios, e ainda mais na torcida organizada de uma equipe, é uma questão em discussão. O futebol e todo o ambiente que ele agrega sempre foram muito machistas e pouco tolerantes em relação à figura feminina. Felizmente, isso é um cenário que vem mudando ao longo dos anos, mas não por um esforço realizado e estimulado pelas equipes em si - que diga-se de passagem, por muitas vezes, se omitem em episódios de machismo e assédio que acontecem dentro e fora dos estádios - e sim pela persistência de torcedoras que continuam buscando seus lugares nas arquibancadas.



Créditos: Letícia/ arquivo pessoal

Seja criando coletivos femininos até mesmo dentro das organizadas ou sendo vigilantes de qualquer possibilidade de opressão, essas torcedoras, consequentemente, acabam servindo de exemplo e dando força para que meninas e mulheres possam também demonstrar seu amor pelo time.

Letícia faz parte do Comando Feminino, que é uma parte da organizada presidida pelo pai. “Desde a fundação da Pantera Cor de Raça, em 1988, já existiam mulheres apaixonadas pelo clube que faziam parte da torcida. Então nós sempre participamos junto com os meninos”.



Créditos: arquivo pessoal

Torcedoras integrantes do Comando Feminino -
Pantera Cor de Raça

Ela relata que todas as torcedoras sempre foram muito respeitadas e nunca presenciou nenhum episódio de assédio ou machismo. “A ideia do Comando Feminino em si, é que além de torcer para o Democrata, nós temos também o intuito de mostrar que nós podemos sim estar em estádio torcendo para o nosso time, da forma que quisermos. O Comando Feminino é em honra àquelas torcedoras que desde a fundação do clube estiveram presentes torcendo”. Algumas torcidas possuem essa ramificação dentro das próprias torcidas organizadas, como é o caso do Pouso Alegre, com o ‘Comando Feminino Dragões do Mandu’ e o Cruzeiro, com o ‘Comando Feminino Máfia Azul’.

Maria Carolina Martins

As minas nos estádios

Assim como Letícia, outras tantas mulheres vem conseguindo estabelecer seu espaço na torcida e o incentivo familiar muitas vezes é uma circunstância que pode ajudar nesse processo. É muito comum aos homens explicar que grande parte da paixão por seu clube, vem de influência do pai ou do avô. Mas quando se trata das mulheres, muitas vezes, essa relação pode não ter sido construída, pelo fato do futebol ainda ser considerado por muitos um esporte exclusivo do universo masculino. Para Ana Miranda, torcedora do **Clube Atlético Mineiro** e integrante da torcida organizada Fúria Alvinegra, foi justamente esse incentivo do seu núcleo familiar que a influenciou a torcer e amar o time.

“Minha relação com o Galo sempre passou pela minha família. Eu frequentei o estádio desde que estava na barriga da minha mãe, e a primeira vez que fui, já nascida, estava com 7 meses. É um amor passado de geração e o que me deixa muito feliz é que meus pais sempre fizeram questão de levar eu e meus irmãos junto com eles”. Ana decidiu entrar na Fúria dois anos após sua fundação, em 2014, e diz que sempre teve uma grande admiração pelo papel que ela desempenhava nas arquibancadas. “Meu pai foi da Galoucura e isso ajudou muito para que tivéssemos essa relação de admiração com as organizadas. Eu costumava entrar cedo nos jogos para ver as torcidas colocando faixa e organizando o material para a hora do jogo. Um dia vi que teria uma assembleia de filiação na Fúria e chamei um dos meus irmãos para ir comigo, aí nós saímos de lá sócios”.

Mesmo vivendo momentos marcantes na arquibancada, Ana tem muita clareza de que muitos aspectos ainda precisam ser mudados para que a mulher tenha oportunidade e segurança plena para estar no estádio ou até mesmo



Créditos: arquivo pessoal

Ana faz parte da bateria da Fúria Alvinegra

dentro de uma organizada. “Constantemente, ser uma figura feminina na arquibancada é um exercício de resistência, principalmente dentro das torcidas organizadas. É uma luta diária por espaço, voz, respeito”. Ana reforça que tem conseguido manter um diálogo mais aberto sobre relações de opressão nesses espaços. “Hoje posso dizer que sou respeitada, mas não me exime de viver ainda situações desconfortáveis, de assédio e violações. Espero que ainda possamos torcer de forma plena, segura e respeitosa”. Em uma pesquisa realizada pelo Mineirão, no dia 8 de março de 2022⁸⁰, com 200 mulheres, foi constatado que 97% delas costumam frequentar os estádios, mas apenas 6% das entrevistadas se sentem seguras para ir às partidas sozinhas. Ainda de acordo com a pesquisa, 55% dessas mulheres já sofreram ou presenciaram algum episódio de importunação sexual e, após isso, 71% passaram a ter receio de voltar a frequentar os jogos.

“A participação feminina nos estádios, e principalmente nas torcidas organizadas, é hoje ainda muito limitada e em inúmeros aspectos. Existem mulheres que conquistaram seus espaços e desempenham funções importantíssimas dentro das torcidas, sendo referências positivas e sadias para outras mulheres. Falo de conquistar por ser realmente uma contribuição, uma construção árdua e muitas vezes dolorosa, mas, no fim das contas, vale a pena. É também bastante gratificante”, finaliza Ana.



Créditos: Rebeca Braga/Reprodução

A TORCEDORA QUE DEU 'À LUZ' AO ATLÉTICO - MG

Se hoje essas e outras torcedoras podem estar presentes nos estádios - mesmo que ainda com certas limitações e devido ao machismo que ainda paira na sociedade - é muito pela influência e persistência das primeiras mulheres

que começaram a ocupar esse espaço, logo no início em que o futebol foi ganhando fama no estado. Elas estão presentes nos jogos desde, pelo menos, o início do século XX. No passado, as mulheres marcaram e impuseram sua presença nas mais diferentes formas de torcer, independente de qualquer barreira ou preconceito. E foi com essa determinação que uma mulher não só ajudou a fundar a primeira torcida organizada feminina como também viu nascer um dos principais times de Belo Horizonte. Dona Alice Neves foi mãe de Mário Neves, um dos 22 garotos que jogavam futebol no Parque Municipal e tiveram a ideia de criar um time de futebol.



Créditos: Atlético Oficial

Dona Alice - mãe de Mário Neves,
um dos idealizadores do Atlético MG

Esse projeto foi ganhando forma nas diversas reuniões que aconteciam na casa de Dona Alice, que abraçou a ideia e com suas habilidades de costura confeccionou bandeiras e aqueles que viriam ser os primeiros uniformes do Clube Atlético Mineiro⁸¹. Em uma entrevista para o Globo Esporte, que foi publicada no dia 10 de maio de 2020, Hugo Francarolli, um dos fundadores do Galo, conta que a casa dela era o significado completo da hospitalidade mineira, e guarda na memória tudo que ela desempenhou pelo clube. "A refeição

ção era feita na casa de Dona Alice Neves, uma senhora extraordinária. Muitos eram os estudantes que lá se encontravam. A primeira bandeira foi por ela feita e bordada. As camisas, os calções e os escudos eram feitos em sua residência, onde se organizou a primeira torcida feminina do futebol brasileiro". Dona Alice tinha 37 anos quando o Atlético foi oficialmente fundado, em 1908, e a torcida organizada feminina acompanhou o time desde a sua primeira partida oficial, no dia



Créditos: Atlético/ Oficial

Dona Alice com algumas torcedoras em Belo Horizonte

21 de março de 1909. Alice ia de casa em casa pedindo a autorização dos pais para que suas filhas integrassem a torcida, e algumas delas inclusive eram irmãs dos próprios fundadores⁸². Ao longo dos anos, elas compareciam nas partidas e eram parte da festa organizada nas arquibancadas. Foram responsáveis, inclusive, por entoar o hino original do clube pela primeira vez, em 1929, na partida de inauguração do Estádio Antônio Carlos onde o Galo recebeu o Corinthians, ganhando de 4 a 2.



Créditos: Atlético/ Oficial

A primeira vez que o hino oficial da equipe alvinegra foi entoado no estádio, voz das meninas da Dona Alice

Dona Alice completaria o seu centenário no ano em que o Galo venceu o Campeonato Brasileiro pela primeira vez. Talvez ela não imaginaria que a equipe de garotos que ela ajudou a organizar chegaria tão longe, mas com certeza estaria orgulhosa dos diversos títulos que foram conquistados ao longo dos anos. Ela também não tinha ideia que aquele pontapé inicial para a fundação de uma torcida organizada traria inúmeras influências positivas tanto para o atleticano como também para qualquer torcedor mineiro que nutre essa paixão indescritível pelo futebol.



As mulheres viram o futebol crescendo, se desenvolvendo e ganhando espaço nacional e nos corações dos torcedores. Fizeram parte das comemorações e festas das torcidas. Mas, naquela época, a participação delas se limitava, basicamente, a isso. Assim como Dona Alice esteve presente nos bastidores da construção e apoio de um grande time, tantas outras também tiveram esse papel. Mas o limite entre a arquibancada e as quatro linhas do campo, para elas, ainda era distante e só viria a ser rompido anos mais tarde. A presença feminina no futebol, como atletas de fato, é mais um importante capítulo na história do esporte no Brasil e, principalmente, na de Minas Gerais. Símbolos de resistência, social e política, as primeiras jogadoras foram um ponto de partida muito importante e significativo para que, hoje, meninas possam sonhar em um dia seguir na carreira esportiva. E essa trajetória começa no norte do Triângulo Mineiro.

Maria Carolina Martins

As pioneiras do esporte proibido: história do início do futebol feminino no Brasil

O ano de 1958, para todos os brasileiros amantes de futebol, ficou marcado na história. O esporte já estava muito bem consolidado no país. Mas o que muitas pessoas não sabem, ou que por vezes foi pouco divulgado ao longo do tempo, é que nesse mesmo ano que os brasileiros comemoravam o primeiro título da Copa do Mundo, nascia, na pequena e acolhedora cidade mineira de Araguari aquilo que viria a ser o início da jornada do futebol feminino no cenário nacional.

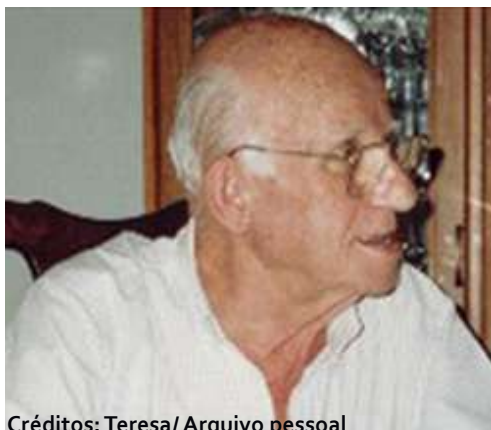
O futebol, além de substantivo masculino, também sempre foi um esporte majoritariamente feito para e pelos homens. As mulheres não cabiam nesse espaço, e isso nem era de grande interesse por parte da sociedade que acontecesse. Elas estiveram, sim, presentes nas arquibancadas quando o esporte passou a se desenvolver aqui no estado e em outras cidades, mas como torcedoras. Apenas. Não fazia parte do imaginário coletivo daquela época, ver moças entrando em campo, vestindo chuteiras e shorts esportivos. Como muitos jornais insistiam em estampar em suas manchetes, o esporte não era adequado, ultrapassava os limites físicos femininos e, principalmente, “matava a graça da mulher”.

Se hoje uma mulher pode entrar em campo para seguir seu sonho e defender a camisa de seu time, é porque no passado outras foram perseguidas e até presas por prática do ‘esporte proibido’. Até aqui, chegamos ao cenário ideal para a modalidade? De certo que não. Mas se fizermos um comparativo com as últimas décadas, dá pra entender que as atletas atuais tem muito mais possibilidades de crescimento no esporte do que antes. É muito importante reconhecer todo o esforço que as jogadoras do passado fizeram para abrir esses caminhos. E talvez, para os mineiros, deve, ou deveria, ser um motivo de grande orgu-

Iho que uma cidade do estado foi protagonista desse início.

Quem nos ajuda a contar essa história é Teresa Cunha, assessora da equipe do Araguari F.C e filha do seu principal idealizador. À ela se dá também a missão e responsabilidade de preservar essas memórias históricas e fazer o constante resgate para que futuras gerações possam conhecer um pouco de como se deu esse início, de fato, do futebol feminino no Brasil.

O município de Araguari, que fica no norte do triângulo mineiro, lá pela década de 1950, tinha poucas possibilidades de lazer e entretenimento, mas o futebol já era uma delas. Os moradores costumavam acompanhar a equipe masculina do Araguari Atlético Clube, fundada em 16 de novembro de 1944. O Araguari havia chegado a fazer ótimas campanhas na elite do campeonato mineiro e isso era um dos motivos que fazia muitos moradores gostarem de acompanhar o time da cidade. Isolina França Soares, diretora do Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto, sabendo desse interesse da cidade pelo esporte, e com uma crise financeira vivida pelo colégio em mãos, resolveu unir o útil ao agradável: por que não fazer uma partida da equipe do Araguari para arrecadar fundos para a escola?



Créditos: Teresa/ Arquivo pessoal

Ney Montes - Idealizador da equipe feminina do Araguari F.C

Isolina logo procurou o amigo de seu noivo, Ney Montes, um jovem idealista e grande desportista da época, que fazia parte da diretoria do Araguari Atlético Clube. O rapaz de prontidão abraçou a ideia, mas esclareceu para a diretora que se a partida beneficente acontecesse com a equipe masculina, o dinheiro arrecadado não poderia ir todo para a escola, uma vez que o time teria que cumprir taxas da federação de futebol,

autorizações, taxas para o juiz, bandeirinha... Enfim, acabaria não so-
brando nada! Como solução, Ney teve a ideia de fazer um jogo inédito,
uma equipe composta só por meninas da escola, que seriam treinadas
até a partida e, sendo assim, toda a renda poderia ser encaminhada
para o colégio. Isolina se prontificou a chamar as moças e Ney ficaria
encarregado de dar todo o apoio técnico para o evento acontecer. “A
Isolina nem cogitava, nem passava pela mente dela fazer uma partida
feminina. Mas o Ney fez a proposta, mostrou uma ideia que ele já vinha
elaborando há um tempo, de montar a equipe feminina e, para o futu-
ro, conseguir profissionalizar esse time, para incentivar outras cidades
a fazerem amistosos, até se criar uma liga”. (Teresa)

E foi então que a notícia rodou a cidade. A equipe começou a ser
montada há uns três meses antes de dezembro de 1958. Aos poucos, as
famílias araguarinas tomaram conhecimento do projeto e entenderam
a finalidade do empreendimento. Enquanto Isolina divulgava a ideia
para suas amigas, também diretoras de outras escolas, Ney Montes es-
palhava a proposta por meio da rádio e de contatos que ele tinha por lá.
Teresa conta que foi realizada uma peneira, pelo até então técnico do
clube masculino, que mais tarde também ficaria responsável por treinar
as meninas. “Como não havia time feminino nessa época, eles monta-
ram dois times, o A e o B, com essas garotas que foram nessa peneira.
Ao todo foram selecionadas 45 meninas. Elas só podiam participar com
o aval dos pais ou responsáveis. A partir do momento que elas se ca-
dstrassem, seriam atletas do Araguari na parte amadora, porque não
tinha ainda oficializado e os pais assinaram esse compromisso, dando
essa autorização”. É interessante ver como a cidade recebeu a ideia po-
sitivamente no início. Naquela época, as meninas iriam atuar meio que
na ‘área cinzenta’ da legislação. É porque em abril de 1941 - enquanto o
país estava sob o governo autoritário de Getúlio Vargas - o Decreto-lei
3199 foi instituído e era muito categórico sobre a proibição da prática
do futebol por mulheres. Com o fim do Estado Novo, em 1945, a lei não
tinha, de fato, mais força, mas o estigma já estava instaurado na socie-
dade. A sorte é que a novidade chamou a atenção da cidade, que ficou
curiosa para ver a partida, até então, inédita.

O primeiro jogo foi um sucesso. Em um jogo normal do Araguari, era arrecadado em média 80 mil cruzeiros, e no jogos feminino a renda foi quase o dobro. "O jogo foi no dia 19 de dezembro de 58. A cidade de Araguari em peso estava lá. Os pais, amigos, torcedores... Todos queriam ver a novidade e elas jogaram muito bem. A partir daí, o Ney Montes, muito inteligentemente, mandou todo aquele material para diversos meios de comunicação, inclusive a famosa revista 'O Cruzeiro', que era a maior revista de repercussão naquela época do Brasil", relata Teresa.

A imprensa do estado se interessou pela novidade e as meninas de Araguari começaram a receber inúmeros convites para realizarem partidas. Entretanto, a condição é que os jogos aconteceriam antes das partidas masculinas, pois não eram oficiais, mas de qualquer forma atraíram a atenção dos torcedores. "Mesmo os jogos delas não sendo oficiais, a atração principal acabava sendo o futebol feminino. Muitos torcedores, inclusive, passaram a ir aos jogos só para ver o jogo delas, da equipe A e B". A cada lugar que elas chegavam, elas representavam a cidade ou os clubes de rivalidade daquela cidade, vestindo a camisa e tudo. Se a partida acontecesse em Uberlândia, por exemplo, elas entrariam com as camisas do Araguari e do Uberlândia, como uma forma



Créditos: hemeroteca digital

As meninas do Araguari estamparam várias páginas dos jornais e os torcedores se encantavam com a novidade.



QUANDO as mães entram em campo, os jogadores do clube de Ubatuba assistiram um momento 120 mil vezes na televisão.

“Quando elas eram convidadas, todo o Araguari Atlético Clube se mobilizava para dar apoio técnico. A diretoria, o treinador, que era o mesmo do masculino, massagista, médico. Todo o aparato que o time masculino recebia, era dado para elas. E os pais também, todas as viagens eles tinham que dar autorização e pelo menos duas mães tinham que ir juntas, porque, afinal elas ainda eram meninas, adolescentes entre 12 a 18 anos, então elas precisavam ser, de alguma forma, monitoradas”. As atletas visitaram cidades como Alegre, em Goiás, Ituiutaba, Varginha, Goiânia, Salvador e Belo Horizonte. Aqui, na capital mineira, naquela época, Atlético e América eram os grandes rivais, sendo até necessária a separação das torcidas, por causa de brigas.

O time do Araguari se dividiu para realizar essa partida histórica, que aconteceu no antigo campo do Sete de Setembro, que ficou lotado para ver a grande festa e celebrar a vitória simbólica alvinegra. O evento saiu até na Revista Manchete Esportiva, veiculada no dia 30 de maio de 1959, que relatou a boa atuação em campo das atletas. A recepção da torcida era tão boa, que lotavam os estádios. Na viagem que as atletas fizeram a Salvador, por exemplo, ocorreu até um desfile pela cidade com as jogadoras. Era tudo muito novo, bonito e diferente do que todos estavam acostumados a acompanhar.

Com o sucesso em ascensão das meninas do Araguari, cedo ou tarde, alguns empecilhos iriam surgir. Mesmo com a repercussão bastante positiva, elas passaram a enfrentar alguns preconceitos, principalmente por parte da igreja, que estava muito insatisfeita com a participação das meninas no esporte. “Os jogos caminharam até setembro de 1959, sempre de caráter filantrópico. Tinha sempre uma instituição que era beneficiada com os jogos e isso começou a incomodar também algumas pessoas poderosas, que não queriam ver moças no campo. Pessoas da igreja e até figuras ligadas à política da época, que começaram a pressionar o então coordenador dos jogos e assim por diante”. (Teresa). A mídia nacional também não poupou esforços para recorrer ao Conselho Nacional de Desportos (CND), para que cumprissem com a proibição e extinguissem de vez a equipe feminina do Araguari. O sonho de dar continuidade ao time acabou com menos de um ano, antes mesmo que elas pudessem disputar a partida internacional a qual foram

convidadas para participar no México, no final do ano de 1959. Aquele decreto de lei, assinado por Getúlio Vargas, proibindo as mulheres de praticar esportes, foi resgatado pelo governo de Juscelino Kubitschek. “Elas ficaram todas muito tristes. Algumas conseguiram ir para outras modalidades, mas outras não. Ney, meu pai, ficou muito decepcionado com toda essa situação, tanto é que essa história ficou engavetada por muito tempo.



A proibição do futebol feminino só foi cair vinte anos depois, em 1979. Mas, mesmo assim, essa foi uma ação superficial, pois a revogação não veio acompanhada de nenhum tipo de iniciativa ou estímulo à modalidade que, com muito custo, conseguiu ir se reerguendo novamente. A luz no fim do túnel só veio mesmo em 1983, com a criação da regulamentação, de fato, do futebol feminino.

Dali em diante, outras equipes femininas foram surgindo, e o futebol praticado por mulheres foi conseguindo, mesmo que timidamente, conquistar o seu espaço na sociedade. Mesmo com essa possibilidade de voltar aos gramados, a equipe feminina do Araguari não retornou às atividades. Teresa conta que em 2000, quando seu pai já estava bem adoentado, surgiu nele a vontade de resgatar todas essas histórias e também reencontrar todas aquelas atletas que ele acompanhou. Infe-

lizmente o encontro não foi possível, pois Ney veio a falecer em 2004. Mas, ao longo dos anos, as histórias das meninas do Araguari foram sendo passadas para frente, e todo esse esforço e caminho que elas construíram foram sendo reconhecidos pelas novas gerações de atletas.

Muito se discute a respeito de qual foi de fato o primeiro time feminino no Brasil. Se formos nos apegar a datas já em 1921 foi registrada, em São Paulo, a primeira partida de futebol entre mulheres no país, como uma forma de entretenimento durante uma celebração de festa junina. O jornal A Gazeta, na época, noticiou o confronto entre moças dos bairros Tremembé e Cantareira, como uma atração “curiosa” e até mesmo “cômica”⁸³. Teresa esclarece que a diferença do time feminino do Araguari para as demais equipes é que ele foi o primeiro a estar diretamente ligado a um clube oficial e a jogar em campos oficiais. “A gente não pode desmerecer todas aquelas que tentaram jogar futebol. Mas o que diferencia as meninas do Araguari é isso”. O futebol feminino foi muito perseguido e, por isso, várias mulheres jogavam em várzea, não eram treinadas adequadamente, e a equipe do Araguari foi a que mais se aproximou de um time oficial. “A liga Araguarina autorizava os jogos, então elas entravam no campo como se fosse um time profissional. O que aconteceu em 1958/1959 é que elas deram o pontapé inicial para dizer ‘futebol feminino de campo pode ser jogado sim por mulheres e pode ser profissional’”. Teresa acrescenta que a ideia do seu pai, Ney, era dar continuidade a equipe e que as atletas pudessem disputar eventuais ligas.

Sessenta e três anos depois o Araguari Atlético Clube volta a ter uma equipe feminina. O time, que deu o pontapé inicial para a modalidade no país, conseguiu forças dos times femininos seguintes para conseguir se reconstruir. As meninas, que agora são senhoras, do Araguari, com certeza serviram de inspiração para inúmeras atletas que surgiram ao longo do caminho e tinham o futebol como um grande sonho de futuro. Elas, que enfrentaram tantos preconceitos, barreiras e proibições, se sentem orgulhosas de poder fazer parte desse capítulo tão importante e inspirador do futebol feminino. “Elas foram as que tentaram, inicialmente, abrir esses caminhos... É um sentimento muito bom.

Todas as vezes que as 'meninas' conversam com a gente, elas falam sobre esse sentimento. Infelizmente, muitas delas faleceram no meio do caminho, e não puderam ver os frutos. Muitas dizem 'foi graças ao nosso pioneirismo que hoje a gente pode ver uma Marta jogando'. Então assim, elas se sentem muito honradas, muito felizes e penso que agora, com o Araguari voltando com a modalidade feminina, também vai ficar um sentimento muito maior de honra. De ter podido participar do início”.

O primeiro Campeonato Brasileiro Feminino viria a acontecer em 2013, 54 anos depois que as meninas do Araguari tiveram que abandonar os campos. A Confederação Brasileira de Futebol reuniu as 20 melhores equipes do ranking da entidade. Em 2017, a CBF alterou a fórmula de disputa da competição feminina, reduzindo a 1ª divisão de 20 para 16 equipes e criou a Série A2, também contendo 16 times⁸⁴. Já em 2019, no intuito de gerar o crescimento e desenvolvimento da modalidade no país, todos os times masculinos participantes da Série A do Brasileirão passaram a ser obrigados a possuir uma equipe feminina, adulta e de base, para poder disputar a competição, além da Copa Sul-Americana e Libertadores⁸⁵.



VOCÊ SABIA?

O primeiro clássico feminino da história do Mineirão foi um amistoso entre América MG e Atlético MG, no dia 23 de março de 2019.

Em 2022, A equipe alvinegra enfrentou o Cruzeiro, na decisão do Campeonato Mineiro da modalidade, batendo um recorde de pagantes, em jogos femininos, no Gigante da Pampulha: 7.829 torcedores.

Em uma entrevista para o Globoesporte, a ex-jogadora Rosana dos Santos, que é uma referência de atleta da Seleção Brasileira, viu essa obrigatoriedade como um importante passo para aumentar a visibilidade da modalidade feminina no país. “Vai gerar mais vagas para as meninas que querem jogar futebol. Consequentemente, com um número maior de atletas jogando, maior o crescimento da modalidade e da descoberta de novos talentos. Ter as camisas tradicionais do futebol masculino também é interessante porque agrega valor. Os torcedores já conhecem e se identificam com a história do clube e o feminino poderá contribuir ainda mais com isso”.

Esse aumento da visibilidade do futebol feminino, inclusive, é mais um ponto que pode gerar um bom retorno econômico para os clubes brasileiros. Ainda é muito comum vermos esses jogos com entrada franca - sem renda direta - ou até mesmo em algumas ocasiões a arrecadação não chega a arcar com as despesas do time, aspecto que dificilmente é visto no masculino⁸⁷. Mas, a realidade é que esse cenário vem mudando nos últimos anos.

Armênio Neto, especialista em geração de receitas na indústria esportiva, observa que a tendência do interesse das companhias em apoiar as equipes de futebol feminino é uma questão que vem crescendo bastante. “A modalidade está entrando no radar das grandes empresas e conseguimos assistir ao desenvolvimento dentro e fora das quatro linhas. Esse crescimento da categoria não é apenas algo momentâneo, é algo que veio para ficar”⁸⁸.

Em Minas, o Atlético, por exemplo, já conta com seis patrocinadores para o time feminino, sendo que dois deles (Blink e Tim), são exclusivos. Pedro Melo - responsável pela área comercial do Galo e atua na captação e gestão de patrocínios - conta que a ideia do clube é montar uma equipe competitiva para estar sempre disputando os títulos das principais competições, na medida em que isso é um importante fator para atrair mais patrocinadores. “Eu acredito que o futebol feminino tem crescido a cada ano e as empresas estão olhando para isso. No nosso caso, tem patrocinadores que estão no masculino e também pa-

trocinam o feminino, porque compreendem a importância e a representatividade que as mulheres estão tendo no futebol”⁸⁹.

Com a ascensão do futebol feminino, principalmente no âmbito econômico, há a propensão do torcedor passar a acompanhar e valorizar mais a modalidade e isso, além de ser muito significativo para as mulheres, é mais um elo que a torcida cria com o esporte, mais uma oportunidade que o torcedor tem de ir ao estádio, de acompanhar e apoiar o seu time. É uma extensão da paixão que pode ir crescendo e que, com certeza, representa muito para o cenário esportivo.

Se pudermos resumir em duas palavras os incontáveis sentimentos que podem descrever as torcidas mineiras seriam amor incondicional. Seja na capital ou no interior, são esses torcedores que movem o futebol e na mesma medida são movidos por ele. A ele esses indivíduos se entregam e oferecem seus melhores sentimentos, e às vezes também os piores. Com seus times buscam alegrias e por muitas vezes tem que estar junto no sofrimento também. São responsáveis por criar as mais belas festas e comemorações nos estádios, mas também podem ser, ainda, protagonistas de alguns episódios de violência que tanto desejamos que seja cessado no futebol. Mas é nessa dualidade de cenários, e com os breves relatos sobre as vivências e experiências de alguns torcedores, que podemos entender um pouco do que motiva um indivíduo a acompanhar seu time e dedicar a ele seu tempo, carinho e atenção. As adversidades em campo virão e as crises econômicas, talvez, estejam longe de acabar e isso pode sim influenciar na maneira como as pessoas se dedicam a seu time. Porém, torcer é mais do que isso. O sentimento extrapola as quatro linhas, as regras do jogo, as escalações e catracas dos estádios. Esses movimentos são, sim, de impacto esportivo e econômico, mas em um contexto mais geral, torcer é criar uma identidade e conexões com os demais, é desconstruir paradigmas e preconceitos enraizados na sociedade e, principalmente, é um ato político e de resistência.

Maria Carolina Martins

Cadiquê existem essas rivalidades no interior de Minas?

Dentro do contexto do esporte, mais especificamente do futebol, as rivalidades, de um modo geral, referem-se ao modo como um determinado clube se relaciona com outro. Outro ponto a ser destacado é a ideia de concorrência. Essa palavra é comum no ambiente esportivo muito por conta dos torneios disputados pelos clubes terem apenas um vencedor. Logo, todos os envolvidos em determinado campeonato competem pelo mesmo objetivo. Diante do ponto de vista da disputa, Arlei Sander Damo, doutor em Antropologia Social, pela UFRGS, em seu artigo denominado "Futebol e Estética", nos apresenta o conceito do "ritual disjuntivo", que pode ser aplicado no contexto do futebol: "No jogo dos ocidentais, parte-se de uma situação de presumida equivalência entre as partes, reforçada pela existência de regras que devem ser respeitadas pelos contendores, para, ao final, produzir-se a assimetria, uma disjunção entre vencedores e vencidos". Partindo desse ponto de vista, o jogo se encaminha para haver um ganhador nessa disputa, implicando necessariamente na derrota do rival, sendo esse um indicador dos motivos pelos quais uma rivalidade pode ser tão intensa e carregada de significados. Por isso, o objetivo aqui é buscar entender e exemplificar, por meio de diferentes visões, experiências e vivências, como as rivalidades são enxergadas, de quais maneiras podem interagir entre si e quais são as relações construídas entre os clubes rivais, cidades e populações.

TUPI X TUPYNAMBÁS: O CLÁSSICO TUTU

Certamente, um dos confrontos mais emblemáticos do estado e também um dos mais representativos em termos da culinária de Minas Gerais. Que faz referência a um prato da tradicional comida mineira, o Tutu de feijão, que diga-se de passagem - um prato muito gostoso - com aquelas rodelas de ovo cozido e uns torresmos para acompanhar, não tem como resistir.

Pratos típicos à parte, o clássico TuTu faz referência a uma rivalidade centenária em Juiz de Fora. O Tupi Foot Ball Club e o Tupynambás Futebol Clube, ao longo dos anos, vem protagonizando e fortalecendo essa rivalidade, que nasce muito forte, por conta da diferença de meses de fundação entre um clube e outro. Para se ter uma noção da carga histórica deste confronto, o primeiro embate foi há mais de 110 anos.

Precisamente, em 18 de agosto de 1912, Tupi e Tupynambás se enfrentaram pela primeira vez. O placar da partida terminou empatado em 1 a 1, com gols de Sebastião Tauci para o Baeta e Caetano para o Galo Carijó. Desde então, segundo informou a assessoria do Tupynambás, as duas equipes já se enfrentaram em 282 oportunidades.

Dentre essas, uma que certamente ficou marcada na memória dos torcedores das duas equipes foi o clássico TuTu pelo Módulo I, em 2019. Isso porque, as duas equipes não se enfrentavam pela elite do futebol mineiro desde 19 de abril de 1970, à época, um hiato de quase cinquenta anos, ou seja, uma oportunidade única que há muito tempo não se via. Então, no dia 23 de janeiro de 2019, jogo válido pela segunda rodada do Campeonato Mineiro daquele ano, as duas equipes duelaram no estádio Municipal Radialista Mário Helênio. O Tupi vinha de um empate com o Tombense, por 1 a 1. Já o Tupynambás vinha de uma goleada para cima do Villa Nova, no estádio Castor Cifuentes, por 5 a 1.

Na partida, o Baeta não perdeu o ritmo e a sequência de vitórias e venceu por 1 a 0, com um gol de falta de Geovani. E como em toda rivalidade, a tendência dos confrontos é de que muitas vezes as duas equipes não conseguem passar ilesas das confusões, que geralmente, acabam em expulsões. Nesse clássico TuTu não foi muito diferente. Logo no começo da etapa complementar, aos 12 minutos, Lucas Hipólito entrou com vontade demais no lance de disputa com Saulo e acabou indo para o chuveiro mais cedo. Já ao fim da partida, aos 43 do segundo tempo, Marcus Vinícius também seria advertido com o cartão vermelho.

Daniel Mendes



Créditos: Arquivo pessoal/Léo Lima



Créditos: Arquivo pessoal/Léo Lima

URT X MAMORÉ: O CLÁSSICO DO MILHO

É fato que todos os torcedores dizem que o time que torcem é o melhor, mas quando eles contam que a maior rivalidade envolve o clube que amam, é preciso ouvir com atenção. Parafraseando o slogan do canal de televisão por assinatura Premiere, que transmite os jogos do campeonato brasileiro e de todos os estaduais do país, e se ao invés de “O melhor time é o seu” fosse “O melhor clássico é o seu”?

Em Patos de Minas, no Triângulo Mineiro, a paixão pela rivalidade transcende. Tanto quanto o amor pelos clubes. Arquivos e curta-metragens que retratam a historicidade do clássico entre o Trovão Azul e o Sapo não são difíceis de serem encontrados. Enquanto há um livro-reportagem que leva o nome URT x Mamoré: *A maior rivalidade do futebol mineiro*⁹², há também o documentário audiovisual *O Clássico do Milho: Uma outra rivalidade mineira*⁹². Em pequena síntese, ambos expressam o sentimento caloroso provocado nos moradores de Patos de Minas pelo futebol jogado entre os dois times.

A propósito, o nome do clássico deriva da cidade ser conhecida como **a capital nacional do milho**.

O nome prevalece até os dias atuais, ainda que a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) tenha afirmado em 2018 que o milho se tornou a segunda cultura da região - perdendo o posto principal para a soja⁹³.

Voltando ao futebol, a última partida oficial entre os clubes ocorreu em 2015, pelo Módulo I do Campeonato Mineiro, com vitória do Sapo por 1 a 0⁹⁴. Em confrontos válidos pelo torneio - levando em conta também o Módulo II -, desde 1995, a equiparidade das duas equipes é impressionante: nove vitórias para ambos os lados e quatro empates. Nesses vinte e dois jogos, a URT leva uma vantagem de apenas quatro gols sobre o Sapo.

O Mamoré leva esse apelido por conta do antigo estádio em que jogou ter sido em um brejo. Logo, a torcida da União Recreativa dos Trabalhadores começou a apelidar o clube rival de Sapo, já que o time também jogava de verde, assemelhando-se à aparência do bicho. No filme citado, de acordo com Erisdalton Andrade, cronista esportivo e torcedor declarado do Mamoré, a alcunha pegou tanto que o próprio clube fez um plebiscito para mudar de mascote e apelido, que era um periquito, para o animal do pântano. Virou o Sapão de Patos de Minas.

João Lamêgo



Créditos: URT Oficial



Créditos: URT Oficial



Créditos: Ascom/Mamoré



Créditos: Ascom/Mamoré

UBERLÂNDIA X UBERABA: O CLÁSSICO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Situada entre as duas maiores cidades do “nariz” de Minas Gerais, a rivalidade entre o Verdão e o Zebu pode ser considerada como aquela que extrapola o campo. Mais de um milhão de pessoas estão envolvidas: 706 mil em Uberlândia e 340 mil de Uberaba, segundo o último censo realizado, em 2021⁹⁵. É um município competindo contra o outro em todos os termos possíveis, principalmente em torno da disputa de qual área tem o maior progresso econômico. E o futebol entraria em cena.

A rivalidade entre os dois clubes começou quando Uberlândia ainda chamava Uberabinha⁹⁶. O jornalista Odival Ferreira, locutor especialista no futebol da região, explica esse caso: “O primeiro nome da cidade na verdade foi São Pedro de Uberabinha, não por conta de Uberaba, mas por conta do Rio Uberabinha, que corta hoje a cidade. Mas então, para muita gente era chamado de Uberabinha por ser um Uberaba pequeno, um filhote de Uberaba”.

Atualmente, em 2022, enquanto o Uberlândia foi rebaixado da primeira divisão do campeonato, o Uberaba por sua vez também caiu, só que para a terceira divisão. Uma pena, pois desde 2019 não há um clássico em competição oficial entre os clubes, que terminou em o a o⁹⁸.

Odival, o locutor, ainda nos conta que a rivalidade entre os clubes não é daquelas mais exacerbadas de violência, mas ainda assim alguns cuidados e precauções se fazem necessários. “Houve uma vez eu me lembro, que um companheiro de uma outra emissora ao sair do estádio, para irmos embora, achou os quatro pneus arriados no carro dele por conta de algum torcedor desafortado, vamos dizer assim, malcriado do Uberaba, que foi lá e esvaziou os pneus do carro com placa de Uberlândia”.

João Lamêgo



Créditos: Ascom/Uberaba



Créditos: Ascom/Uberaba

CAPÍTULO 3

O FUTEBOL DE BRAÇOS DADOS COM A POLÍTICA

América, Atlético e Cruzeiro,
Sete de Setembro

Quando os itinerários se cruzam: o gramado político de Belo Horizonte

A explosão do ato de torcer é um dos fenômenos mais emocionantes que o futebol pode propiciar para alguém. Especificamente em Minas Gerais, os anos de 2014 e 2022 exemplificam bem esse raciocínio.

Numa época em que Cruzeiro e Atlético estavam voando nas competições nacionais e internacionais, com craques de renome como Éverton Ribeiro e Ronaldinho Gaúcho, o então senador Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira) se candidataria ao maior cargo do país. Porém, o resultado em 26 de outubro de 2014 apontaria a derrota do Tucano nas urnas para a também mineira e belo-horizontina Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores), em um confronto que ultrapassaria o viés político para entrar no campo futebolístico: um Cruzeiro x Atlético nas eleições, que assim como na final da Copa do Brasil daquele ano, teria um término feliz para o lado alvinegro. Diferentemente de Dilma, que nunca teve participação política no Atlético, Aécio tinha uma relação diferente com o Cruzeiro. Inclusive, foi o sócio de número 50.000 do clube, em 2014.



Junto com Gilvan de Pinho Tavares, presidente do Cruzeiro em 2014, Aécio Neves se tornaria mais um sócio do clube, bem no ano em que concorreu à presidência do país.

Créditos: Cruzeiro Oficial

O atual presidente do América é um exemplo vívido da relação do futebol com a política. Alencar Magalhães da Silveira Júnior (PDT), o Alencarzinho, foi reeleito em 2022 para o décimo mandato consecutivo em sua trajetória política, na sétima oportunidade como deputado estadual, com 60.283 votos⁹⁹. Na área desde 1990, quando foi eleito pela primeira vez como vereador¹⁰⁰, o jornalista e radialista vem conciliando o trabalho na esfera política com o América não faz muito tempo. Mas já é de certa forma vitoriosa. Em seu primeiro triênio no clube, de 2015 a 2017, o então deputado estadual levantou os troféus do Campeonato Mineiro de 2016 e da Série B do Campeonato Brasileiro de 2017.

De volta ao cargo máximo do Coelho em 2021, na primeira eleição feita de forma digital da história do futebol mineiro¹⁰¹, o dirigente conseguiu levar a equipe a disputar sua primeira Copa da Libertadores da história.

Ou seja, podemos falar que quando Alencarzinho está na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e no comando da diretoria do América, as coisas vão bem para o Coelho. Isto é, ao menos os resultados esportivos do time vêm demonstrando isso: apesar de não ter conseguido chegar à Libertadores novamente, o América em 2023 chegará à sua terceira participação seguida na Série A do Campeonato Brasileiro, finalmente conseguindo consolidar-se na elite. Em décimo lugar na competição em 2022, o time ganha o direito de disputar a Copa Sul-Americana no ano seguinte. Será a primeira vez do time participando do torneio na história.

Nomes conhecidos como Sérgio Rodrigues (Podemos), atual presidente do Cruzeiro, e Sérgio Sette Câmara (Republicanos), ex-presidente do Atlético, não tiveram a mesma sorte que Alencar - ou habilidade política - e não saíram eleitos este ano na disputa para se tornarem deputados federais¹⁰². O mandachuva do Cruzeiro teve mais de dezoito mil votos e o seu antagonista foi votado pouco mais de onze mil vezes. Números pouco expressivos para dirigentes com posições tão importantes nos clubes de maior torcida de Minas Gerais. Até o ex-jogador Ceará, com passagens vitoriosas por Cruzeiro e América, tentou pleitear o cargo de deputado federal, pelo mesmo partido do presidente ce-

leste, mas o resultado igualmente não foi o esperado: os poucos mais de seis mil votos não elegeram o antigo lateral-direito, dono de dois títulos de campeonato brasileiro pelo time estrelado e uma conquista de Série B pelo Coelho. Às vezes é necessário mais do que um currículo invejável no futebol brasileiro para ganhar a confiança dos eleitores. E mais do que a religiosidade também: o torcedor que foi um dos símbolos do rebaixamento do Cruzeiro, em 2019, por aparecer correndo em meio a confusões da torcida no jogo que decretou o rebaixamento do time contra o Palmeiras, também foi candidato. Guilherme Ramos Vila Nova Lopes registrou a candidatura como Fé do Cruzeiro (Patriota) perante o Tribunal Superior Eleitoral e recebeu míseros 445 votos para deputado estadual. Não foi dessa vez.

Sobre as relações de influência do futebol na esfera político-partidária, o atual mandatário majoritário da SAF do clube, Ronaldo, lembrou durante coletiva de lançamento do projeto Big Blue - cujo o objetivo é construir o maior banco de dados de torcedores do mundo¹⁰³ - que quando declarou seu apoio para Aécio Neves, em 2014, acabou se colocando em uma saia justa. “Em 2014 eu apanhei demais (se referindo ao tempo em que deu suporte ao candidato do PSDB na eleição presidencial), como se eu fosse o culpado de tudo. Vou votar, mas não vou me posicionar publicamente sobre o meu voto”, afirmou.

E Ronaldo realmente não se posicionaria politicamente em 2022 - embora tenha realizado uma reunião com Romeu Zema a respeito da situação do Cruzeiro com a Minas Arena, administradora do Estádio Mineiro, e posado para fotos. Ainda que às vésperas da eleição presidencial uma montagem de um vídeo seu dançando viralizasse nas redes sociais¹⁰⁴, com o dirigente celebrando o jingle da campanha para a reeleição do então presidente Jair Bolsonaro “Vota, vota e confirma”. No conteúdo original, sem adulteração e sem conotação política, o Fenômeno dançava enquanto a música Just Like The Wind, de Tony García, tocava.



Créditos: globoesporte/Reprodução

Relação conturbada entre Cruzeiro e Minas Arena fez Ronaldo procurar outras maneiras de intermediar a situação. Após a reunião, considerada informal por ambos os lados, Zema teceu elogios ao dirigente da Raposa: "O Cruzeiro está colhendo frutos da gestão responsável!"

Assim como Ronaldo, Zezé Perrella também foi um dos grandes parceiros de Aécio Neves para além das quatro linhas. Em reportagem do El País, o repórter e jornalista esportivo Breiller Pires comentou sobre essa relação entre os políticos:

"Desde que se aproximaram nos bastidores do Cruzeiro, em meados da década de 90, eles mantiveram um princípio de colaboração mútua para alçar vôos além das fronteiras do Estado".

Um desses projetos cooperativos articulado pelo dois foi a construção das obras de reforma do Mineirão, na reta final do segundo mandato de Aécio na governança de Minas Gerais e no começo de mais um triênio de Perrella na presidência do clube celeste, que se estenderia até 2011, ano o qual o aliado de Aécio se dividiria nas funções de senador e mandachuva do Cruzeiro: A situação ocorreu por conta do falecimento do ex-presidente da República Itamar Franco, em 2 de julho de 2011, que era o então senador de Minas Gerais. Em decisão que envolveu Aécio Neves, Zezé foi posto como o primeiro suplente de Itamar e, logo, assumiu o cargo. Ao todo, Perrella foi presidente da Raposa por dez anos, mas sua influência nos bastidores se estenderia além do futebol: em 2010, o então deputado estadual protagonizaria uma propaganda eleitoral marcante junto junto com o presidente do Atlético à época, Alexandre Kalil¹⁰⁵. Em um bar chique, os dois divergentemente debatiam sobre Atlético e Cruzeiro, mas a discórdia para que apoiassem a candidatura de reeleição de Antônio Anastasia (Partido da Social Democracia Brasileira) para governador:

- (KALIL): Zezé, a maior torcida de Minas é a do Atlético.
- (ZEZÉ): Não tem nem comparação, né, Kalil. A do Cruzeiro é muito maior.
- (KALIL): E a camisa mais linda do Brasil também é do Atlético.
- (ZEZÉ): Que é isso, rapaz, azul é azul.
- (GARÇOM): Desculpem, mas quer ver eu acabar fácil com essa discussão?
- (GARÇOM): Para vocês, quem vai ser o melhor governador para Minas Gerais?
- (KALIL E ZEZÉ): Anastasia.
- (KALIL): Porque Anastasia está com Aécio desde o primeiro dia.
- (ZEZÉ): E ajudou Minas a crescer, não é?
- (INTERLOCUTOR): Quando o futuro de Minas está em jogo, todas as torcidas se unem.

Com o apoio dos dirigentes dos dois principais times de futebol do estado, Minas Gerais então reelegeria o governador Antônio Anastasia, que já estava na vaga por conta de Aécio ter renunciado o cargo para se tornar Senador - e ter sido eleito.

Voltando ao assunto da reforma, as obras da parceria público-privada da construção do estádio se finalizariam no governo de Antônio Anastasia (PSDB), que duraria até 2014, e conciliariam diferentes personalidades do campo da política em prol de um mesmo bem em comum. Mais do que o estádio, o famoso Aécismo conseguia juntar vertentes de direita com de esquerda, PSDB junto com PT, setor público com privado.



Zezé Perrella, Aécio Neves, Dilma Rousseff e Antônio Anastasia juntos para a cerimônia oficial de reinauguração das obras de reforma do Mineirão, em 2012.

Créditos: UOL/Reprodução

Em 21 de dezembro de 2012, a então presidente Dilma Rousseff inaugurou o Mineirão após as reformas, que sediaria importantes partidas da Seleção Brasileira na Copa das Confederações de 2013 e na Copa do Mundo de 2014.



Créditos: superesportes/Reprodução

Em um ato um tanto quanto populista de usar o boné da Máfia Azul, maior torcida organizada do Cruzeiro, a atleticana Dilma falou naquela ocasião: "Nós, do Brasil, estamos dando uma demonstração para o mundo. De que nós somos bons dentro do campo, mas somos bons fora do campo também".

Ainda em 2011, relatório apresentado pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE) apontava irregularidades nas obras do Mineirão. Indícios de superfaturamento e de contratação de serviços sem a licitação necessária foram comprovados. Em 2016, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) constatou que as empreiteiras contratadas para reformar e administrar o histórico estádio desviaram mais de R\$35 milhões dos cofres públicos somente em 2013 e 2014, por meio de fraudes de seus balanços oficiais nos números dos lucros líquidos das partidas e receitas obtidas com a venda de ingressos de Cruzeiro e Atlético. Isto tudo a cargo da Minas Arena¹⁰⁶, a concessionária que assinou um contrato de 27 anos de parceria público-privada (PPP), em 21 de dezembro de 2010, com o governo estadual para controlar o gerenciamento do

Mineirão. O prazo, inclusive, pode ser prorrogado por mais oito anos. A 6ª cláusula do contrato de concessão administrativa entre o poder público e a Minas Arena, a prorrogação pode ocorrer por iniciativa da própria concessionária, desde que seja expressa com antecedência de doze meses antes do final do contrato.

Aparecendo como uma alternativa para realizar uma maior fiscalização entre o setor público e privado envolvendo o estádio, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Mineirão foi instaurada em 2019 após pedido do deputado estadual Léo Portela, então conselheiro do clube (antigo Partido da República, atual Partido Liberal), e aceite do então presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), Agostinho Patrus (Partido Verde). Logo, como dito no capítulo 1, a partir dessa investigação o Cruzeiro começaria a ser investigado por uma dívida de R\$26 milhões de reais junto com a Minas Arena e teria um bloqueio em suas contas fiscais, isto antes mesmo da reportagem do Fantástico escancarar a situação do clube. Proposta para resolver as questões litigiosas em torno da administração do Gigante da Pampulha, a CPI teve até sua comissão formada pela ALMG, mas desde esse tempo ainda não foi executada. Enquanto isso, até em 2022, os repasses do governo de Minas para a administradora já ultrapassaram a casa de R\$1 bilhão de reais.

A questão política é uma tarefa árdua de ser apurada junto ao meio esportivo.

Dirigentes contatados por nós, tanto de times de Belo Horizonte quanto do interior do estado, preferiram não se posicionar a respeito de perguntas que, de alguma forma, pareciam voltadas a algum aspecto relacionado à política. Talvez por receio de perderem torcedores, por questões financeiras de patrocínio ou mesmo por acreditarem que não se misturam. O atual presidente do antigo Sete de Setembro, antigo clube de Belo Horizonte, Fabiano Rosa Campos, sintetiza a questão e acredita que o viés a ser seguido é mesmo esse, relacionando a questão com a eleição presidencial que ocorreu em 2022.

“Quem quiser fazer parte e torcer, as portas estão abertas. A gente não exclui, a gente inclui. Um posicionamento político iria nos limitar. A gente usa a camisa vermelha e o número 22, que é o Tigre no jogo do bicho (mascote do clube), que por mera coincidência foram os dois símbolos da eleição dos dois lados do segundo turno. Então, se o Lula quiser tirar foto com a camisa do Sete será muito bem-vindo, se o Bolsonaro quiser tirar foto será também muito bem-vindo, assim como outro que também quiser”.

Porém, com essa frase, Fabiano parecia estar se esquecendo das articulações políticas que envolveram o fim da posse da Arena Independência e do futebol profissional do próprio clube. No próximo capítulo, vamos abordar essas questões do time setembrino. A relação futebol-economia-política se mostrará cada vez mais visível e interligada.

João Lamêgo

Das memórias setembrinas

Para finalizarmos os itinerários que percorremos em Minas, a plataforma de chegada faz um caminho que irrompe da Belo Horizonte atual para a BH do início do século XX. A ideia aqui é trazer um resgate histórico do Sete de Setembro Futebol Clube. Nesse sentido, pode até parecer uma contradição, no entanto, o clube tem uma relação histórica com o contexto da capital nos primeiros anos da consolidação do futebol, com as modernizações que foram propostas para a cidade. Enfim, histórias do passado que apresentam reflexos até os dias atuais. Para isso, Fabiano Rosa Campos, atual presidente do Sete de Setembro Futebol Clube vai contar como tem sido feito esse trabalho de resgate da memória e história do Sete.

Fundado por Arthur Jardim, com 16 anos de idade no dia 7 de setembro de 1913. Com isso, o Sete de Setembro, como nos conta Fabiano, adquiri uma identificação geográfica importante, localizar-se na região Leste de Belo Horizonte. Seja na região do bairro Floresta, como nos anos iniciais, seja no bairro do Horto ou até mesmo no bairro Santa Tereza, conhecida por ser uma região famosa pelos bares e pela música, como o movimento musical, Clube da Esquina. "E era um time, e continuou sendo em toda sua existência, um time regional, um time de bairro, e no caso do Sete de Setembro - contando que 1913 - o bairro da Floresta era um bairro de sítio, ele era um time bem suburbano. O Sete de Setembro começou suas atividades utilizando o campo da chácara do futuro prefeito, Otacílio Negrão de Lima, que é ali na Floresta, onde hoje se encontra aquela Chácara Comendador Negrão". "Nesse sentido, o terreno da chácara Negrão de Lima ficava em uma região limítrofe da Avenida do Contorno. A sacada da varanda do casarão se encontrava virada para a região Central de BH. Posteriormente, as terras da chácara foram sendo divididas e restou apenas o casarão, na atual rua Leonídia Leite, no bairro Floresta¹⁰⁷.

Fabiano continua contando um pouco sobre esse contexto do futebol em Belo Horizonte, pois por mais que houvesse já clubes de futebol

na capital, ainda era um esporte bastante restrito, e de certo modo, pouco conhecido. Nesse período, o clube setembrino dava início a uma tradição de comemorar os aniversários com jogos festivos. São 100 anos da primeira festa de aniversário. O Sete desde 1922, comemora o aniversário dele com jogos festivos. O primeiro foi contra o Atlético”.

Ele também relata que o trabalho de resgate histórico do Sete de Setembro, que vem sendo feito por ele e por outros torcedores do clube desde 2019, apresenta dificuldades por conta dos registros que são, de certo modo, bastante escassos em relação a determinados períodos de tempo. Ele vai dizer também que na história do Sete houveram muitos altos e baixos, devido, especialmente, às questões financeiras nas quais o futebol foi se transformando e alguns clubes, tais como o próprio Sete, não conseguiram se readequar e readaptar a uma diferente e modificada realidade: “O Sete sempre teve oscilações, em que teve grandes momentos e paradas, ele não foi uma continuidade. Vai um ano e em alguns anos ele dá uma parada em função da questão financeira. Porque o Sete tem problema financeiro, sempre teve”.

Nesse momento, faz-se necessário um aprofundamento advindo da fala de Fabiano. Esse mergulho é mais precisamente para tentar entender como se davam as dinâmicas do futebol no que tange ao espaço fora das quatro linhas. Retomando aquele contexto inicial do futebol em Belo Horizonte, o esporte se estruturou na cidade de modo amador, ou seja, os jogadores não eram assalariados ou obtinham vínculo empregatício formal com algum clube. Nesse aspecto, de acordo com a doutora em Estudos do Lazer pela UFMG, Sarah Soutto Mayor¹⁰⁸, a condição de esporte amador do futebol era vista de uma maneira positiva e bastante valorizada: “Configurava-se como um emblema do esportista legítimo, dotado de predicados materiais e simbólicos (em relação à sua significância na hierarquia social daquele momento, que determinava claramente a existência de uma aristocracia) e que se dedicava à atividade esportiva como elemento de formação do caráter, da moral e do espírito. Além disso, o esporte estava vinculado à diversão, à gratuidade, à disponibilidade de tempo e dinheiro para usufruí-lo como passatempo”. No entanto, no ano de 1933, uma importante distinção acabou ocorrendo com relação ao amadorismo no futebol.

Isso porque, como argumenta Sarah: “Mesmo com a manutenção de velhos princípios, os alicerces que o mantinham [o futebol amador] se enfraqueceram com a aceitação explícita do profissionalismo e isso impactou definitivamente os clubes de menor expressão e poder aquisitivo. Em um primeiro momento, logo após a adesão dos principais clubes do estado ao novo regime (América, Atlético, Palestra, Villa Nova, Retiro, Tupy e Siderúrgica), outros clubes da cidade tentaram se profissionalizar, mas sem sucesso. Estes eram denominados “clubes menores”, uma designação presente nos próprios periódicos. De maneira semelhante, o esporte amador passou a ser nomeado ‘esporte menor’”.

Diante desse contexto, o Sete de Setembro trouxe uma proposta da criação de uma nova liga para o futebol amador, denominada LAF (Liga de Amadores de Futebol), até porque o clube setembrino era frequente nos torneios da cidade, mas em 1933 não aderiu ao torneio profissional de futebol. Em uma edição do jornal A Tribuna, de agosto de 33, foi noticiado a formação da Liga de Amadores de Futebol, na sede do Sete de Setembro: “Temos o prazer de comunicar-lhe que em 21 do corrente, se realizou na sede do Sete de Setembro F.C uma reunião para a fundação de uma Liga de amadores de futebol, tendo á mesma comparecido grande número de clubes interessados no assumpto. A presidencia foi assumida pelo Cel. Osorio Camargos, que discorreu sobre a necessidade de uma Liga de amadores para desenvolvimento de nosso esporte e bem assim, amparar os nossos clubes, animando-os e prevenindo-os de uma possível decadência.”. No entanto a LAF não se estabeleceu por muito tempo, como infere a autora, o próprio fundador da liga, o Sete de Setembro aderiu ao profissionalismo em 1934, ano em que outra organização esportiva foi anunciada, a Associação Mineira de Futebol. Em 1936, há registros por meio de periódicos sobre a Liga de Futebol de Belo Horizonte (LFBH), em que constava a realização de torneios amadores. Quando é chegado o ano de 1939, foi fundada a Federação Mineira de Futebol (FMF), atual entidade organizadora do futebol em Minas Gerais. Contudo, só em 1942, que a FMF criou um Departamento de Futebol Amador (DFA), em conformidade às exigências estabelecidas pelo Decreto-Lei 3.199/41 do Conselho Nacional de Desportos¹⁰⁹.

Em um artigo publicado no jornal Estado de Minas, em janeiro de 1943, foi anunciado a criação do DFA, como uma “grande obra para o esporte mineiro”. A publicação caracterizou o futebol amador como sendo “uma das forças mais expressivas do esporte”. Ao mesmo tempo em que exaltava a prática do “esporte pelo esporte”, o texto indicava que o esporte amador seria um instrumento a serviço do profissionalismo: “Se a força máxima do futebol mineiro se encontra no profissionalismo, observado através da sua eficiência, a verdade incontestável, entretanto, é que o futebol amador é o seu manancial, a fonte inesgotável de recursos em material humano”. Sobre esse paradoxo, a pesquisadora explica que foi um pensamento que residiu por toda a década de 1940: “O discurso do amadorismo seria continuamente mantido, ora por meio de intentos que rogavam um retorno aos antigos princípios (tradição); ora como forma de fundamentar a utilização de jogadores amadores nos clubes profissionais (mercado), já que o amadorismo continuava a ser veiculado como possibilidade privilegiada de formação do jogador. Nesse caso, os predicados do esporte amador (mesmo que já modificados sobremaneira em sua essência pelas novas finalidades do futebol naquele período e pela própria estrutura do amadorismo, geralmente precária) seriam evocados como fundamentais para a formação do atleta que concorreria, posteriormente, ao profissionalismo”.

Avançando um pouco no tempo, agora, iremos adentrar em um ponto bastante intrigante sobre o Sete de Setembro: o Independência. O estádio foi construído para receber jogos para a Copa do Mundo de 1950, a primeira Copa realizada em solo brasileiro. Nesse momento, é válido voltarmos um pouco no tempo e retomar aquelas discussões sobre a urbanização e planejamento de Belo Horizonte. O então prefeito, Otacílio Negrão de Lima (Gestão 1947-1951), e o então presidente do Sete naquela época, o senhor Antônio Lunardi, estabeleceram aqui uma correlação. Mais uma delas entre o Sete de Setembro e a família Negrão de Lima, para além do clube setembrino ter mandado alguns jogos na chácara Negrão de Lima, ainda na era ‘amadora’ do futebol na capital. Isso porque, Lunardi além de presidente do Sete, ocupava o cargo de vereador em Belo Horizonte. Ou seja, o cenário está desenhado e mais uma vez o componente político retorna ao tema de dis-

cussão. Com isso, uma nova praça de esportes teve suas construções iniciadas em agosto de 1948. De acordo com o doutor em Estudos do Lazer pela UFMG, Georgino de Souza Neto¹¹⁰, em sua tese “Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada”, Antônio Lunardi, em um discurso após o início das obras do estádio, elogia com bastante veemência a postura favorável de Otacílio, que havia disponibilizado verba do poder público para a construção do estádio do Sete e como a população de Belo Horizonte teria de reconhecer este ato do então prefeito da capital.

O pesquisador selecionou um trecho de uma publicação do jornal Estado de Minas, com o título “O Sete realiza seu grande sonho” que presenciou esse discurso e o disponibilizou na íntegra: “Abrindo as solenidades, fez uso da palavra o vereador Antônio Lunardi, presidente do Sete de Setembro. Fazendo o elogio do trabalho do sr. Otacílio Negrão de Lima, em favor do clube, assim se referiu o sr. Antônio Lunardi: “Homens como o sr. Otacílio Negrão de Lima servem para desmentir aos céticos e provar que, ainda, nem tudo está perdido. É um grande conforto para nós, para os mineiros principalmente, a verificação de que um homem público cumpre o seu programa, mesmo à custa de muito sacrifício. Ninguém desconhece a precária situação em que foram encontrados os nossos cofres municipais. Entretanto, Belo Horizonte se transforma, se embeleza, se estende, e com isto, a Prefeitura não fica mais pobre; pelo contrário, enriquece aos olhos de seus munícipes, que aos poucos vão vendo os seus problemas resolvidos por esse grande matemático das equações do povo: Otacílio Negrão de Lima. [...] Esta data inicia uma nova fase na vida do Sete de Setembro, e começa uma nova etapa para o esporte mineiro. O povo terá, enfim, a sua praça de esportes. A minha promessa, como presidente do clube, de lutar por esta reivindicação, foi cumprida e o meu ideal como defensor de suas cores começa a realizar-se. Como vereador, também, penso não ter desiludido aos esportistas que em mim votaram, pois lutando pela causa do Sete de Setembro, creio ter lutado por uma grande parcela do esporte mineiro. Também, à imprensa esportiva da capital, em grande parte, o motivo desta festa, pois sempre contamos com o seu apoio, seu estímulo e seu interesse pelos nossos problemas. Aos demais vereadores de nossa Câmara, muito devemos também”.

O aspecto político e as relações do mandatário do Sete junto ao prefeito Otacílio foram fundamentais para a construção. Pois diante de uma empreitada tão grande, um projeto de dimensões físicas enormes e que ganhou muita importância pois sediaria jogos da Copa de 1950, não haveria possibilidade, a não ser do poder público, de viabilizar uma obra dessa magnitude durante várias fases do processo de construção. Nesse sentido, Georgino defende que, ao contrário do que poderíamos pensar, o Independência não necessariamente foi construído para a Copa de 50, mas ele “se tornou” um estádio de Copa: “Desmontando a tese que recorrentemente vigora (não apenas no senso-comum, mas também em parte das publicações científicas), de que o estádio teria sido construído para a realização do Campeonato Mundial de 1950. (...) Ele [o Independência] tornou-se o estádio da Copa em Belo Horizonte já durante o processo de sua execução, em função das investidas do presidente do Sete, Antônio Lunardi, com o apoio do poder público local (que enxergava no sedimento belorizontino uma propaganda mundial para a cidade)”.

Tendo em vista todos os esforços colocados por Lunardi em todas as fases de construção do estádio do Horto e também nos processos de tornar aquela praça esportiva em sede de jogos de um Campeonato do Mundo de Futebol, o objetivo de tornar o Sete de Setembro forte e estruturalmente organizado e competitivo para disputar de igual para igual com o triunvirato da capital mineira, a saber, América, Atlético e Cruzeiro. E é justamente o que o pesquisador apresenta em um trecho da revista ‘Vida Esportiva’, de 1948, que diz: “O mal do Sete foi o mal dos pequenos clubes. Não possui campo. Sem este, via-se a todo instante forçado a utilizar-se dos de seus co-irmãos, ou então, da praça de esportes do V Batalhão, de Santa Teresa. Estes fatos serviram para atrapalhar a arrancada do clube. Estava constantemente preso a questões de campo, o que vale dizer que estava impelido a aceitar a situação pouco lisonjeira de acomodar-se às contingências da hora, aproveitando-se deste ou daquele gramado para a realização de seus jogos. O Sete de Setembro foi um grande herói. Na sua longa estrada nos certames oficiais da nossa Federação, mais como concorrente que como pretendente às primeiras colocações, deu inequívocas demonstrações de boa vontade e elogiável espírito de cooperação. A obra idealizada

dentro das exigências da engenharia moderna e das reais necessidades do nosso numeroso público desportivo, está fadada a suplantar todas as expectativas. Com o maior estádio de Minas, o Sete deixará de ser considerado um clube “pequeno”. Não será mais um mero participante de campeonatos. Terá um grande patrimônio a zelar. O ano de 1949, para ele, será, antes de tudo, o ano da ascensão, da subida até o lugar reservado aos “grandes”. Como um dos “grandes”, com a sua magnífica reserva moral e capacidade administrativa dos seus atuais dirigentes, o eterno lanterninha dos nossos certames resplandecerá em luzes vivas, irradiando com pujança as suas novas glórias que virão, honrando e prestigiando com denodo e merecimento as próprias grandezas do esporte mineiro”.



Créditos: hemeroteca digital

Imagens do Independência durante sua construção.

Georgino, contudo, ressalta que o acordo realizado entre o prefeito Otacílio Negrão de Lima e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) estabeleceu o pagamento de cinco milhões de cruzeiros (270 mil dólares estadunidenses) para que a cidade sediasse os jogos da Copa do Mundo de 1950. No entanto, de acordo com o jornalista Alexandre Simões, em seu livro “Gigante do Horto: a história do Estádio Independência”, uma parte desse valor, cerca de um milhão e setecentos mil cruzeiros, não foi paga a CBD, pois na visão do prefeito, Belo Horizonte não foi palco de partidas importantes do Mundial, o que implicaria em um prejuízo. Com isso, Simões segue argumentando que em apenas dois jogos haviam sido realizados, o público tinha sido no máximo 10

mil pessoas por partida, número inferior de torcedores em relação aos jogos com equipes da cidade. Simões relata que Otacílio, por meio dos recursos da prefeitura de Belo Horizonte, assumiu o término das obras no Independência, apesar de que uma das laterais do estádio ficaram sem a construção das arquibancadas.

Diante disso, para efeito comparativo, se o estádio do Horto reinaugurado em 2012, conta com 16 cabines de imprensa para jornalistas de rádio e televisão, além de 72 postos de trabalho para a imprensa escrita. O novo Independência ainda conta com camarotes, área VIP, lojas, bares e estacionamento. Porém, de acordo com Jairo Anatólio Lima, um importante cronista e radialista mineiro, em seu livro sobre o Independência, na coleção “BH, a cidade de cada um”, o estádio do Horto em 1950 apresentava uma certa falta de estrutura para um estádio que foi construído com muito incentivo para ressaltar a importância dessa nova praça esportiva no contexto do futebol na cidade: “a água era pouca, dentro do estádio. As instalações sanitárias, precárias. Os vestiários dos jogadores, bem modestos. Não era em todo jogo que a água do chuveiro era quente... Cabines de rádio? Nem pensar. Transmitia-se das laterais do gramado”.

Porém, alguns anos mais tarde, precisamente, 15 anos depois desse nem tão glamouroso e muito menos imponente pontapé inicial na trajetória do estádio do Horto, outro gigante surge na capital das Minas Gerais. Dessa vez, o Gigante da Pampulha, alcunha que se refere ao que naquela época, era o estádio mais moderno da cidade, o Mineirão. Com isso, o Independência acabou tendo de passar pela mesma experiência do abandono no qual outros estádios que o antecederam passaram por esse processo e perdendo o brilho que havia tido outrora. Isso porque, o Sete, dono do do estádio, passava por uma das suas fases de dificuldades financeiras, sem o apelo e o apoio de anos anteriores. E por mais que aquela praça esportiva pertencia ao clube, esse fator não foi o suficiente para manter o Independência ativo. Nas décadas de 1970 e 1980, o estádio chegou a ser utilizado em jogos ocasionais, e a falta de uso foi tão grande que houveram outros eventos realizados, como corridas de carro, para citar um exemplo. No entanto, em agosto de 1984, assumia o governo do estado Hélio Garcia que, segundo o es-

tudioso, tinha apreço reconhecido pelo futebol e que frequentava o Independência. Por meio dele, o governo de Minas Gerais teve concluídas negociações para o repasse do estádio ao poder público estadual, por regime de comodato. O Governo, então, promove uma reforma no estádio e em janeiro de 1986, dois anos após os trâmites do repasse, o Independência é reaberto com o clássico entre América e Atlético, trazendo à memória e revivendo aquele que ficou conhecido como “Clássico das Multidões”.

Hélio Garcia deixa o cargo de governador de Minas em 1987, e é sucedido por Newton Cardoso, que segundo o autor, tinha suas predileções pelo América. Com isso, o então governador não mediu esforços para inflar o ego de seu time com um estádio em que a torcida americana possa chamar de seu, até porque o antigo estádio da Alameda já não existia mais. Carlos Paiva, historiador oficial do América, relata todo esse processo: “Em 6 de maio de 1988, o Sete de Setembro Futebol Clube remete ao Governador Newton Cardoso um documento onde assume o compromisso de celebrar um “Convênio” com o América para utilização comum do estádio Raymundo Sampaio (que era americano e a muito já manifestara o desejo de passar o estádio para seu time de coração). O “Convênio de Cooperação Técnico-Financeira” é assinado no dia 9. Assinam pelo América seu presidente, Magnus Lívio Lucas de Carvalho, e o presidente do Conselho Deliberativo, Ruy da Costa Val; pelo Sete assinam seu presidente, Raymundo Nonato Sampaio, e o presidente do C. D., Emanuel Sampaio. A ADEMG se retira do Independência evitando maiores encargos, mas com o direito de sua utilização para suas atividades. Por outro lado, o América assina responsabilizando-se pela manutenção do estádio. Newton Cardoso aprovou a parceria, e assinou o termo de comodato. O América recebe então a administração do estádio.

As chaves são entregues no Gabinete do Secretário em uma solenidade, pelo presidente da ADEMG, Oswaldo Nobre. Estão presentes o Deputado José Adamo Belato, Secretário de Estado de Esportes; Afonso Celso Raso, Magnus Lívio L. de Carvalho, Paulo Afonso A. da Silva, Luiz Marcos Moreira e José Flávio Lanna Drumond. “[...] Mais tarde o presidente Marcus Vinícius Salum conseguiu prorrogar o comodato por

mais 50 anos, em transação comercial com o Sete de Setembro. Devidamente autorizado pelos “notáveis”, Marcus Salum alienou o Vale Verde, situado em Contagem, e com os recursos adquiriu do Sete de Setembro os direitos comerciais relacionados ao Independência. Em 2003, por atos societários, foi realizada a incorporação do Estádio Independência ao patrimônio do América Futebol Clube”. Diante disso, o próprio Fabiano indica que o Sete de Setembro por diversas vezes é lembrado como o “Time do Estádio”: “Eu chamo o Sete do ‘time do Estádio’. Que o maior troféu para o Sete de Setembro é o Independência. Toda vez que você vai falar na história do Sete de Setembro, você fala Independência. Não parece, ele era mais importante que o time, em alguns momentos. Ele tinha uma importância na cidade muito maior do que o time de futebol.”



Créditos: hemeroteca digital

Cerimonia de entrega da chave/administração do Independência para o América.

Com isso, os bens pertencentes ao Sete de Setembro Futebol Clube, incluindo o estádio, foram repassados ao América, que incorporou o clube da Floresta e consigo toda a sua memória vivida desde a fundação do clube na segunda década do século XX. Georgino vai argumentar que nem mesmo a posse do Independência tornou o Sete um grande clube da cidade: “Encerrava-se assim a história do Independência com o clube Sete de Setembro. Da aventura de Antônio Lunardi em construir um estádio à altura da capital mineira restara o legado de concreto, assumido então pelo América, que dali em diante se tornaria o proprietário e gestor da praça esportiva. O Sete de Setembro não se tornou um grande clube da cidade por possuir um estádio, e a sua falência decretava o fim de uma história importante e decisiva para o cenário futebolístico de Belo Horizonte. Os procedimentos de transferência dos bens do Sete (incluindo o estádio) ao América, passaram pelos trâmites jurídicos que oficializaram assim o acordo firmado entre ambos”.

Assim, com o Independência sob posse do América, novamente uma Copa do Mundo faria o “Gigante do Horto” estar sob os holofotes outra vez. Tendo em vista a realização de uma segunda edição de Copa do Mundo no Brasil, no ano de 2014, o América se associou ao Governo de Minas, mais uma vez, para garantir que obras de reforma e ampla modernização do estádio fossem realizadas. Segundo a Concessionária Arena Independência, que é formada pelas empresas Ingresso Fácil e BWA Administração de Arenas, em novembro de 2011, foi vencida, por esta mesma empresa, a licitação que garantiu a administração do estádio por 10 anos. Após a reforma, o Independência ficou cedido pelo América ao Governo do Estado por 28 anos, sendo função do poder público estadual a fiscalização da administração do estádio, enquanto que a responsabilidade da operação é da concessionária que administra a Arena Independência.

No entanto, em 2022, o governo estadual¹¹¹ rescindiu o contrato de concessão com a concessionária que administrava o estádio, sob a alegação de dívida, de um valor em torno de R\$ 36 milhões, da empresa com o poder público. Com isso, o América passou a ser concessionário direto da Arena Independência junto com o governo de Minas.

Fabiano também argumenta que, do ponto de vista econômico, o estádio ficou com um custo alto para manutenção e ressalta que o Sete passa por mais uma fase de reconstrução na qual é inviável entrar nesse negócio de administrar um estádio 'Padrão FIFA'. "Então, vamos começar pelo estádio. Qual é a lógica do estádio? Quanto que fica para alugar um estádio e quanto que fica para manter um estádio? Qual que é mais barato? Cada caso é um caso. Hoje tem alguns times de futebol que vivem numa 'Ilha da Fantasia' de que dinheiro não é problema, mas para a maioria é. Então, você tem que pensar que a questão é muito bonita, muito romântica, mas tem que ter uma questão financeira. A nós (Sete de Setembro) não interessa o Independência, do jeito que tá lá, não interessa. Porque, o custo de manutenção dele é muito alto, o valor dos jogos seriam muito alto".

Obviamente, ter um estádio pode ser, do ponto de vista econômico, vantajoso se houver uma equipe forte e estruturada para que as médias de público se mantenham altas. No entanto, é possível ter essa equipe forte e estruturada e não necessariamente ser dono de um estádio. Se o aluguel couber no modelo de negócios em que não haja prejuízo para o clube em detrimento de uma baixa demanda compra de ingresso, é sim possível obter renda de bilheteria de um estádio que não seja de propriedade de um clube. Ele define que é um processo muito importante esse retorno do Sete, classificando como um ato de: "Reexistir ou resistir".

A respeito da reconstrução do Sete de Setembro, ele define que é um processo muito importante, classificando como um ato de: "Reexistir ou resistir". Além disso, Fabiano nos contou quais foram os primeiros passos nessa caminhada de reestruturação da equipe setembrina, quais serão os próximos desafios nessas negociações e pendências: "Ninguém acreditava na volta do Sete. Nós registramos ele como um time amador. O Sete nunca teve uma grande produção de material. Muitas pessoas de Belo Horizonte nunca tinham ouvido falar no Sete. A primeira coisa era voltar a existir. Reexistir ou resistir, era uma forma de existir novamente, mesmo sendo amador, era importante, o Sete voltou, o Sete existe. Hoje pelo menos, falem bem ou falem mal, mas hoje se fala do Sete de Setembro". Tendo em vista esse processo, um

dos objetivos do clube é voltar às atividades do futebol profissional. Para isso, é necessário que o clube setembrino recupere a sua licença profissional, na qual foi incorporada outrora pelo América, junto de todos os outros bens. Além disso, uma Sede Administrativa e também um campo para que aconteçam as atividades e os jogos estará sendo negociado para que o Sete volte de uma maneira organizada. E, claro, adequando-se ao contexto atual das redes sociais e produção de conteúdo, uma das áreas de investimento é justamente no Marketing Digital, com o intuito de gerar atratividade e engajamento para o retorno do Sete de Setembro.

Esse relato do Fabiano também evidencia a importância que um clube de futebol pode ter para aqueles que estão envolvidos com esse esporte. Para muitos, pode não significar muita coisa a volta de um clube que esteve por muito tempo “esquecido”, mas que traz consigo histórias de vida, relatos, trajetórias para além do resultado esportivo, dos títulos, das conquistas. Títulos e conquistas são, obviamente, de muita relevância para uma equipe de futebol e os componentes de determinado time, pois é um pedaço da história do clube que vai sendo escrita. No entanto, um time de futebol não sobrevive apenas de títulos e conquistas, mas sim o quanto essas conquistas impactam nas gestões dos clubes para que eles se mantenham no caminho da competitividade, de disputar os títulos, pois, com raras exceções, um clube só ganha todos os troféus de uma temporada.

Ele continua a explicar, de um modo mais detalhado, como vão ser os caminhos para a volta do futebol do Sete de Setembro. Ele lembra, mais uma vez, da característica do clube, de ser um time “mais humilde” em termos financeiros, mas que sempre foi competitivo também formando atletas nas categorias de base: “Nós somos pequenos, mas pensamos como um grande. Nosso foco é maior, o objetivo é maior. Então, recuperando a licença, nós vamos voltar de imediato para base e profissional. Nosso foco é a base. O Sete é o time da oportunidade. Quase todo boleiro de Belo Horizonte jogou no Sete. Porque é o time que dava oportunidade, até pela precariedade financeira, era o que aceitava as pessoas. Então, a primeira tentativa era no time de coração, geralmente, Cruzeiro e Atlético, e acabava tendo a oportunidade

no Sete de Setembro. Pelo regulamento da Federação, você precisa disputar um ano de base e profissional para poder disputar a segunda divisão”.

E fica bastante evidente a importância de se destacar a trajetória histórica de um clube de futebol. Com isso, pode ser possível compreender os processos pelos quais o time foi se formando, por quais problemas a equipe enfrentou e como foram as soluções para esses problemas. E isso é bem importante na trajetória do Sete de Setembro, que como o Fabiano mesmo disse, “oscilou bastante”, e é justamente nesses momentos que lições profundas podem ser aprendidas para que no futuro, diante de outros problemas, possam haver possíveis saídas para enfrentar essas dificuldades.

Por fim, aproveitando essa visada sobre os aspectos históricos, é válido ressaltar que o Sete de Setembro carrega consigo uma trajetória fantástica e que remete e, muitas vezes, se confunde com a história de Belo Horizonte. Uma Belo Horizonte que se transformou muito ao longo dos anos, desde sua formação. De uma cidade planejada conforme o plano arquitetônico de Aarão Reis e sua equipe, temos hoje não só uma capital bastante importante, como uma região metropolitana inteira que também se desenvolveu, passou por diversas fases de industrialização e se conecta diariamente com Belo Horizonte. Nesse sentido, Fabiano demonstra a importância do Sete para a cidade e vice-versa: “A história do Sete de Setembro, com 109 anos, e a história de Belo Horizonte, se confundem. Se não é com todos de Belo Horizonte, nós representamos uma parte significativa. A gente sabe que nunca foi um time com grandes vitórias, mas isso não importa, o que importa pra gente é dar oportunidade para base e pensar um futebol um pouco diferente, menos excludente, mais inclusivo, e com oportunidades para os moradores de Belo Horizonte”.

Daniel Mendes

Epílogo

Quem entende perfeitamente o sentimento de reconstrução do Sete de Setembro é o Democrata de Sete Lagoas, ainda que o clube não tenha deixado de existir.

Por isso, após passarmos por aspectos financeiros, sociais e políticos dos clubes de Minas Gerais, podemos agora voltar na carta do pedido de socorro do Jacaré, presente no início do livro, com mais autoridade.

“Acreditamos que este é um recado de todos os ‘clubes invisíveis’. Nos ajudem! Não só com um apoio financeiro imediato, o que seria um antitérmico, mas com uma reestruturação do futebol que nos devolva a dignidade”.

Como já observamos no começo do livro - no qual avaliamos que a saída de resolver os problemas econômicos imediatos era apenas uma solução-tampão para os clubes e também uma futura dívida - pensamos em várias possibilidades para tentar fornecer uma espécie de diálogo com os times de Minas Gerais. E aquela em que chegamos envolve duas palavras-chaves: **visibilidade e liberdade**. É claro que também é preciso de se realizar um investimento, mas na atual era digital, ‘ser visto’ é quase um sinônimo de mostrar que se está vivo. Para clubes como o Sete de Setembro e o Democrata de Sete Lagoas isso é fundamental para revitalizar a força que possuem. Tomando o exemplo das SAF’s citadas no livro, como o North Esporte Clube e o Athletic Club, há todo um plano estratégico orquestrando as ações tomadas pelas associações. Não somente Sociedade Anônimas servem de exemplo, pois times tradicionais como o América de Teófilo Otoni provam que outras formas de cooperação econômica - neste caso com a prefeitura da cidade - também são válidas. **O importante é ser notado.**

Realização de ações de marketing perante a torcida, formação de assessoria de comunicação bem equiparada e contratação de equipes de *social media* alinhadas aos objetivos principais do clube - de, por

exemplo, expandir sua marca perante determinado público-alvo - são apenas algumas das ações que os dirigentes das equipes citadas tomam para aumentar a visibilidade dos clubes. Possuir uma marca estabelecida e consolidada chama a atenção de potenciais patrocinadores. Uma equipe histórica como o Sete de Setembro pode se aproveitar disso, de transformar a riqueza que há em seu acervo em potencial econômico: para isso, resolver os imbrólios do clube na justiça é a primeira medida para fazer o time voltar a disputar campeonatos profissionais. O Sete segue se mobilizando para tal, sempre lembrando sua história.

Portanto, mais que uma carta pedindo ajuda para entidades que, muito provavelmente, não darão ouvidos - como foi o caso - entender a importância da própria história é algo que os clubes de Minas Gerais precisam reconhecer de uma vez por todas. Quando assimilarem isso finalmente poderão buscar ativamente por liberdade.

Já em 2022, tendo passados dois anos da escrita do documento, o Democrata de Sete Lagoas não faria a carta chegar até seus destinatários - FMF, CBF e FIFA - mas conseguiria ser o campeão do Módulo II e conseqüentemente subir para a divisão de elite do Mineiro em 2023, após vencer o Varginha por 5 a 1, em uma Arena Jacaré lotada com mais de doze mil espectadores. Foram mais de quatorze anos de espera para a volta até a elite.

Para que esse regresso fosse possível de ocorrer, o clube de Sete Lagoas parou de se enxergar como invisível, como havia dito na carta, e correu atrás de investimento de patrocinadores, apoio da torcida e suporte da prefeitura. Houve até um vídeo feito pelos dirigentes do Democrata, em 3 de agosto de 2022, agradecendo ao prefeito da cidade, Duílio de Castro (Patriota), pela cooperação¹¹² no título da equipe. Assim como o América de Teófilo Otoni, o clube também teve seu patrimônio tombado pela prefeitura local - significando que o IPTU fica isento de ser pago. Mas além disso, no período pandêmico foi preciso criatividade. A agremiação enxugou os custos operacionais e reduziu sua estrutura administrativa, principalmente em relação ao número de prédios que o clube antes possuía, passando a contar apenas com a Arena do Jacaré. Logo que foi permitido o retorno do público às ar-

quibancadas, a receita passou a vir diretamente da torcida: receita de ingressos, venda de camisas e planos de sócio-torcedor. A importância dos aficionados pelo clube foi tão grande que Duílio de Castro, ao lado da taça no vídeo, reforçou essa ideia da parceria entre a equipe e a torcida:

“Não poderia deixar de agradecer à população, que apoiou e encheu o estádio em doze mil pessoas. Isso fez uma diferença muito grande. **Estamos apresentando a taça que não é do Democrata, não é minha, é de todos nós, é de Sete Lagoas”.**

A colaboração entre clube, setor financeiro, torcida e campo político foi o que resultou no sucesso esportivo do Democrata - a liberdade tão almejada. Junto com o Ipatinga, a equipe conseguiu subir para o Módulo I, mesmo sem ambas serem Sociedade Anônimas do Futebol. Ou seja, embora esse tipo de gestão tenha apresentado projetos positivos como o Cruzeiro, o North e o Athletic, a solução para a administração do futebol não está somente nela.

Tanto nas SAF's quanto nas parcerias dos clubes com prefeituras ou mesmo nos demais modelos de gestões de sucesso em Minas Gerais, conseguimos identificar algumas semelhanças de mentalidade: a alta competência, vontade e caráter dos gestores de fazer o futebol dos clubes ir para frente e, ainda, a incessável busca e coragem por alcançar as metas estabelecidas.

Daniel Mendes

João Lamêgo

Maria Carolina Martins

Os escudos mais bonitos são os dos times de Minas, uai!

Para encerrar o livro, colocamos curiosidades diversas envolvendo a grande maioria dos times profissionais - ou das equipes que já foram extintas - de Minas Gerais.

Contamos, nessa parte, os títulos, vitórias e glórias do passado dos clubes, assim como as dificuldades, obstáculos enfrentados ao longo da caminhada e de que maneira as equipes estão atualmente.

Além, é claro, de mostrar a beleza dos brasões de vários dos times espalhados pelo estado!

Guarani (DV)

Um dos times mais tradicionais do Oeste de Minas, o Guarani, foi rebaixado para a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro no começo deste ano de 2022, após infringir o regulamento da competição. O clube de Divinópolis inscreveu um jogador a mais do que o permitido, extrapolando o limite de 30 atletas. Logo, levou uma multa de R\$400,00 e perdeu três pontos, que o fizeram descer para a 11ª posição da tabela, tirando o Aymorés do incômodo rebaixamento. São 92 anos de história da equipe, que teve sua última participação no Módulo I em 2019, sendo a equipe que mais empatou na fase inicial - fator culminante em seu rebaixamento na ocasião.



Formiga

Fundado em 1929, o Formiga Esporte Clube é outra equipe que fechou as portas profissionais do futebol. Atualmente, as divisões de base continuam. Uma curiosidade é em relação ao nome da cidade: a lenda conta que o time e o município teriam esse nome por conta dos tropeiros que levavam açúcar para o interior do país. Em um dia, eles tiveram o carregamento invadido por formigas, às margens do rio da cidade, que também possui o mesmo nome. Porém, essa versão é criticada por historiadores, que defendem que a cidade pode possuir esse nome em relação aos indígenas que usavam formigas tanajurais na alimentação. Por fim, também há a lógica de que antigos topógrafos perceberam a semelhança dos montes da cidade com os de ilhéus de Formiga, em Portugal.

Serranense

Após passar 88 anos de sua história em Betim, o Serranense – antigo Betinense -, achou sua casa nova, em 2018: Nova Serrana. A equipe se profissionalizou apenas em 2014 para a disputa da Segunda Divisão do Campeonato Mineiro, mas mesmo assim os diretores não enxergavam o apoio da cidade de Betim ao time. Esse foi o fator fundamental para a mudança para Nova Serrana, que conta com o suporte da prefeitura e da população, segundo os dirigentes. Porém, atualmente, após cinco temporadas tentando a promoção para o Módulo I e batendo na trave, o clube foi rebaixado para a Segunda Divisão em 2022, terminando com apenas uma vitória no torneio.



Siderúrgica

Em 31 de maio de 1930, o time sabaraense da Siderúrgica foi fundado por funcionários da Companhia Siderúrgica Belo-Mineira, que tinha por objetivo transformar a cidade em uma grande usina piloto. A própria empresa patrocinava o clube, seja com aporte financeiro ou materiais esportivos. A equipe, também conhecida carinhosamente como Tartaruga, é detentora de dois títulos do campeonato mineiro: um em 1937 e o outro em 1964. Porém, a partir do ano de 1966 a companhia cortou os gastos com o time de futebol: o resultado foi a queda de desempenho no campeonato e venda dos principais atletas. No ano seguinte, o futebol profissional da equipe foi fechado. Esporadicamente, a equipe tentou voltar aos gramados das divisões inferiores do campeonato mineiro, mas as atuações ruins desmotivaram prováveis patrocinadores.

North

A nova SAF do Norte de Minas que já deu resultado e está dando o que falar: o North Esporte Clube, nascido em decorrência do antigo Montes Claros Esporte Clube, já conquistou o objetivo principal em seu primeiro ano como clube profissional: subir para o Módulo II do Campeonato Mineiro. De quebra, ainda foi o campeão da Segunda Divisão do Mineiro, e o escudo do time representa essa superação do clube. Nas palavras do gestor Andrey Souza, o brasão do North busca "resgatar a essência não só a cidade como também a região do Norte de Minas". A fênix mostra o ressurgimento, há o Sol, que é a matéria-prima da região, fonte de energia-limpa, e as sete estrelas representam as sete microrregiões do Norte de Minas. A intenção foi criar um conceito, que convenhamos o símbolo antigo não parecia possuir muito - lembrava mais o escudo do Grêmio do que tudo.



Figueirense

O Figueirense de Minas Gerais foi fundado em 1975 e se profissionalizou apenas em 2005, e é outro clube que também já abandonou a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro. O clube de São João Del-Rei, xará do time de Santa Catarina, deixou de disputar a competição à época da pandemia, alegando razões sanitárias e financeiras. Porém, no ano seguinte, em 2021, voltaria a disputar o torneio, terminando na penúltima colocação, apenas atrás do Betis Futebol Clube. O time foi fundado por amigos e, em seu começo, sobrevivia na base da mensalidade, tal como as grandes equipes brasileiras antigamente. A diferença era a de que o plano mensal era de apenas cinco reais por pessoa, e o clube não possuía campo de jogo. Por isso, a demora para ocorrer a profissionalização. Antes de surgir o Athletic, o Figueira era o único clube profissional da região das Vertentes.

Contagem

Tendo as atividades iniciadas em 1 de fevereiro de 2006, o Contagem Esporte Clube pertence à segunda maior cidade da região metropolitana de Minas Gerais. Seu mascote é, curiosamente, uma abóbora, e foi criado no mesmo ano da fundação do clube. A escolha desse mascote faz referência a época em que a Coroa Portuguesa mantinha controle sobre o território, com seus 'postos de contagem'. Um deles ficava em um terreno nomeado Sítio das Abóboras que, com o tempo, fez com que o município ficasse conhecido por 'Contagem das Abóboras' e, em 1854, simplificado para 'Contagem'. Após um período de inatividade, o clube voltou às atividades em 2020 e agora faz parte do Grupo Avante Brasil, atuando na segunda divisão Campeonato Mineiro.



União Luziense

O União Luziense Esporte Clube foi fundado no dia 27 de novembro de 1973 na cidade de Santa Luzia e foi criado, na verdade, para ser um time B/alternativo. Nos anos 60 e 70, o Santa Cruz E.C era a equipe mais prestigiada na cidade e o atleta que não conseguisse uma vaga para jogar nele poderia tentar jogar pelo União. A equipe já chegou a se chamar Brasil Luziense Esporte Clube e nunca disputou o futebol amador. A partir de 2007 conseguiu se estabilizar e entrou 'oficialmente' no futebol profissional, no qual disputou o Campeonato Mineiro da Segunda Divisão. Atualmente se encontra no Módulo II, terminando em oitavo lugar no torneio disputado em 2022.

Pouso Alegre

O Pouso Alegre Futebol Clube tem sede na cidade de Pouso Alegre e foi fundado no dia 15 de novembro de 1913, por meio de uma reunião na casa de Alfredo Ennes Baganha, primeiro presidente da equipe. Naquela época era difícil manter um time de futebol em atividade por muito tempo e, por isso, o Pouso Alegre caiu em esquecimento. Somente em 1928 o rubro-negro voltaria a ter relevância esportivamente. O ano de 1990 foi a era de ouro para o time, com o Pouso realizando seu maior feito no futebol profissional até então, alcançando a quinta colocação no Campeonato Mineiro da Primeira Divisão. Entretanto, nos últimos anos, o clube também tem conquistado feitos consideráveis: em 2021 foi o campeão do Troféu Inconfidência e em 2022 foi o vice-campeão da Série D do Campeonato Brasileiro.



Caldense

O futebol chega em Poços de Caldas em 1904, com a fundação do Foot-Ball Club Caldense. Ao longo dos anos foram surgindo outras agremiações, mas desapareceram com o tempo e, em 16 de novembro de 1925, os remanescentes destas equipes se reuniram e resolveram criar a Associação Atlética Caldense. Nas décadas de 30 e 40 foram criadas equipes de futebol de bancos, empresas, bairros e associações, mas sempre amadores. Enquanto isto, a Caldense continuava em ascensão. O time se solidificou, cresceu e, por ser a equipe mais velha da cidade, recebeu o apelido de "A Veterana". Em 2002, a Caldense conquistou o maior título da sua história, ao vencer o Campeonato Mineiro. É a equipe com maior número de títulos do Troféu do Interior até os dias atuais, com oito canecos na conta. Atualmente, a Veterana está no Módulo I do campeonato e em 2022 chegou às semifinais do campeonato, esbarrando no Atlético.

Boa Esporte

No dia 30 de abril de 1947, no salão de festas do Ituiutaba Clube foi fundado o Boa Vontade Esporte Clube, na cidade de Ituiutaba, pontal do Triângulo Mineiro. Até meados de 2010, a equipe ainda atendia pela designação de Ituiutaba, mas em 2011, com a garantia da vaga para série B do Brasileirão pela primeira vez em sua história, o time assinou um contrato com a Prefeitura Municipal de Varginha, transferiu-se para a cidade e teve que adotar seu nome original, que passou de Boa Vontade para Boa Esporte Clube. Atualmente, a equipe se encontra no Módulo II do campeonato, e a volta do time para Ituiutaba está sempre em pauta, principalmente com a construção de um estádio municipal na cidade. Sua maior rivalidade atualmente é contra o Varginha.



Varginha

O atual Varginha Esporte Clube, ou VEC/Vecão como é popularmente conhecido, teve como primeiro nome 'Sport Clube Aristocrata Negreiros' e foi fundado no dia 12 de outubro de 1985. Anos depois a equipe foi desativada e voltou às atividades apenas em 2001, por uma iniciativa do prefeito da cidade, recebendo as cores do antigo Flamengo Esporte Clube de Varginha e o nome de Varginha E.C. Passou por altos e baixos e, com a chegada do Boa Esporte Clube, em 2011, teve suas atividades suspensas e sua estrutura, que pertencia à prefeitura, foi cedida por empréstimo ao novo clube. No ano de 2021 o time anunciou sua reativação, por meio de um contrato de 15 anos com a empresa Soccer Stars Representações, que desde então gere o VEC. Não se trata de um clube-empresa, pois a natureza jurídica da equipe continua sendo de uma associação. Atualmente a equipe se encontra no Módulo II do campeonato e terminou na quarta posição na última competição, em 2022.

Três Corações

O Atlético Clube Três Corações tem sede em Três Corações - cidade em que o Rei Pelé nasceu -, foi fundado em 13 de setembro de 1913 e foi um dos principais clubes do sul de Minas Gerais até 2007. Depois de alguns anos afastada dos gramados, a equipe voltou às atividades em 2019, após pagamento de dívidas para disputar a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro, no qual se encontra até hoje. Tem como mascote o Galo e recebe como alcuinha o nome de Galo do Sul.



Poços de Caldas

A história do Poços de Caldas começa em 1934, quando funcionários do Palace Hotel e membros da aristocracia da cidade criaram o Palace Futebol Clube que, mais tarde, receberia o nome de Poços de Caldas Futebol Clube. Anos depois, devido a problemas políticos e estruturais, a equipe foi desfeita. Após mais de 70 anos de inatividade, no dia primeiro de junho de 2007 com o apoio da Associação Desportiva Classista Pamafer e pessoas amantes do futebol na cidade, o time foi oficialmente fundado. O Vulcão - apelido carinhoso dado ao time, pois a cidade está situada na cratera de um vulcão extinto - passou por uma crise financeira em 2013, e encerrou as atividades. Voltou à ativa em 2017, após ser adquirido por uma empresa paulista. Em 2021, o time disputou a 2ª divisão do campeonato, mas chegou somente às quartas de final. Tem como principal rival a Caldense.

Patrocinense

Clube localizado na cidade de Patrocínio, o Clube Atlético Patrocinense foi fundado em 19 de março de 1954. O município do Triângulo Mineiro possui aproximadamente 92 mil habitantes e o Estádio Municipal Pedro Alves do Nascimento é o local onde clube manda seus jogos, com capacidade para mais de 10 mil pessoas. Tem dois títulos até os dias atuais: um da Segunda Divisão e outro do Módulo II do Campeonato Mineiro. Em 2021, trocou de escudo – que se assemelhava em muito ao do Atlético - e elegeu o vencedor por meio de escolha popular. Foi a primeira vez que o clube alterou o formato de seu design, após mais de 66 anos de história. Desde 2018 é figura constante no Módulo I do Campeonato Mineiro e, em 2022, terminou em 9º lugar.



Uberaba

Cinco anos antes daquele que viria a ser o seu rival - o Uberlândia E.C -, o Uberaba Sport Club foi fundado em 15 de julho de 1917. Localizada no Triângulo Mineiro, Uberaba fica a pouco mais de 100km de Uberlândia, evidenciando a rivalidade local que cresceria ao longo do tempo. Assim como o rival, o Uberaba viveu grande fase na década de 80, quando disputou a primeira divisão do Campeonato Brasileiro e nas oitavas de final enfrentou o Flamengo de Zico, um dos maiores times do futebol brasileiro. O Zebu abriu 2 a 0 no marcador, mas acabou cedendo à pressão do Maracanã lotado e levou a virada do Urubu, com o placar terminando em 4 a 2 para os mandantes. Falando de títulos, o clube tem três Taças Minas Gerais, cinco Campeonatos do Interior e um Módulo II do Campeonato Mineiro.

Rio Branco

Era 13 de junho de 1948, nascia o Rio Branco Futebol Clube, ou melhor, o Rio Branco de Andradas. Formada por um grupo de jovens que deixaram de integrar o Esporte Clube Andradense, a equipe se tornaria uma das mais tradicionais da região Sul de Minas Gerais. Os fundadores tomaram essa decisão de fundar o clube, pois no clube antigo só podiam treinar e não participavam dos jogos. O Rio Branco F.C estreou entre os profissionais em 1986, na Segunda Divisão do campeonato mineiro. Ao longo de sua trajetória, o time recebeu o apelido de Azulão por conta da cor de seu uniforme, um azul escuro marcante. Por falta de uma estrutura adequada para treinar e competir, o clube, que já foi tricampeão do interior, decidiu interromper as atividades do futebol profissional, mesmo estando na elite do Mineiro, a partir de 2010. Os torcedores ainda esperam pela sua volta aos gramados.



Tricordiano

O Clube Atlético Tricordiano é originário da cidade de Três Corações e foi fundado no dia 13 de agosto de 2007. Em 2016, o time passou a ter o Rei Pelé como Presidente de Honra, uma iniciativa para reacender o vínculo do jogador com a cidade onde nasceu. Ao longo dos anos o time sofreu muitos problemas com trocas de técnicos e a interdição de seu estádio, obrigando a equipe a mandar os jogos para fora de casa. Em 2019, o Tricordiano desistiu de disputar o Módulo II do campeonato e foi automaticamente rebaixado para a Segunda Divisão. Além disso, o time foi punido pela FMF recebendo uma multa de R\$100 mil reais e a suspensão de participar de qualquer competição estadual em um prazo de 2 anos.

América

Fundado em 30 de abril de 1912, o América Futebol Clube – que não possui Mineiro no nome - é um dos clubes mais tradicionais e históricos do futebol mineiro. Foi um clube iniciado por jovens mineiro no começo do século, entre eles Affonso Silvano Brandão, filho de um ex-governador de Minas Gerais, Francisco Silvano de Almeida Brandão. Affonso, ao lado de Lucas Machado, também foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas em Belo Horizonte. Poucos anos depois da criação, o América tem um dos grandes feitos da história do futebol, tornando-se o primeiro time decacampeão do mundo, de 1916 até 1925. Além disso, ao longo do tempo, o clube vem sendo referência na formação de jovens talentos para o futebol. Danilo e Richarlison, que atuaram na Copa do Mundo de 2022 do Catar, são os melhores exemplos do DNA formador do Coelho.



Uberlândia

Fundado oficialmente no dia 1 de novembro de 1922, alguns anos após o desenvolvimento do município de Uberlândia – esta carinhosamente como Udia -, inicialmente o clube tinha o nome de Uberabinha Sport Clube, mas pouco tempo depois foi trocado para Uberlândia Esporte Clube. Com mais de 700 mil habitantes, a cidade de Uberlândia possui o Estádio Municipal João Havelange, o “Parque do Sabiá”, com capacidade para 56 mil pessoas, que é considerado o maior estádio do interior do Brasil. Por duas vezes disputou a Série A do Campeonato Brasileiro, em 1978 e 1979, sendo que neste último ano terminou em nono lugar na competição, um grande feito para um clube do interior enfrentando gigantes. Atualmente, em 2022, o clube foi rebaixado para o Módulo II do Mineiro, após apenas duas vitórias em onze jogos no torneio regional.

URT

A União Recreativa dos Trabalhadores, conhecida também como URT, foi fundada em 9 de julho de 1939, em Patos de Minas. Com grandes campanhas na virada para o século XXI, em 2000, após bicampeonato da Taça Minas Gerais, a URT disputaria pela primeira vez um torneio nacional, a Copa do Brasil. A equipe manda seus jogos no acanhado Estádio Zama Maciel, com capacidade para 5 mil pessoas. O estádio, inclusive, recebeu uma proposta de ser vendido para uma rede de supermercados de Belo Horizonte por R\$38 milhões em 2021, mas até então o negócio não se concretizou. Em 2022, apesar do time ter sido rebaixado para o Módulo II do Campeonato Mineiro, chegou a disputar a Série D do Brasileiro e também a Copa do Brasil.



Santarritense

Fundado em 2 de junho de 1996, o Santarritense Futebol Clube vem representando a cidade de Santa Rita do Sapucaí, localizada no sul de Minas. A pouco mais de 25km de distância até Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí é uma cidade referência no desenvolvimento tecnológico e é conhecida como o "Vale da Eletrônica". Pensando nisso, o mascote do clube foi inspirado na ideia de relacionar o futebol com a tecnologia e, por isso, o mascote é um robô, o "Bugalu", como é conhecido. Além disso, os torcedores e a imprensa já tem chamado o clube de "Robô do Vale".

Coimbra

Vinte anos após sua fundação, que ocorreu em Nova Lima, no dia 5 de janeiro de 1986, o Coimbra Sports virou um clube-empresa, em meados de outubro de 2006. Inclusive, antes de finalmente se estruturar em Contagem, o clube passou por Nova Lima, Uberlândia e Belo Horizonte. Profissionalizou-se em 2009, disputando a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro neste mesmo ano. O nome do time veio em homenagem ao então camisa dez da Seleção Brasileira na década de oitenta, o Artur Antunes Coimbra, o Zico. Além disso, como a coloração da equipe é branca e laranja, ficou apelidada como “Laranja Mecânica”, em referência à grande seleção holandesa da Copa de 1974. O Coimbra se sagrou o campeão da Segunda Divisão do Campeonato Mineiro em cima do Athletic em 2018. No ano seguinte, após vencer o Uberlândia, conquistaria o Módulo II.



Betim

Tendo liderado boa parte do Módulo II em 2022 na fase inicial, por conta de um ponto o Betim não subiu para a Primeira Divisão do Mineiro. O time é bem novo, mas com seus três anos de existência já vem aprontando em Minas Gerais. Inclusive, há de aqui haver uma atenção: na mudança do Ipatinga para Betim, em 2012, houve a criação do Betim Esporte Clube, porém este durou apenas um ano. Também existiu o Betim Futebol Clube, fundado em 2006, e que encerrou sua filiação na CBF para que o Betim Esporte Clube, de Itair Machado, pudesse existir. E, por fim, não confundir com o antigo Futebol Clube Betinense, que é atualmente o Clube Atlético Serranense. Voltando para o clube em questão, no mesmo ano de sua fundação já subiu da terceira para a segunda divisão do campeonato regional e, no ano seguinte, bateu na trave na chance de disputar o Módulo I. Em um pequeno resumo, Betim pode ser considerada uma cidade andarilha do futebol mineiro.

Araguari

Fundado em 16 de novembro de 1944, o Araguari Atlético Clube, com o seu time masculino esteve na elite do futebol mineiro em meados das décadas de 1960 e 1970, porém é no futebol feminino que o clube se tornou pioneiro. O Araguari foi o primeiro clube a organizar um time de futebol feminino no final do ano de 1958, com o intuito de realizar um jogo beneficente, que atraiu grande público. Com a manutenção do elenco, as jogadoras passaram a disputar amistosos em várias cidades. No entanto, o clube foi obrigado a desmontar a equipe por conta do Decreto-Lei nº 3.199, de 14/04/1941, que proibia a prática do futebol pelas mulheres.



Mamoré

Com dez anos a menos de existência que seu grande rival, URT, o Esporte Clube Mamoré foi fundado em 13 de junho de 1949. E as diferenças não param por aí. Aos moldes do Merseyside Derby, o clássico da cidade de Liverpool, envolvendo Liverpool e Everton, que tem seus estádios muito próximos, a distância entre o Estádio Bernardo Rubinger de Queiroz e o Zama Maciel, da URT, e é de apenas 850 metros: se preferir ir de uma arena a outra a pé são apenas 10 minutos de caminhada. O estádio do Mamoré, com mais de 10 mil lugares, tem o dobro da capacidade da URT. Uma rivalidade forte foi criada entre o Sapo e o Trovão, porém que se encontra desbalanceada nos últimos anos devido ao Mamoré se encontrar na última divisão do Mineiro, enquanto a URT por duas vezes ganhou o troféu de Campeã do Interior, em 2016 e 2017.

Boston City

Fundado pelo empresário Renato Valentim, o Boston City FC foi fundado em abril de 2015 na cidade de Boston, Massachusetts. O clube disputa a USL, a segunda maior liga de futebol dos Estados Unidos da América. Em setembro de 2017, o empreendedor trouxe para o Brasil a sua primeira filial aos moldes dos times da Red Bull, situada em sua cidade natal, Manhuaçu. Logo, o clube se filiou à FMF e à CBF, iniciando os trabalhos em janeiro de 2018. A equipe está na elite do futebol mineiro nas categorias sub-15, sub-17 e sub-20, enquanto o time profissional atualmente disputa a Segunda Divisão do Mineiro.



Democrata (SL)

O Democrata de Sete Lagoas foi fundado em 14 de Julho de 1914, após diversas reuniões de seus fundadores no 'Bar Chique', que era forte ponto de encontro da sociedade setelagoana na época. O 'Jacaré', como foi batizado fazendo uma alusão às lagoas da cidade, foi lançado ao profissionalismo em 1953 e, na década de 80, foi o pioneiro da publicidade, sendo o primeiro clube de futebol profissional do Brasil a ter patrocinador na camisa. A equipe já passou por altos e baixos, dentro e fora das quatro linhas, e diversas vezes teve que se afastar das competições. Em 2010, fechou uma parceria com o Atlético Mineiro, que disponibilizou recursos para o time disputar a 2ª divisão (na prática a 3ª) naquele ano. Em 2022, o Democrata se sagrou o campeão do Módulo II do campeonato.

Araxá

Representando o município onde nasceu o atual governador do estado, Romeu Zema, Araxá possui uma população de mais de 107 mil habitantes e é a terra do Araxá Esporte Clube. Fundado em 16 de novembro de 1958, o AEC parou nas quartas de final da Segunda Divisão do Campeonato Mineiro de 2022, caindo para o Coimbra B. Foi atuando pelo clube que Túlio Maravilha afirmou ter chegado ao milésimo gol da carreira, em 2014. Assim como Romário e Pelé, o folclórico centroavante também marcou de pênalti, só que desta vez em cima do Marmoré, em partida válida pelo Módulo II do Campeonato Mineiro. Desde 2018, porém o clube segue na peleja na terceira divisão.



Tupi

Fundado em 26 de maio de 1912, o Tupi Football Club, mais conhecido como Galo Carijó, é certamente um dos clubes mais tradicionais do estado, em uma cidade muito importante como é Juiz de Fora. No mesmo ano de 1912, o primeiro amistoso do clube foi contra o Tupynambás, terminado em um empate em 1 a 1. O primeiro confronto oficial válido ocorreu pelo campeonato da cidade de Juiz de Fora, também contra o Tupynambás, jogo em que o Tupi foi derrotado no fim da partida após perder três pênaltis ao longo do jogo. Nos anos 60, foi apelidado de 'Fantasma do Mineirão', por conta de ter vencido os três times da capital - América, Atlético e Cruzeiro - em jogos amistosos. Recentemente, em 2016, o clube alcançou a Série B do Campeonato Brasileiro após ter chegado às semifinais da Série C do ano anterior. Em 2011, o clube venceu heroicamente a Série D. Já atualmente, o time figura no Módulo II do Campeonato Mineiro, buscando forças para resgatar os tempos de glória nas divisões nacionais.

Aymorés

Fundado em 17 de maio de 1926, o Aymorés tem forte conexão com um prêmio importante da elite do futebol mineiro: O tradicional Troféu Guará, prêmio que reconhece os melhores da competição a cada ano, geralmente oferecido pela Rádio Itatiaia. O troféu é uma homenagem a Guaracy Januzzi, o 'Guará'. Revelado pelo Aymorés, o atleta se destacou de forma extraordinária e despertou o interesse do Atlético. Ele se tornou o maior artilheiro do clássico contra o Cruzeiro, com 26 gols marcados contra o rival e é o quarto maior artilheiro da história do alvinegro. Infelizmente, devido a uma grave lesão na cabeça, Guará teve que encerrar sua carreira precocemente, logo aos vinte e três anos de idade. Ainda em tempo sobre o Aymorés, a última participação do clube de Ubá no campeonato mineiro foi em 2020, na Segunda Divisão.



Nacional

Localizada na zona da mata, Muriaé tem aproximadamente 110 mil habitantes e vem sendo representada pelo Nacional Atlético Clube, o Nacional de Muriaé. Fundado em 25 de dezembro de 1927, o clube iniciou sua jornada no futebol com o incentivo e a doação de um terreno para a construção do estádio feita por Soares de Azevedo, um desportista que seria homenageado com o nome do estádio. Há também um outro nome que se refere ao estádio do Nacional como "Brazão", em homenagem a um prefeito da cidade nos anos 70. O clube já teve um touro como o mascote, quando jogava na cidade de Esmeraldas, mas mudou posteriormente para um leão, em 2016. O time também realizou uma troca gritante em seu escudo e, atualmente, frequenta o Módulo II do Campeonato Mineiro.

Valeriodoce

Valeriodoce E.C, ou Valério como é mais conhecido, é um dos grandes patrimônios da cidade de Itabira, e foi fundado em 22 de novembro de 1942. Instituída por funcionários da empresa estatal Companhia Vale do Rio do Doce, a equipe foi a primeira do interior, na era Mineirão, a ter um artilheiro do estadual em 1978, Luiz Alberto, com 12 gols. O clube chegou a disputar as Séries B e C do Campeonato Brasileiro, mas com a privatização da Companhia feita pelo Governo Federal, passaram a sofrer com problemas financeiros, chegando a oscilar entre os Módulos I e II do Mineiro várias vezes. Por falta de candidatos à presidência do clube, em 2019, o Valério optou por se retirar de competições profissionais. Desde abril de 2022, o torcedor itabirano voltou a poder sonhar com conquistas para o futebol profissional do clube, porque o time se tornou, oficialmente, uma SAF. Inclusive, o time bateu na trave para subir de divisão: perdeu para o campeão North Esporte Clube nas semifinais do torneio.



Inter de Minas

Fundada na cidade de Itaúna, no dia 4 de dezembro de 2014, a Associação Desportiva Internacional de Minas atualmente disputa a segunda divisão do Campeonato Mineiro. A equipe já teve sua sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro e profissionalizou-se em 2017. Antes disso, disputava a Liga Uberlandense de Futebol (LUF) e o Campeonato Mineiro nas categorias Sub-15 e Sub-17, as quais continua se destacando. Antes tinha como cor predominante o vermelho, mas, em 2019 após a mudança de direção, a equipe passou a utilizar a cor verde e seu escudo e uniforme.

Ipiranga

Fundado em 4 de março de 1984, o Ipiranga Futebol Clube representa o município de Manhuaçu, na região da Zona da Mata Mineira, assim como o Boston City. A cidade conta com aproximadamente 91 mil habitantes e está bem próxima da divisa de Minas Gerais com o Espírito Santo. Tendo como referência a cidade de Juiz de Fora como grande município da Zona da Mata, são 290km de distância, quase cinco horas de viagem. O Estádio Juscelino Kubitschek é o local onde o Verdão manda os seus jogos, com capacidade para oito mil pessoas.



Funorte

Foi o último representante de Montes Claros e do norte de Minas Gerais na elite do futebol mineiro, em 2011. Seu mascote é o Formigão e o clube conta com o patrocínio de universidades, tais como as Faculdades Integradas do Norte de Minas Gerais (FUNORTE), que introduziram o nome ao time, e a Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS). O clube foi fundado em 4 de maio de 2007, e desde 2015 está com o futebol profissional desativado, com apenas as categorias de base do futebol da equipe funcionando.

Villa Nova

A história do Villa Nova Atlético Clube está muito ligada à exploração de ouro na região de Nova Lima. Em meio aos trabalhos realizados para a Saint John Del Rey Mining Company Limited, companhia que adquiriu a mina de Morro Velho na época, os mineradores e trabalhadores tiveram o futebol como principal fonte de lazer. E foi nesse contexto que, no dia 28 de junho de 1908, houve a decisão de fundar um time de futebol, que viria a ser batizado como uma homenagem ao nome da cidade. Foi um dos pioneiros em Minas Gerais a escalar atletas negros, numa época em que o racismo ditava vários comportamentos sociais. Conhecido popularmente como Leão do Bonfim - apelido que faz referência ao mascote e também ao bairro do Bonfim onde está a sede do clube alvirrubro - a equipe é considerada uma das mais bem sucedidas do interior e está, atualmente, no Módulo I do campeonato.



Tombense

A cinco quilômetros da divisa com o estado do Rio de Janeiro, Tombos possui quase a mesma distância para Belo Horizonte (370km) quanto tem para a cidade do Rio de Janeiro (360km). Com pouco mais de oito mil habitantes, o município de Tombos tem sido muito bem representado pela Tombense Futebol Clube, fundada em 7 de setembro de 1914, coincidentemente, o dia da Independência do Brasil, que à época completava 92 anos. A Tombense tem sido um clube que, historicamente, investe nos talentos a serem revelados para o futebol, mesmo não sendo profissional até 1999. Por meio de uma parceria entre o presidente do clube Lane Gaviolle e o empresário Eduardo Uram, o clube formou um projeto para a equipe profissional, que vem se tornando cada vez mais competitiva e revelando talentos das categorias de base. Desde 2020, o clube vem conquistando pelo menos um título por ano, seja o título de Campeão do Interior ou a Recopa Mineira. Segue na Série B do Campeonato Brasileiro, safando-se por pouco do rebaixamento em 2022.

Manchester

Inspirado na referência atribuída a cidade de Juiz de Fora, conhecida como a 'Manchester Mineira' - por conta do forte desenvolvimento industrial ocorrido no município -, o Manchester Clube foi fundado a pouco tempo, no dia 7 de julho de 2021, nas mãos de seu presidente e fundador Fernando Zuchi Ozório. O conceito por trás do símbolo no escudo faz referência ao Painel "As Quatro Estações", de Candido Portinari, assinado em 1956, cuja obra está instalada na fachada do Edifício Clube de Juiz de Fora. O mascote do clube é a Capivara, que se tornou símbolo da cidade nos últimos anos, sendo vistas com frequência às margens do Rio Paraibuna, principal rio de Juiz de Fora, e até pelas ruas.



Tupynambás

Apenas oito meses antes do surgimento do Tupi, o Tupynambás Futebol Clube foi fundado em 15 de agosto de 1911. A cidade de Juiz de Fora ficou famosa por conta de abrigar, no começo do século XX, muitas indústrias, sendo que algumas delas eram de origem inglesa. Com isso, o futebol na cidade aos poucos foi se tornando prática comum, o que indica a proximidade do surgimento de Tupynambás e Tupi. Além disso, a história desses dois rivais se confunde muitas vezes, por exemplo no caso de Eduardo Viviani, participante do processo de fundação do Tupi, mas que depois virou figura importante do Tupynambás. Nesse sentido, a proximidade das datas de fundação e o fato de serem da mesma cidade fez com que as rivalidades se estabelecessem e se fortalecessem ao decorrer dos anos.

Democrata (GV)

Proveniente de uma cidade que conta com mais de 280.000 habitantes, a Pantera é uma marca registrada. O clube foi fundado antes mesmo antes de Governador Valadares se dissipar de Figueira, em uma diferença de seis anos. Neste ano de 2022, a equipe teve um ótimo desempenho no Campeonato Mineiro e levou o Trófeu Inconfidência, após terminar em sétimo lugar na fase de classificação e derrotar a Tombense por 1 a 0 no confronto decisivo. Foi o primeiro clube do interior de Minas Gerais a disputar a Copa do Brasil, em 1992, quebrando a hegemonia de Cruzeiro e Atlético. Um ano antes, havia sido vice-campeão do Campeonato Mineiro: o maior feito do clube até então. Em 2022, sagrou-se o campeão do Troféu Inconfidência e garantiu uma vaga na Série D de 2023.



Athletic

Um dos melhores exemplos de clube-empresa nos últimos anos no Brasil, o Athletic teve uma ascensão meteórica após se tornar uma sociedade anônima. Fundando em 1909, em São João Del-Rei, o clube chegou à segunda colocação no campeonato estadual deste ano de 2022. Para tal fim, trouxe reforços importantes para encorpar o elenco, como o consagrado atacante Ricardo Oliveira. Antes disso, o uruguaio Loco Abreu também já havia jogado com a camisa alvinegra. Logo, perdeu a semifinal para o Cruzeiro. A equipe transferiu o seu mando de campo para o Mineirão, dificultando a tarefa de chegar à final para os jogadores. Para fechar, em Campos das Vertentes, além do clube centenário, apenas o Fabril, de Lavras, na década de 1980, chegou a disputar a elite do campeonato mineiro. Agora em 2022, foi o Campeão Mineiro do Interior, após excelente primeira fase.

América (TO)

Clube de maior destaque do Vale do Mucuri, o Dragão atualmente disputa a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro, mas foi em 2011 que ocorreu sua participação de maior destaque. Na época, a equipe ficou em quarto lugar na campanha geral, e enfrentaria o Cruzeiro na semifinal, no jogo de maior importância de sua história. O resultado das partidas - 13 a 2 no agregado - não diminui o feito que o time conseguiu, tendo em vista que havia sido apenas a segunda participação do clube no Módulo I, em toda sua história. A cidade que abriga a equipe é Teófilo Otoni, um dos municípios mais importantes no que se trata de lapidação e comercialização de pedras preciosas do Brasil.



Ipatinga

De ascensão rápida, o Ipatinga foi fundado em 21 de maio de 1998, e quase acabou extinto por má administração financeira de seus gestores. Em menos de dez anos de existência, o clube do Vale do Aço conquistou o Campeonato Mineiro em 2005, chegou à semifinal da Copa do Brasil em 2006 e foi vice-campeão da Série B do Campeonato Brasileiro de 2007. Porém, após os anos de glória, o time começou a decair: em 2008 foi rebaixado para o Módulo II do Campeonato Mineiro e voltou para a segunda divisão do campeonato nacional. Com as péssimas campanhas dos anos seguintes, o time por fim chegaria à Série D, mas o pior não foi isso: o clube mudou de nome e de cidade, mudando-se para Betim, local o qual não havia identificação com a equipe. Logo, a diretoria voltaria com o clube para Ipatinga, mas sem o principal diretor presente. Era ele Itair Machado, o mesmo dirigente que havia fundado o time. Atualmente, continua com chances de ir à falência, mas embora esse fato, em 2022, conseguiu o acesso de volta para a elite do campeonato mineiro, competição que não jogava desde 2011.

Cruzeiro

Fundado como Palestra Itália, o atual Cruzeiro Esporte Clube conquistou o seu primeiro título em 1928, isto é, considerando informações da Federação Mineira de Futebol. Porém, dirigentes e torcedores do clube azul-celeste consideram que a primeira conquista do clube ocorreu em 1926, impasse este existente até aos dias atuais. Prosseguindo, a história do clube é uma forma de mostrar a inserção dos imigrantes italianos na sociedade belo-horizontina do começo do século XX. O atacante Niginho, falecido em 1975, é o retrato disso. Nascido e criado em Belo Horizonte, o boleiro com raízes italianas ainda é o terceiro maior artilheiro da história do clube. Leva o nome de uma praça na região da Pampulha, mesma área a qual morreria, após um mal-súbito. Foi campeão de maneira incontestável da Série B em 2022, e promete se esforçar para fazer uma boa primeira divisão em 2023, com um elenco provavelmente todo reformulado.





Atlético Mineiro

Sendo um dos principais times no cenário esportivo de Minas Gerais, a história do Clube Atlético Mineiro se inicia no dia 25 de março de 1908, quando 22 jovens da classe média de Belo Horizonte se reuniram no Parque Municipal e decidiram fundar a equipe de futebol. O Galo, como é mais conhecido pela torcida, foi o primeiro campeão mineiro e é o time que possui mais títulos do estadual. Nos anos 50, a equipe foi a primeira do Brasil a excursionar pela Europa e, mesmo tendo jogado em campos congelados e condições climáticas adversas, o Atlético teve um desempenho muito bom, sendo elogiado pela imprensa nacional e recebendo o apelido de 'campeões do gelo' (que passou a fazer parte do hino do clube). Seu principal rival é o Cruzeiro E.C, e o clássico entre essas duas equipes influencia o cotidiano, quiçá a vida dos torcedores belorizontinos. Atualmente, o Atlético conquistou o último título do Módulo I do Campeonato Mineiro, o de 2022.

Referências Bibliográficas:

1 - "CARTA ABERTA À FMF, CBF E FIFA COVID-19 COMO A ÚLTIMA GOTA" . Disponível em: <https://twitter.com/democratajacare/status/1246085221184876544>

2 - **Após desistência de seis clubes, Segundona mineira tem formato definido.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/campeonato-mineiro/apos-desistencia-de-seis-clubes-segundona-mineira-tem-formato-definido-confira-1.2490081>

3 - **Tupi pede desistência do Módulo II, mas Federação Mineira de Futebol nega.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/tupi-pede-desistencia-do-modulo-ii-mas-federacao-mineira-de-futebol-nega-1.2353337>

4 - **Villa Nova-MG tem recurso negado no Pleno do STJD sobre vaga na Série D 2023.** Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/campeonato-mineiro/noticia/2022/10/13/villa-nova-mg-tem-recurso-negado-no-pleno-do-stjd-sobre-vaga-na-serie-d-2023.ghtml>

5 - **FMF cancela Troféu Inconfidência, Cruzeiro abre mão de título, e Uberlândia é declarado campeão.** Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/campeonato-mineiro/noticia/fmf-cancela-trofeu-inconfidencia-cruzeiro-abre-mao-de-titulo-e-uberlandia-e-declarado-campeao.ghtml>

6 - **Campeonato Mineiro 2023 terá novo formato e VAR em todos os jogos.** Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/campeonato-mineiro/noticia/2022/10/24/campeonato-mineiro-2023-tera-novo-formato-e-var-em-todos-os-jogos-veja-detalhes-e-grupos.ghtml>

7 - **Federações reservam seis datas para o retorno da Copa Sul-Minas já em 2023.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/10/17/federacoes-reservam-seis-datas-para-o-retorno-da-copa-sul-minas-ja-em-2023.htm>

8 - CBF anuncia novas medidas de auxílio financeiro a clubes e Federações. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-anuncia-novas-medidas-de-apoio-a-clubes-e-federacoes>

9 - Dívidas de clubes com CBF triplica durante a pandemia após ajuda emergencial. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2022/04/20/divida-de-clubes-com-cbf-triplica-durante-a-pandemia-apos-ajuda-emergencial.htm>

10, 11 - Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B2CGRB>

12 - Disponível em: <http://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2021-08-06;14193>

13 - Após assembleia, Valério se torna, oficialmente, Sociedade Anônima de Futebol (SAF). Disponível em: <https://defatoonline.com.br/apos-assembleia-valerio-se-torna-oficialmente-sociedade-anonima-de-futebol-saf/>

14 - O que é a SAF, modelo que virou sensação no futebol brasileiro? Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2022/02/22/o-que-e-a-saf-a-nova-paixao-dos-clubes-brasileiros.htm>

15 - Vice-campeão do Mineiro, time propositivo e clube-empresa: conheça o Tombense, rival do Vasco. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/futebol/noticia/vice-campeao-do-mineiro-time-propositivo-e-clube-empresa-conheca-o-tombense-rival-do-vasco.ghtml>

16 - Justiça aceita denúncia do MPMG, e ex-dirigentes do Cruzeiro e empresários se tornam réus. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/justica-aceita-denuncia-do-mpmg-e-ex-dirigentes-do-cruzeiro-e-empresarios-se-tornam-reus.ghtml>

16 - Cruzeiro comunica renúncia do presidente Wagner Pires de Sá. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/cruzeiro/cruzeiro-comunica-renuncia-do-presidente-wagner-pires-de-sa/>

17 - Cruzeiro comunica renúncia do presidente Wagner Pires de Sá. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/cruzeiro/cruzeiro-comunica-renuncia-do-presidente-wagner-pires-de-sa/>

18 - Retrospectiva 2020 | Cruzeiro: veja números, compare as escalas e relembre tudo que aconteceu no ano cruzeirense. Disponível em: <https://bolaprafrente.uai.com.br/2021/01/02/retrospectiva-2020-cruzeiro-veja-numeros-compare-as-escalacoes-e-relembre-tudo-que-aconteceu-no-ano-cruzeirense/>

19 - Retrospectiva: Cruzeiro amargou fracassos no futebol em ano de reconstrução. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2020/12/31/noticia_cruzeiro,3882139/retrospectiva-cruzeiro-amargou-fracassos-no-futebol-em-ano-de-reconstrucao.shtml

20 - Ronaldo Fenômeno anuncia compra do Cruzeiro por R\$ 400 milhões. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/ronaldo-fenomeno-confirma-compra-do-cruzeiro.ghtml>

21 - Direção do Conselho vê venda da SAF lesiva ao Cruzeiro e pede equilíbrio. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2022/03/16/noticia_cruzeiro,3963433/direcao-do-conselho-ve-venda-da-saf-lesiva-ao-cruzeiro-e-pede-equilibrio.shtml

22 - Sérgio Santos Rodrigues volta a defender SAF e diz que não é um negócio 'lesivo ao Cruzeiro'. Disponível em: <https://www.lance.com.br/cruzeiro/sergio-santos-rodrigues-volta-a-defender-saf-e-diz-que-nao-e-um-negocio-lesivo-ao-cruzeiro.html>

23 - Jogadores do Cruzeiro anunciam greve por causa de salários atrasados. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/jogadores-do-cruzeiro-cogitam-greve-por-causa-de-salarios-atrasados.ghtml>

24 - Torcida faz festa após Cruzeiro garantir acesso na Série B. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10958390/>

25 - Cruzeiro conquista Série B sem entrar em campo e se torna campeão mais antecipado da história . Disponível em: Cruzeiro conquista Série B sem entrar em campo e se torna campeão mais antecipado da história <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/09/30/cruzeiro-conquista-serie-b-sem-entrar-em-campo-e-se-torna-campeao-mais-antecipado-da-historia.ghtml>

26 - CRUZEIRO SAF: O INÍCIO DE UMA NOVA ERA. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/esporte-legal/post/2021/11/29/cruzeiro-saf-o-inicio-de-uma-nova-era.ghtml>

27 - Cruzeiro resgata e consolida a prática da parceria. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2006/04/17/ult1334u836.jhtm>

28 - POR ONDE ANDA? Fora do futebol, Itair Machado recorda polêmicas e diz não sentir falta da vida de dirigente. Disponível em: <http://www.euamoipatinga.com.br/noticias/noticias.asp?codigo=2391>

29 - Presidente do Betim formaliza volta do clube para Ipatinga. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/grande-minas-valles/noticia/2013/11/presidente-do-betim-anuncia-volta-do-clube-para-ipatinga.html>

30 - CBF confirma rebaixamento do Ipatinga para a série D do Brasileiro. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/grande-minas-valles/noticia/2014/02/cbf-confirma-rebaixamento-do-ipatinga-para-serie-d-do-brasileiro.html>

31 - Reunião do Conselho Deliberativo aprova encaminhamento de SAF no Ipatinga. Disponível em: <https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0098414-reuniao-do-conselho-deliberativo-aprova-encaminhamento-de-saf-no-ipatinga#:~:text=Segundo%20levantamento%20preliminares%2C%20as%20od%C3%ADvidas,ex%2Dintegran-tes%20de%20comiss%C3%B5es%20t%C3%A9gnicas>

32 - Sensação no passado, Ipatinga pode voltar à elite mineira após quase fechar. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/07/20/sensacao-no-passado-ipatinga-pode-voltar-a-elite-mineira-apos-quase-fechar.html>

33 - Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/grande-minas-vaes/noticia/fora-de-combate-montes-claros-esporte-clube-anuncia-desistencia-da-segunda-divisao-do-mineiro.ghtml> acesso em 03.10

34 - Empresário investe em time de futebol no Norte de Minas. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/minas-s-a/empresario-investe-em-time-de-futebol-no-norte-de-minas-1.2684430>

35 - North Esporte Clube anuncia contratação do meia-atacante Jorge Henrique. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/grande-minas-vaes/noticia/2022/06/30/north-esporte-clube-anuncia-contratacao-do-meia-atacante-jorge-henrique.ghtml>

36 - História e presença no Brasil. Disponível em: <https://www.novonordisk.com.br/about/historia-e-presenca-no-brasil.html>

37 - Fábrica da Novo Nordisk em Montes Claros é eleita a melhor empresa para se trabalhar em Minas Gerais pelo segundo ano consecutivo. Disponível em: <https://www.doisamaisfarma.com.br/noticias/fabrica-da-novo-nordisk-em-montes-claros-e-eleita-a-melhor-empresa-para-se-trabalhar-em-minas-gerais-pelo-segundo-ano-consecutivo/>

38 - Athletico-PR se despede de Nikão e meia fica livre para acertar com o São Paulo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/athletico-pr-se-despede-de-nikao-e-meia-fica-livre-para-acertar-com-o-sao-paulo,degdf2d7781c4a45739e5aa82e5ff2fo8kmp799.html>

39 - Dandão é do Funorte. Disponível em: <https://onorte.net/esporte/dand-o-e-do-funorte-1.508845>

40 - Montes Claros FC reencontra torcida na estreia em casa contra o Valério. Disponível em: <http://ge.globo.com/mg/grande-minas-valles/noticia/2013/08/montes-claros-fc-reencontra-torcida-na-estrela-em-casa-contra-o-valerio.html>

41, 42, 43 - Estádio de Montes Claros é apenas uma promessa há 40 anos. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/02/27/interna_politica,353234/estadio-de-montes-claros-e- apenas-uma-promessa-ha-40-anos.shtml

44 - Prefeitura desapropria estádio abandonado e invadido pelo mato em Montes Claros. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/02/11/interna_gerais,497199/prefeitura-desapropria-estadio-abandonado-e-invadido-pelo-mato-em-montes-claros.shtml

45 - Sede social do América Teófilo Otoni é leiloada em R\$ 1,2 milhões. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/07/sede-social-do-america-teofilo-otoni-e-leiloada-em-r-12-milhoes>

46 - Athletic descarta vender mando na semifinal do Mineiro e pedirá 2º jogo contra Cruzeiro em São João del Rei. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/futebol/campeonato-mineiro/noticia/2022/03/19/athletic-descarta-vender-mando-na-semifinal-do-mineiro-e-pedira-2o-jogo-contra-cruzeiro-em-sao-joao-del-rei.ghtml>

47 - América-TO foi valente, mas perdeu nos acréscimos para o Cruzeiro: 2 a 1. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2011/02/26/noticia_interior,178113/america-to-foi-valente-mas-perdeu-nos-acrescimos-para-o-cruzeiro-2-a-1.shtml

48 - MANCHESTER CITY PERTO DE FECHAR COM MARIO BALOTELLI. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/manchester-city-perto-de-fechar-com-mario-balotelli>

49 - 'Azarão' do Mineiro 2011 mostra organização e tem o mesmo técnico há 4 anos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/mineiro/ultimas-noticias/2011/04/01/azarao-do-mineiro-2011-mostra-organizacao-e-tem-o-mesmo-tecnico-ha-4-anos.jhtm>

50 - Disponível em: https://www.ogol.com.br/player_results.php?id=130946&epoca_id=140&equipa_id=23447

51 - Disponível em: https://www.ogol.com.br/player_results.php?id=34610&competicao_id=784&epoca_id=140

52 - Disponível em: https://www.bolanaarea.com/estaduais_mg_div2_2009.htm

53 - ANDREY CHEGA PARA ASSUMIR A CAMISA 1. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/opiniaio/batedebate/andrey-chega-para-assumir-a-camisa-1-1.67857>

54 - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Mineiro

55 - GRATIDÃO AO ARTILHEIRO: OBRIGADO, BRUNO MINEIRO! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=irAaHEeZ-dko&ab_channel=CoimbraSports

56 - América-Tot perde patrocínio da Transportadora Ramos. Disponível em: <https://onorte.net/esporte/america-tot-perde-patrocínio-da-transportadora-ramos-1.499741>

57 - Empresa em crise gera transtornos para todos os clientes. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/10/15/internas_economia,323442/empresa-em-crise-gera-transtornos-para-todos-os-clientes.shtml

58 - Secretaria de Esporte e Lazer. Disponível em: <https://teoflootoni.mg.gov.br/secretaria-de-esporte-e-lazer/>

59 - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Associação_Atletica_Juventus_Minasnovense

60 - Cruzeiro supera marca de 54 mil inscritos no programa Sócio 5 Estrelas. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/cruzeiro-supera-marca-de-54-mil-inscritos-no-programa-socio-5-estrelas>

61 - Ney aprova zagueiro 'encostado' oferecido ao Fla. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2006/11/30/ult59u108161.jhtm>

62 - Flamengo acertou contratação de zagueiro Irineu, ex-Braga. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2006/12/24/ult59u109576.jhtm>

63 - Flamengo teve uma "República do Pão de Queijo" em 2006; relembre a história. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/04/flamengo-teve-uma-republica-do-pao-de-queijo-em-2006-relembre-a-historia>

64 - TV Banqueta - BE - João Otávio torcedor do Villa Nova - 21/01/2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6MXISeXl1YE&t=gs&ab_channel=TVBanqueta

65 - Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/hiwry/profil/spieler/640301>

66 - Disponível em: https://www.instagram.com/p/CgsZNkbv_IS/

67 - Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=Lei%20&num=843&ano=1923>

68 - De Figueira a Governador Valadares: um pouco da nossa história. Disponível em: <https://drd.com.br/de-figueira-a-governador-valadares-um-pouco-da-nossa-historia/>

69 - O surgimento das torcidas organizadas no Brasil. Disponível em: <https://guisambareando.jusbrasil.com.br/artigos/254214897/o-surgimento-das-torcidas-organizadas-no-brasil#:~:text=Elas%20surgem%20em%20um%20momento,incentivarem%20seus%20clubes%20na%20arquivancada>

70 - Galoucura e Máfia Azul: A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Livro-completo-Torcidas-Organizadas.pdf>

71 - A regulamentação das organizadas. Disponível em: <https://leiemcampo.com.br/a-regulamentacao-das-organizadas/>

72 - Nova lei amplia punição para torcidas organizadas infratoras. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/26/nova-lei-amplia-punicao-para-torcidas-organizadas-infratoras>

73 - Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/DRA-GOES-FAO-FORCA-ATLETICANA-DE-OCUPACAO-121.html>

74 - Diretoria do Democrata pretende quitar dívidas, montar time e disputar Campeonato Mineiro em 2020. Disponível em: <https://>

www.setedias.com.br/noticia/destaques/diretoria-do-democrata-pre-tende-quitar-dividas,-montar-time-e-disputar-campeonato-mineiro-em-2020/53/21580

75 - Disponível em: <http://caldense.com.br/wordpress/index.php/institucional/historia/#:~:text=No%20dia%2003%20de%20outubro,o%20jardim%20da%20fonte%20luminosa>

76 - Em busca de vaga na D, Caldense relembra ano de glória na Série A. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/12/em-busca-de-vaga-na-d-caldense-relembra-ano-de-gloria-na-serie.html>

77 - História: Domingo era dia de ir ao estádio da Lema. Disponível em: <https://pousoalegre.net/noticia/2017/04/historia-domingo-era-dia-de-ir-ao-estadio-da-lema/>

78 - O Pouso Alegre Futebol Clube. Disponível em: <http://www.tvuai.com.br/pousoalegre/pa153/futebol1.html>

79 - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pouso_Alegre_Futebol_Clube#:~:text=O%20Mascote%20do%20Pouso%20Alegre,de%20for%C3%A7a%20e%20de%20bravura

80 - Dia das Mulheres: Mineirão divulga dados sobre importação sexual. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2022/03/08/noticia_interior,3962405/dia-das-mulheres-mineirao-divulga-dados-sobre-importacao-sexual.shtml

81 - Dia das Mães: a história de Alice Neves, a mulher que “deu à luz” o Atlético-MG em 1908. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/dia-das-maes-a-historia-de-alice-neves-a-mulher-que-deu-a-luz-o-atletico-mg-em-1908.ghtml>

82 - DONA ALICE NEVES, A MADRINHA DO ATLÉTICO. Disponível em: <http://cronicasalvinegrasgalo.blogspot.com/2018/09/dona-alice->

-neves-madrinha-do-atletico.html

83 - Força e superação: a história do futebol feminino no Brasil.

Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/futebol/historia-futebol-feminino-brasil/>

84 - Novidades do Brasileiro Feminino 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileiro-feminino-2017#.WBigAfkrLIU>

85, 86 - Montar time feminino é exigência para equipes da série A.

Disponível em: <https://geglobo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia/>

87 - O retrato do público e renda no futebol feminino brasileiro.

Disponível em: <https://mercadodofutebol.com/futebol-feminino/o-retrato-do-publico-e-renda-no-futebol-feminino-brasileiro/>

88, 89 - Investimento de patrocinadores evidencia crescimento do futebol feminino no Brasil. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/investimento-de-patrocinadores-evidencia-crescimento-do-futebol-feminino-no-brasil,of1a51efd694193d81a07e09ba233db48icpjs6x.html>

90 - Tupynambás e Tupi reeditam clássico no Mineiro após 48

anos. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/esportes/23-01-2019/tupynambas-e-tupi-reeditam-classico-no-mineiro-apos-48-anos.html#goog_rewarded

91 - Rivalidade entre Mamoré e URT é contada em livro-reportagem. Disponível em:

<https://ge.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/07/>

92 - O Clássico do Milho - A Peleja do Sapo com o Trovão Azul na

Terra do Milho - Parte I. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MEbX4w3gyEI&ab_channel=THEMAFILMES

93 - Conheça Patos de Minas: a capital nacional do milho. Disponível em: <https://clubedapipoca.com/blog/patos-de-minas-capital-do-milho/>

94 - Disponível em: https://www.ogol.com.br/xray.php?equipa_id=3520&equipa_vs_equipa_id=3334&id_jogo=4248337

95 - Uberlândia passa de 706 mil habitantes e segue como a 2ª mais populosa de MG; veja as principais cidades do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/09/01/uberlandia-passa-de-706-mil-habitantes-e-segue-como-a-2a-mais-populosa-de-mg-veja-as-principais-cidades-do-triangulo-alto-paranaiba-e-noroeste.ghtml>

96 - Uberlândia x Uberaba: o futebol como confirmação e pretexto para uma rivalidade. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/coluna/2604/uberlandia-x-uberaba--o-futebol-como-confirmacao-e-pretexto-para-uma-rivalidade>

97 - A rivalidade entre Uberaba e Uberlândia. Disponível em: <https://www.skyscrapercity.com/threads/a-rivalidade-entre-uberaba-e-uberl%C3%A2ndia.1496822/>

98 - Disponível em: https://www.ogol.com.br/xray.php?equipa_id=3504&equipa_vs_equipa_id=3505

99 - Presidente do América, Alencarzinho reeleito para o seu sétimo mandato de deputado com 60.623 votos; Disponível em: <https://www.setedias.com.br/noticia/blog-do-chico-maia/159/presidente-do-america-alencarzinho-reeleito-para-seu-setimo-mandato-de-deputado-com-60283-votos/28182>

100 - Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/>

101 - Alencar da Silveira Júnior é eleito o novo presidente do América. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1TwMsKE-ozf5P83cXtdTn3K7ZCelApwg1pQJwUPO_OmA/edit

102 - Sérgio Rodrigues e Sette Câmara perdem eleição para deputado federal. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2022/10/02/noticia_interior,3977198/sergio-rodriques-e-sette-camara-perdem-eleicao-para-deputado-federal.shtml

103 - Ronaldo sobre Neymar apoiar Bolsonaro: “tem direito e não deve ser massacrado”. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/cruzeiro/ronaldo-sobre-neymar-apoiar-bolsonaro-tem-direito-e-nao-deve-ser-massacrado-1.2755525>

104 - Ronaldo tem vídeo adulterado por bolsonaristas às vésperas da eleição. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2022/10/27/noticia_cruzeiro,3978586/ronaldo-tem-video-adulterado-por-bolsonaristas-as-vesperas-da-eleicao.shtml

105 - Anastasia Governador - Comercial Alexandre Kalil e Zezé Perrella. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l4elq35TL-co&ab_channel=anastasiagov45

106 - EXPLORAÇÃO, MEDIANTE CONCESSÃO ADMINISTRATIVA, DA OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO, PRECEDIDAS DE OBRAS DE REFORMA, RENOVAÇÃO E ADEQUAÇÃO DO COMPLEXO DO MINEIRÃO, EM CONFORMIDADE COM A LEI FEDERAL Nº 11.079/2004 E A LEI ESTADUAL Nº 14.868/2003. Disponível em: https://www.compras.mg.gov.br/images/stories/ArquivosLicitacoes/PPP_mineirao/3-8-2010/anexo-ii-contrato-ppp-mineirao.pdf

107 -Reminiscencias: A Chácara Negrão de Lima. Disponível em: <http://curraldelrei.blogspot.com/2016/03/reminiscencias-chacara-negrao-de-lima.html>

108 - O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940 Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B2CGFB>

109, 110 - Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>

111 - CEO da Luarenas fala de 'queda de braço' com Governo e fim de concessão no Independência. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/ceo-da-luarenas-fala-de-queda-de-braco-com-governo-e-fim-de-concessao-no-independencia>

112 - Democrata agradece ao prefeito Duílio de Castro pelo apoio na campanha de campeão. Disponível em: <https://www.setelagoas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/democrata-agradece-ao-prefeito-duilio-de-castro-pelo-apoio-na-campanha-de-campeao/69401>